M 2014

U.PORTO

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

O Bairro e a Cidade

O espaço público como contributo à integração social: O Caso de Fujacal

VÂNIA PATRÍCIA DA SILVA GONÇALVES
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA
À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM
ARQUITECTURA

O Bairro e a Cidade

O Espaço Público como contributo á integração social
O Caso do Fujacal

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura realizada por
Vânia Patrícia da Silva Gonçalves, com orientação do Mestre José Alberto
Abreu Lage

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Porto, Setembro de 2014

Vânia Patrícia da Silva Gonçalves

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Orientação por Mestre José Alberto Abreu Lage
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Ano Letivo 2013/2014

Agradecimentos

Ao Mestre Alberto Lage, pela amizade, acompanhamento, apoio e motivação incansável.
À Câmara Municipal de Braga pela disponibilidade em ceder informações e serviços prestados.
À Arq.ª Fátima Pereira pela colaboração.
A todos que prontamente se disponibilizaram a colaborar.
À Sara, Bárbara, Margarida, Sara, Joana e Débora, pelo carinho, amizade e força.
A todos os amigos e familiares pelo apoio e presença.
Ao meu irmão, pelo carinho e apoio incondicional.
Aos meus pais, sempre presentes, pela educação, dedicação, cumplicidade e paciência. Em especial, à minha mãe, pelas longas horas de trabalho em que me acompanhou.
Ao Gonçalo, por tudo.

RESUMO

Bairro, lugar onde a casa começa na rua, para quem a rua é lugar efetivo de apropriação, de encontro, e de expressão. É o lugar que pertence à cidade e que suporta todos os tipos de vida. O bairro, com tamanho e forma, escala intermédia entre a escala da rua e da cidade, é essencial para a vida urbana.

Procuramos no passado, na evolução das cidades, e nas problemáticas atuais de fazer cidade, as bases para intervir no espaço público de hoje, convencidos de que este ainda confere identidade e qualidade ao lugar.

Partindo do estudo sobre o espaço público e da relação destes com os conjuntos habitacionais, procuramos relações, influências, e resoluções para que a requalificação do espaço público em bairros seja mote para a inclusão social.

Neste contexto, constitui-se como objeto de estudo a urbanização do Fujacal, em Braga. Hoje, esta é um espaço à margem do conceito para que foi criado. Tornou-se ao longo dos anos um lugar sem identidade e sentimento de pertença, degradado, acentuado pelo estigma social e pelo abandono do espaço público.

Desta forma, pretende-se criar uma metodologia de intervenção no espaço público que permita resolver a longo prazo os problemas que lhes estão associados, e promover a relação do bairro com a cidade. A par disto, será pertinente promover a sensibilização do envolvimento da população na requalificação do espaço público, desenvolver o sentimento de pertença, e alertar para a necessidade de criar iniciativas que asseguram mudanças efetivas.

PALAVRAS-CHAVE:
Cidade; Bairro; Espaço Público; Reabilitação; Integração

ABSTRACT

Neighbourhood, a place where the house begins in the street, for whom the street is the effective place of appropriation, meeting, and expression. It is the place that belongs to the city and that supports all forms of life. The neighbourhood, with size and shape, medium scale between the street and the city, is essential to the urban life.

We search in the past, in the evolution of cities, and in the current problems of building a city, the pillar to intervene in the public space of today, convinced that it still offers identity and quality to the site.

Based on the study of public space and their relationship with the housing, we seek associations, influences, and solutions for the requalification of the public space in the neighbourhood to be a motto for social integration.

In this context, our subject of study is the urbanization of Fujacal, in Braga. Today, a place located at the margin of the concept of its creation. It has become, throughout the years a place destitute of identity and belongingness, degraded, accentuated by the social stigma and neglect of the public space.

Thus, we intend to create a methodology of intervention in public space that allows solving in the long-term the problems that are associated, and promoting the relation between neighbourhood and city. Taking this into account, will promote awareness of community involvement in the redevelopment of public space, developing the sense of belonging, and alerting to the need to create initiatives that assure positive and effective changes.

KEYWORDS:

City; Neighbourhood; Public space; Rehabilition; Integration.

SUMÁRIO

Resumo/Abstract | iX

Abreviaturas | XV

Introdução. Objetivo. Metodologia. | 1

I. **Conceito, Evolução e Considerações sobre o Espaço Público**
1.1 Espaço público e da cidade | 11
1.2 Crise do Espaço Público | 37

II. **Intervir no Espaço Público**
2.1 Espaço Público - Elemento organizador da cidade | 47
2.2 Formas/Tipologias de Espaço Público | 55
2.3 Habitação Social | 61
2.4 Conjuntos Habitacionais e o Espaço Público | 65

III. **Da cidade de Braga ao Bairro do Fujacal**
3.1 Evolução da estrutura urbana de Braga | 75
3.2 Enquadramento | 87
3.3 Caracterização social e económica | 91
3.4 Análise e caracterização física
3.4.1 Morfologia urbana | 93
3.4.2 Acessibilidades | 97
3.4.3 Usos Funcionais | 100
3.4.4 Principais Problemas | 102
3.4 Espaço Público e Espaço Coletivo
3.4.1 A rua | 109
3.4.2 Os Espaços Coletivos | 111
3.4.3 Os Espaços Verdes | 113

IV. **Propostas de Intervenção – Construir no Construído**
4.1 Conjuntos Habitacionais Reabilitados | 117
4.2 Objetivos da Proposta | 123
4.3 Estratégia para a Requalificação do Espaço Público | 127

V. **Conclusão** | 137

VI. **Fontes** | 143

VII. **Anexos** | 157

VIII. **Apêndices**| 186

Abreviaturas e siglas

ADB – Arquivo Distrital de Braga

AMCMB – Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Braga

CMB – Câmara Municipal de Braga

DGOTDU – Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano

IBC – Iniciativa Bairros Críticos

IHRU – Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana

PDM – Plano Director Municipal

POLIS – Programa Nacional de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental

PRAUD – Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas

PRID – Programa de Recuperação de Imóveis Degradados

PROQUAL – Programa Integrado de Qualificação de Áreas Urbanas

PRU – Programa Reabilitação Urbana

SAAL – Serviço Ambulatório de Apoio Local

SWOT – Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats (Análise SWOT/FOFA - Força, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças)

URBAN – Programa Europeu que visa a revitalizar áreas urbanas onde existe uma forte degradação

URBCOM – Sistema de Incentivos a Projectos de Urbanismo Comercial

A presente dissertação foi redigida ao abrigo do novo acordo ortográfico.
As imagens apresentadas foram modificadas pela autora nas tonalidades, em virtude de uma melhor apresentação do presente trabalho.

INTRODUÇÃO

"O espaço público não é o espaço residual entre o que está construído e o espaço viário. Há que considerá-lo como elemento ordenador do urbanismo, seja qual for a escala do projeto urbano. É o espaço público que pode organizar um território que seja capaz de suportar diversos usos e funções, e que tem a capacidade de criar novos lugares. Este deve ser um espaço de continuidade e diversificado, e ao mesmo tempo, deve ser o organizador do bairro e da cidade, e o estruturador da região urbana. O espaço público é o espaço de expressão coletiva, da vida comunitária, do encontro e das trocas quotidianas."[1]

[1] BORJA, Jordi, *El espacio publico: ciudad y ciudadanía,* p. 68

A cidade é o lugar de diversas formas de comunicação e de encontro, de diversidade de culturas, e de inúmeras oportunidades. É neste sentido que a qualidade do urbano se reflete no espaço público, pois é este que organiza o território e tem a capacidade de criar novos lugares e novas dinâmicas na vida quotidiana.[2]

No entanto, ao longo dos últimos anos a cidade tem-se deparado com uma fase de mudanças e incertezas no que diz respeito ao espaço público. A cidade apresenta-se com uma clara desordem na articulação da estrutura urbana.

Hoje, o conceito de cidade perdeu as suas características canónicas, e consequentemente o espaço público também, devido aos fenómenos de transformação e de crescimento da cidade. As cidades adotaram um carácter multiescalar, apontando novas formas urbanas, novos tipos de aglomerações e novos lugares diluídos no território.

Perante isto, o espaço público, espaço físico para a manifestação das diferenças e das opiniões diversas, assume-se como locais de passagem, desintegrados e isolados nas novas formas urbanas.

Da mesma forma, deparamo-nos com a diminuição do poder da esfera pública, com a diminuição das relações do ser humano na rua, e com uma sociedade que tende a ser cada vez mais individual, provocando uma crise no espaço público da cidade.

Todavia, e apesar da descontinuidade e da fragmentação dominar o território atual, o espaço público é um elemento essencial na organização da forma urbana e de identidade de qualquer população, devendo garantir-se a sua existência e ajustando-se às necessidades atuais.

Simultaneamente, após a Segunda Guerra Mundial, o desejo de resolver o problema da habitação levou ao surgimento de novos modelos urbanos, que tentavam integrar-se na estrutura urbana da cidade.

[2] BORJA, Jordi, *El espacio publico: ciudad y ciudadanía,* p. 41

No entanto, os espaços públicos destes novos conjuntos habitacionais tendem a ser fechados para si mesmo, não sendo percetível a relação público/privado.

Assim, é possível perceber que grandes partes dos problemas nos conjuntos habitacionais centram-se no isolamento do conjunto e da relação deste com a cidade, aumentando a exclusão social. Ao mesmo tempo, a concentração de população económica e socialmente carenciada e a falta de manutenção do espaço público, promovem a degradação do espaço urbano.

Foi neste sentido que a urbanização do Fujacal, em Braga, surgiu como objeto de estudo do presente trabalho. Efetivamente, é um lugar que nunca sofreu qualquer intervenção desde a sua construção, em 1981, ao abrigo do *Plano de Pormenor do Fujacal*, e que não estabelece relações com a cidade, tornando-se numa área muito encerrada para o interior do quarteirão.

OBJETO

O caso de estudo que se apresenta na dissertação é a Urbanização do Fujacal, localizado em Braga. É um bairro habitacional, a sul do centro histórico da cidade e a norte do rio Este, que foi construído por iniciativa camarária em 1981.

Ao longo dos anos tem-se vindo a assistir à degradação das construções, do espaço público, e ao abandono de muitas lojas comerciais, em grande parte por nunca terem tido apoio da Câmara Municipal de Braga e de entidades privadas para a manutenção e pela degradação social de todo o conjunto.[3]

[3] "Este bairro carece de uma intervenção séria quase desde o início da sua existência, com não foi bem concebido e a promotora, a Câmara Municipal de Braga, tem vindo a ignorar a responsabilidade (…) A par da degradação do espaço público e do estado de total abandono de estabelecimentos comerciais, as garagens de muitos dos edifícios constituem uma cenário dantesco, não sendo utilizáveis", in Diário do Minho, Braga, 23 de Setembro de 2013

OBJETIVOS

"O espaço público define a qualidade porque indica a qualidade de vida da gente e a qualidade da cidadania dos seus habitantes. Deve-se dar prioridade aos espaços públicos como estratégia de fazer cidade sobre cidade."[4]

Hoje, a revitalização das cidades passa pela requalificação do espaço público e pela relação destes espaços com a envolvente que lhes é próxima, de forma a promover a dinâmica urbana e a satisfazer as necessidades de quem usufrui do espaço urbano quotidianamente.[5]

Assim, o propósito desta dissertação de mestrado será integrar o Bairro do Fujacal na envolvente próxima, requalificar o espaço público, promover a coesão social e mobilizar o envolvimento dos moradores.

A par disto, parece-nos pertinente refletir sobre os motivos pelo qual a urbanização do Fujacal foi construída e quais as razões que levam a população a não frequentarem este lugar. Por outro lado, quer-se ainda refletir o modo como a arquitetura e o desenho do espaço público podem contribuir para uma maior qualidade de vida para o homem.

Simultaneamente é importante perceber-se quais são as novas necessidades do homem, quais as novas formas de espaços habitacionais económicos e espaços públicos para que estes possam dar resposta a uma problemática que afecta todos os habitantes da cidade.

Pretende-se, também, apresentar uma estratégia de intervenção no espaço público do Bairro do Fujacal com o intuito de integrar este conjunto habitacional na cidade, relacionando-o com a envolvente próxima e melhorando as condições do espaço público existente.

[4] BORJA, Jordi, *El espacio publico: ciudad y ciudadanía,* p. 25
[5] BANDEIRA, Miguel, in Diário do Minho, Braga, 30 de Setembro de 2008

Propõe-se, assim, uma reestruturação e dinamização do espaço público, redefinindo os espaços públicos existentes, aferindo a rede viária, e propondo novos equipamentos, que sirvam todos os moradores do bairro.

Deste modo, pretende-se que o Bairro do Fujacal se ligue e se relacione com a envolvente próxima, promovendo as relações e a integração deste bairro e dos seus habitantes, pondo término à relutância dos restantes cidadãos que por lá tentam não passar.

METODOLOGIA

Para a elaboração do presente trabalho constituíram como importante suporte o Arquivo Distrital de Braga e o Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Braga. Estas fontes foram fundamentais para a consulta e obtenção dos processos desenhados e escritos que dizem respeito ao caso de estudo, permitiram-nos uma aproximação à obra e uma informação mais pormenorizada sobre o local.

Importa referir as fontes de consulta que se mostraram fundamentais para a elaboração desta dissertação, para além dos já referidos arquivos, como *A Morte e Vida de Grandes Cidades*, de Jane Jacobs, o *El Espacio Público: ciudad y ciudadania*, de Borja Jordi, *A Imagem da Cidade* e *A Boa Forma da Cidade*, de Kevin Lynch, a *Historia de la Forma Urbana*, de A.E.J Morris, *A Cidade na História*, de Mumford Lewis, *La Evolucion de la Forma del Espacio* Publico, de Angélique Trachana, Braga *Evolução da Estrutura Urbana*, de Eduardo Pires de Oliveira. De salientar ainda o acesso à prova de doutoramento do Arq.º Rodrigo Coelho, *Formas e Desígnios do Espaço Público na Cidade Contemporânea*, apresentada em 2011 à FAUP.

Para a realização deste trabalho, foi necessário realizar visitas ao local e um levantamento fotográfico, afim de perceber o existente e os pontos fortes e fracos deste conjunto habitacional.

Simultaneamente, recorreu-se a inquéritos realizados à população residente e à Associação de Moradores, e ainda à pesquisa de notícias que relatassem acontecimentos referentes à urbanização do Fujacal.

De um modo geral, o trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, procuramos perceber e enquadrar a evolução do espaço público na cidade, e de que forma estes espaços são estruturantes para toda a forma urbana. Além disto, estudamos a problemática atual que afeta os centros urbanos, o abandono do mesmo e a "morte" do espaço público.

O segundo capítulo centra-se no estudo do conceito do espaço público, nas suas formas e tipologias, na sua relação com a habitação social, e o modo como este é pensado ao longo dos tempos. A par disto, analisamos a forma de como se pode intervir no espaço público tornando-os numa mais-valia para todos os cidadãos, tendo por base alguns exemplos de intervenções em zonas habitacionais problemáticas.

No terceiro capítulo, enquadramos a evolução da estrutura da cidade de Braga, abrangendo ainda a urbanização do Fujacal. A par deste caso de estudo, analisamos os tipos de acessibilidades, os usos, e os principais problemas existentes nesta área da cidade. Ao mesmo tempo, estudamos e caracterizamos todas as formas de espaço público que estruturam toda a urbanização, de forma a perceber as suas dinâmicas e potencialidades.

Finalmente, no quarto e último capítulo, culminamos este estudo enunciando uma linha de intervenção e de reestruturação do espaço público, de modo a abrir-se para a cidade, a estabelecer relações com a sua envolvente próxima, e procurando recuperar a sua identidade e estimular novas dinâmicas na urbanização.

I.

CONCEITO, EVOLUÇÃO E CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO PÚBLICO

ESPAÇO PÚBLICO E A CIDADE

"O espaço público deve ser considerado o fundador da cidade (poder-se-á dizer em todas as épocas e em todos os regimes); no fundo, o espaço público é a cidade."[6]

O espaço público é um importante fator de identificação de cada cidade e um elemento fundamental para estruturar e organizar a forma urbana, permitindo que o funcionamento do sistema urbano seja equilibrado.

Este elemento definidor da forma urbana é determinante para a sociabilização da vida urbana por constituir lugares de manifestações diárias, por acolher uma diversidade de grupos sociais, e ainda, por contribuírem para a qualidade de vida de todos os cidadãos.

Falar em espaço público sem conhecer os processos que modificaram e influenciaram a cidade desde dos seus primórdios até à contemporaneidade seria negar a cidade e rejeitar a vida coletiva.

Ao longo dos tempos, em particular desde do séc. XIX, o espaço urbano sofreu muitas transformações, destruições e reconstruções, que estão relacionadas com diferentes acontecimentos históricos (guerras, revoluções, mudanças sociais, etc.), no modo como se produz e constrói a cidade.

Estes acontecimentos históricos, aliado ao aumento de número de pessoas, conduziram à procuram as cidades, e consequentemente com o aumento das construções e de uma gestão urbana de forma controlada e protecionista[7], levou a que o conceito de espaço público sofresse algumas modificações, assumindo-se, então, como o espaço de acesso livre e uso comum.

[6] INDOVINA, Francesco, *O Espaço Público, Tópicos sobre a sua mudança. Cidades, Comunidades e Territórios*, Nº 5, p.119

[7] ACHER, François, *Novos Princípios Urbanos seguidos de Novos Compromissos Urbanos. Um Léxico*, pp. 21-22

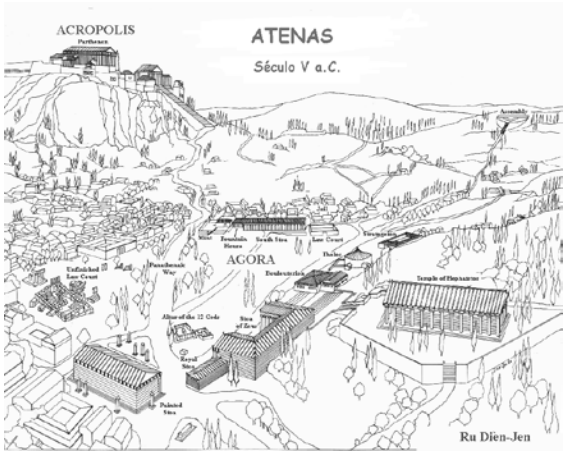


Fig.1 - Cidade de Atenas

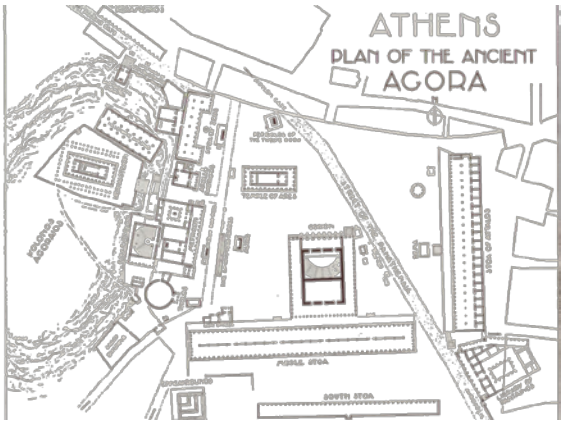


Fig.2 – Ágora de Atenas

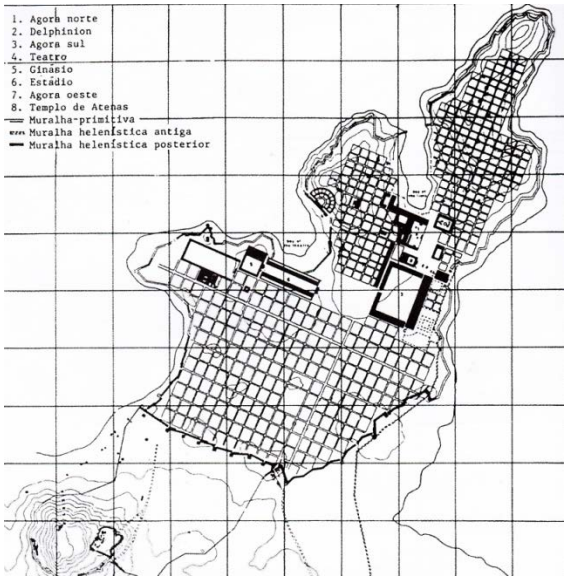


Fig.3 – Plano da cidade de Mileto

Assim, as cidades foram crescendo progressivamente em tamanho e produtividade, sem critérios de grande relevância para a qualidade de vida das pessoas que nela habitavam, pois a grande necessidade do homem foi encontrar um lugar para se abrigar.

Deste modo, a criação do espaço envolvente ficaria para segundo plano, começando por ser privado para se tornar gradualmente em espaço público.

No entanto a noção de espaço público nasce da evolução da cidade grega[8] e romana, pois *"os tipos de espaços públicos que se deram nas cidades ocidentais europeias e que se transmitiram nos outros continentes, onde dominava o ocidente, descendem dos arquétipos da Ágora grega e do Fórum romano"*[9], sendo possível verificar que a estrutura urbana destas cidades era organizada a partir dos espaços públicos, em grande parte devido ao sistema social existente.

Os valores comuns da cidadania grega concentravam-se na pólis grega, que era caracterizada pela Acrópole, local com funções sagradas e defensivas, e pela Ágora, centro da vida quotidiana, política, cultural e espiritual da cidade.

Os edifícios que se localizavam neste espaço central tinham um cariz singular e cuidadoso por organizarem toda a estrutura urbana. É neste espaço principal e central, em volta do santuário, que se situa a Ágora, a "praça", com edifícios de funções administrativas e jurídicas[10].

Simultaneamente, a Ágora, *"que geralmente constituía a envolvente dos edifícios da acrópole, era um espaço fluido e aberto que se fundia com a natureza. A organização do espaço segundo esta ordem "natural", correspondia a um comportamento humano livre, espontâneo e igualitário"*[11].

[8] Segundo Lewis Mumford, no livro *A cidade na história*, foi em Creta que começou o desenvolvimento das cidades naquela parte do mundo a partir do séc. VII a.C. As cidades lá localizadas cresciam ao longo de declives ou junto às colinas, de modo a permitir uma vida segura.

[9] TRACHANA, Angélique, *La Evolucion de la Forma del Espacio Publico*, p. 10

[10] LAMAS, José M. Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, pp. 139-140

[11] TRACHANA, Angélique, op. cit. p. 22

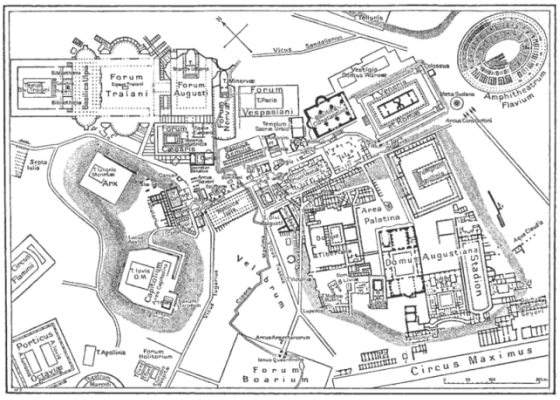


Fig.4 – Planta da cidade de Roma

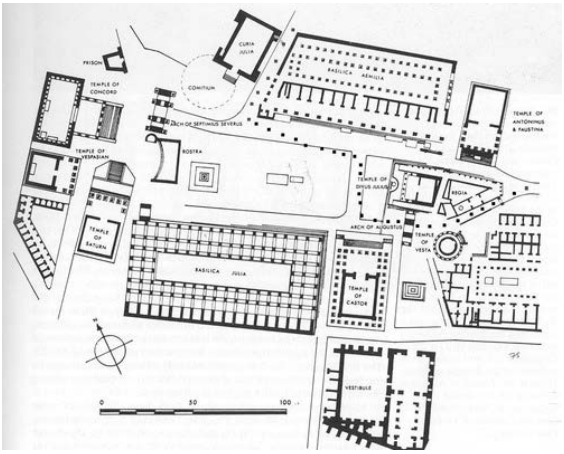


Fig.5 – Planta do Fórum de Roma

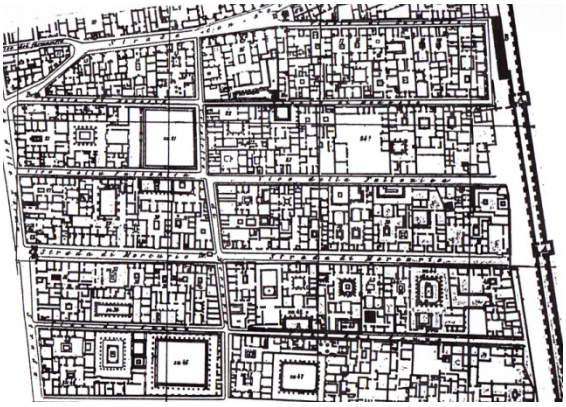


Fig.6 – Pompeia. Planta de um sector com quadras ou quarteirões e o parcelamento em *insulae* (vivendas, pátios em 1 e 2 pisos)

Tal como nas cidades gregas, as cidades romanas eram muito influenciadas pela região onde se localizavam. A cidade romana orientava-se de este a oeste e era organizada segundo dois eixos principais perpendiculares entre si, o *Decumanus* e o *Cardo*[12].

Ao contrário dos gregos, que procuravam integrar a arquitetura com a natureza, nos romanos predominava um sentido grandioso e monumental, de modo a traduzir a supremacia do Império e o poder político-social[13].

> *"Algumas categorias de espaços e de elementos morfológicos são já utilizadas com significado próprio na Grécia e em Roma: a rua, lugar de comércio, de circulação; a praça – lugar de encontro cívico-social, lugar nobre e de prestígio, quer se chamasse ágora ou fórum; o monumento, a obra de "engenharia", de infra-estrutura – como elemento morfológico preponderante na estrutura e na imagem da cidade."*[14]

Nas cidades romanas o espaço é concentrado e maciço. Ao mesmo tempo, e tal como a Ágora nas cidades gregas, o centro urbano tinha início no fórum romano e desempenhava as mesmas funções de espaço de troca de informação, debates de assuntos políticos, local religioso e de cultura, e de comércio. Contudo, este espaço era distinto das cidades gregas, pois era nele que se concentravam os diferentes edifícios públicos e religiosos à volta de uma praça retangular e delimitada.

Após a queda do Império Romano, o ritmo do crescimento demográfico diminuiu, assistiu-se ao decréscimo da vida urbana, e a instabilidade política e social tomou conta das cidades.

É apenas entre os séculos X e XI que se verifica uma nova estabilidade política e um crescimento do comércio.

[12] LAMAS, José M. Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, p. 144
[13] MORRIS, A.E.J., *Historia de la Forma Urbana*, p.58
[14] Op.cit., p. 148

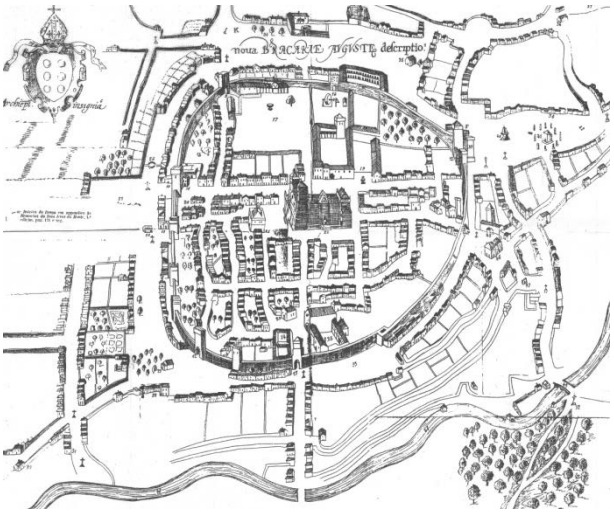


Fig.7 – Braga Medieval, 1594



Fig.8 – Plano da *Bastides* francesa de Ville Réal



Fig.9 – Plano da *Bastides* francesa de Montpazier

As cidades medievais provinham frequentemente das antigas cidades romanas, dos burgos que se instalavam na periferia da cidade romana, de antigos santuários fora das cidades romanas, e ainda, de novas cidades, que se tinham desenvolvido a partir de bases comerciais e militares.

Com o crescimento demográfico, as mudanças funcionais, como as novas instalações de ordens militares e religiosas, e a falta de espaço dentro do perímetro amuralhado, a estrutura da cidade da Idade Média sobrepôs-se ao traçado ortogonal romano. Contudo, esta sobreposição dos traçados não tem uma regra definida, de modo a que se foi perdendo a estrutura original romana, sendo caracterizada pela sua forma orgânica.[15]

Nas cidades com bases militares e comerciais, as *bastides*, é possível depararmo-nos com um traçado geométrico e com recurso à quadrícula para a divisão do solo, conduzindo a formas espaciais mais regulares.

> *"Assim, a formação da cidade medieval vai processar-se organicamente por desenvolvimento das antigas estruturas romanas ou pela fundação de cidades novas organizadas segundo um plano regulador (…) abandona-se a escala monumental das cidades romanas em favor de uma morfologia mais intimista."*[16]

O elemento principal do espaço urbano medieval era a rua. As ruas, que delimitavam os quarteirões, eram adaptadas aos peões e as praças rigorosamente desenhadas para usos diversos. Assim sendo, a cidade medieval tinha como premissa a circulação pedonal e um importante papel no desenvolvimento do comércio, que se localizava no piso térreo dos edifícios.

Simultaneamente, "o mercado corresponde à principal razão da cidade como lugar de trocas e serviços"[17] e, justaposta ao mercado, existia a praça da igreja. Estas praças geralmente irregulares, sem desenhos prévios, resultavam de um vazio da própria estrutura urbana[18].

[15] MORRIS, A.E.J., *Historia de la Forma Urbana*, p. 98
[16] LAMAS, José M. Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, pp. 151-152
[17] Op.cit., pp. 108-109
[18] A praça medieval tinha funções comerciais, sociais e religiosas. É na Idade Média que estes espaços públicos começam a ser relacionados com o conceito de praça europeia do Renascimento, Idem, p.110



Fig.10 – Cidade ideal renascentista. Palma Nuova, Scamozzi



Fig.11 – *Place Vendôme, Paris*



FIg.12 – *Place des Vosges, Paris*

É com o Renascimento, entre o período do séc. XV até aos finais do séc. XVIII, que se assiste à mudança intelectual e à oposição ao "misticismo" medieval, e se encontra um novo estilo nas artes, na arquitetura e no urbanismo.

A cidade assumiu-se como um palco de manifestações político-sociais, um lugar com simbolismo e poder. Contudo, são os pintores, geómetras e matemáticos, que desenvolvem o espaço urbano, exploram a noção de perspetiva e da disciplina geométrica, opondo-se às cidades medievais[19].

Com o Renascimento criam-se novas cidades onde são aplicadas os estereótipos das cidades renascentistas, "cidades ideais", por razões militares como é o caso da cidade de *Palma Nuova*, em Itália. Assiste-se, também, à reestruturação da rede viária com abertura de novas ruas, com a criação de novos espaços públicos, a praça, bem como arruamentos retilíneos e a expansão para além muralhas.

A rua, tal como na cidade medieval, assume-se como um elemento importante para todo o sistema de circulação na estrutura urbana. É nesta época que o traçado passa a ser retilíneo, por razões estéticos e perspéticos, e que se torna num palco onde tudo acontece. É pela rua que se mantém o acesso aos edifícios e por isso as fachadas dos mesmos tornam-se em elementos com bastante importância quer a nível funcional, quer a nível hierarquizante.

Contudo, os grandes traçados viários por si só não preenchem todo o espaço urbano, por isso os elementos principais na organização urbana clássica são também a quadrícula geométrica, que preenche os espaços entre os traçados e organiza a divisão dos lotes, e a praça[20], lugar especial, público, com valor simbólico e artístico, onde se concentram os principais edifícios e monumentos da cidade.

[19] *"Para Alberti, a cidade deve constitui-se com o objectivo do prazer austero da geometria. A forma radioconcêntrica consubstância esta perfeição geométrica, como na proposta de Filarete, em que radiais ligam as portas da cidade ao seu centro-praça – lugar dos edifícios públicos. A forma radioconcêntrica é objecto de numerosas especulações renascentistas que a perfilham para o traçado da "cidade ideal"."*, LAMAS, José M. Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, p. 168

[20] Segundo Morris, no livro *Historia de la Forma Urbana*, as praças poderiam ser divididas em "espaços destinados ao tráfego; os espaços residenciais; e os espaços pedonais."



Fig.13 – Praça de S. Pedro, Roma

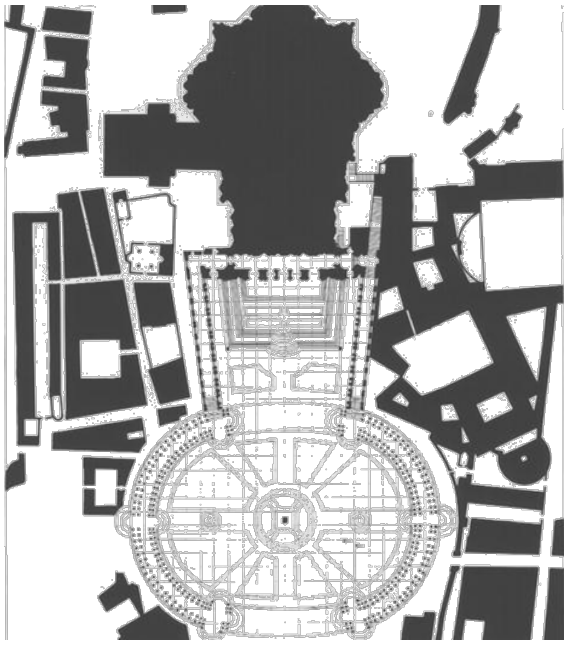


Fig.14 – Planta da Praça de S. Pedro, Roma

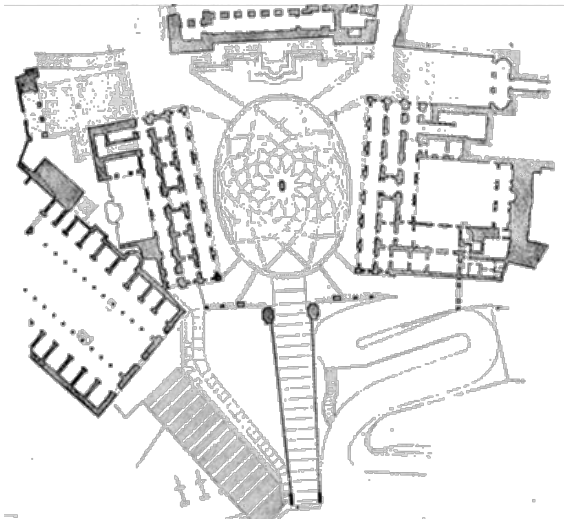


Fig.15 – Planta da Praça do Capitólio, Roma

Embora entre o Renascimento e o Barroco exista alguns elementos que se relacionem, há também algumas diferenças entre a forma como vêem a arquitetura e o urbanismo.

Enquanto a cidade renascentista se assume como um espaço equilibrado, a cidade barroca pretende, através do desenho e da geometria, criar um espaço urbano com grandes movimentos, com emoção e dinâmica[21].

A rua, também elemento essencial para a estrutura urbana, assume um carácter cénico, simbólico e lúdico, com grandes movimentações, cortejos e procissões, sendo pontuada com monumentos, sejam eles religiosos ou políticos, de modo a unir os pontos-chave da cidade. A integração da arborização nos traçados passa a ser uma importante arte, quer por razões estéticas, quer pelo clima.

A praça, tal como nas cidades renascentistas, adquire um valor extremamente simbólico e artístico, por serem o palco da vida social e política, enquadrando os monumentos emblemáticos da cidade, tais como os obeliscos e as estátuas.

Assim, é possível perceber que a Europa entra numa nova fase cultural e artística que perdura até ao séc. XX, com o aparecimento do Movimento Moderno.

Contudo, os elementos que estruturam o espaço urbano, as ruas, as avenidas, as praças, os parques, acompanham a evolução das diferentes formas urbanas e assumem um papel importante como elementos organizadores e reguladores de toda a forma e estrutura urbana.

[21] Em Contraste com a arte do Renascimento, que tende à permanência e imobilidade de todas as coisas, o Barroco manifesta, desde o seu início, um grande sentido de direção e movimento. Já a arte do Renascimento é a arte da calma e da beleza, as suas criações são perfeitas, não revelam que nada foi forçado ou inibido, nem inquietações ou agitação. O Barroco propõe operar de outro modo, recorre ao poder da emoção para comover e subjugar com a força do seu impacto; tende a dar uma impressão instantânea, enquanto o impacto de uma obra do Renascimento é mais suave e lento, é também mais duradouro O momentâneo de emoção que exerce o Barroco é poderoso, mas abandona-nos logo, deixando-nos um sentimento de desolação. MORRIS, A.E.J., *Historia de la Forma Urbana*, pp. 177-178



Fig.16 – Cidade Industrial, complexos habitacionais. *Vichy*, França

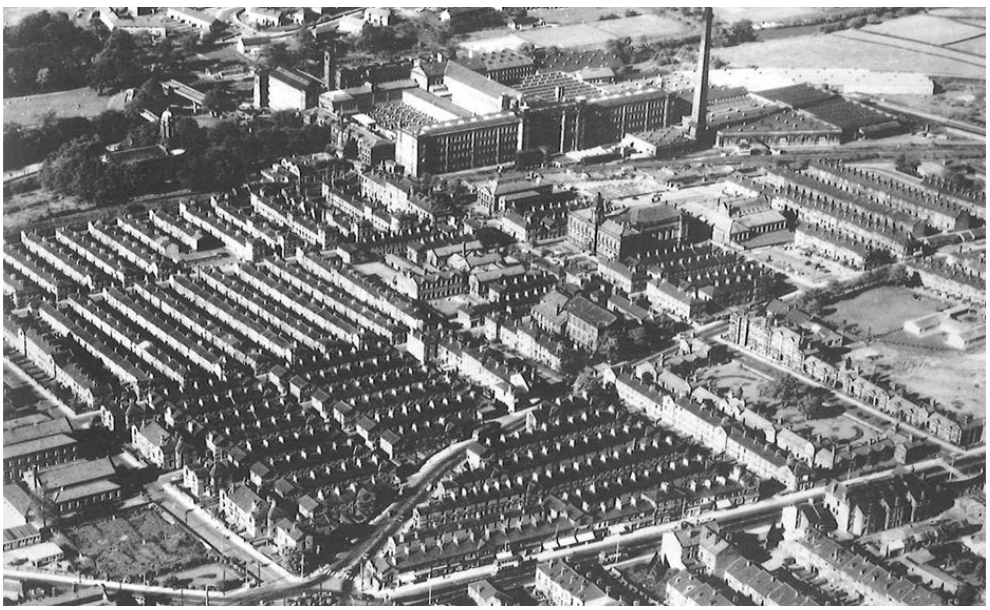


Fig.17 – Cidade Industrial, complexos habitacionais. Saltaire, West Yorkshire, Inglaterra

O século XIX é geralmente conhecido como o "século de charneira" na história das formas urbanas, pois permite-nos ver com clareza a rutura com as estruturas que lhe antecederam. [22]

Com a Revolução Industrial[23] e a transformação de pensamento, aliada ao desenvolvimento das ciências, ao capitalismo industrial e o forte crescimento demográfico, impulsionado pela industrialização, permitiu uma reviravolta no conceito de cidade para se adaptar às novas exigências da produção e das trocas mercantis, através de grandes vias de comunicação, de uma vasta rede elétrica, e de uma construção rápida e em grandes quantidades.[24]

Este rápido aumento demográfico provocou uma rutura morfológica ao nível da dimensão, da escala e da forma da cidade. Assim, e apesar de esta seguir as regras tradicionais de composição da estrutura urbana, ruas, avenidas, praças, e o quarteirão para organizar e dividir os lotes, a cidade do séc. XIX deixa de ser um "corpo" limitado por muralhas, para passar a ser dispersa no território.

Com isto, a cidade alastrou-se para fora das muralhas, crescendo no território envolvente com uma zona habitacional, a construção dos novos bairros industriais.

Na segunda metade do séc. XIX, as condições de habitabilidade e de higiene tornaram-se precárias nos centros urbanos devido ao rápido aumento demográfico, às fábricas, à poluição ambiental, e à construção desorganizada das novas habitações, levando ao sucessivo abandono dos mesmos. Assim, é com os novos meios de transporte que possibilitaram ligar os centros urbanos à "periferia" e ao solo barato, permitiram a construção de conjuntos habitacionais de baixas densidades e dispersos, que se abrem para espaços verdes[25].

[22] SICA, Paolo, *Historia del Urbanismo: el siglo XIX (vol.1)*, p.27

[23] A Revolução Industrial teve início no séc. XVIII com a mecanização dos sistemas de produção e avanços tecnológicos, mas tem o seu auge no séc. XIX.

[24] ASCHER, François, *Novos Princípios do Urbanismo*, p. 25

[25] *"A electricidade desempenhou um papel decisivo na libertação das potencialidades de expansão das cidades (…) formam-se bairros residenciais para as camadas sociais mais favorecidas e subúrbios industriais para as fábricas e operários. Aqui o papel dos transportes foi decisivo para tornar possível a expansão dos territórios urbanos e a sua recomposição numa escala alargada."*, Idem, p. 28

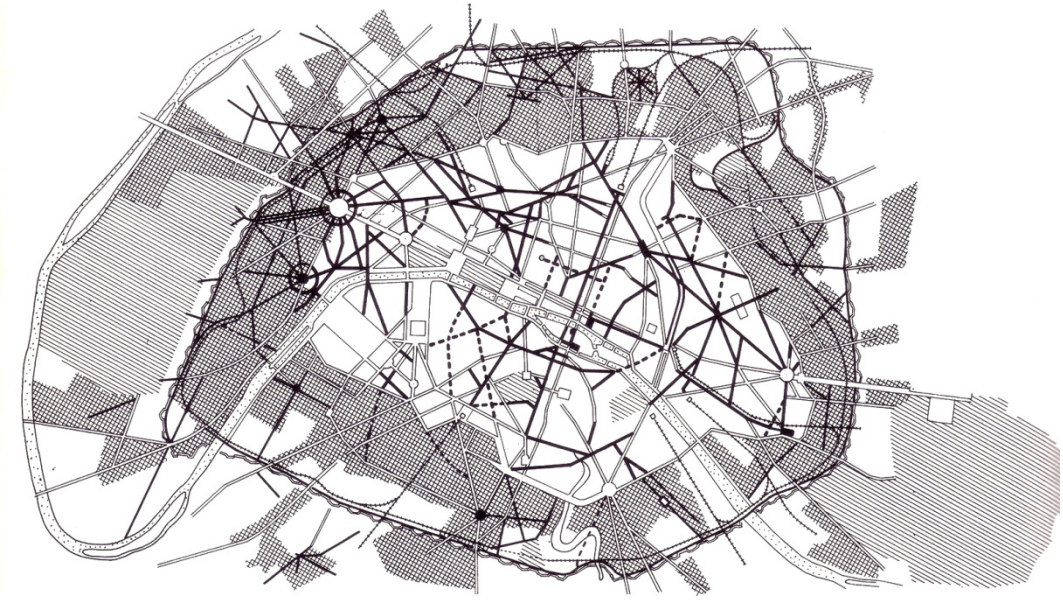


Fig.18 – Plano de Haussmann para Paris



Fig.19 – Haussmann, Av. Campos Elíseos, Paris

Com estes desenvolvimentos e novas formas urbanas, a rua passa a ter um carácter de simples percurso, ao contrário do carácter que tinha sido conferido no Renascimento, a praça, lugar de todos os acontecimentos na época renascentista, que por falta de uso, deixa de ser um espaço dedicado à prática da vida social, tornando-se num mero largo, e a arborização passa a ser usada com regularidade, pondo de lado as relações do edificado com o espaço urbano.

A falta de preocupação urbanística e estética levam ao abandono da qualificação cuidada do espaço público para se concentrarem no desenho dos espaços privados dos conjuntos habitacionais.

É na segunda metade do séc. XIX que aparecem novas propostas de formas urbanas para resolver os problemas de desorganização e de condições precárias do momento. Estas propostas, aliadas à experimentação, serão as alternativas à cidade burguesa e industrial e a resposta às novas necessidades e novos modos de vida. Ao mesmo tempo, servirá para demonstrar a inadequação e insatisfação dos modelos e métodos de criação da cidade renascentista e barroca.

Há um vasto leque de propostas que aparecem nesta época, contudo é importante salientar as transformações que Haussmann[26] propôs para a cidade de Paris. Esta antiga cidade era, ainda, constituída por uma grande estrutura e edifícios da época medieval e, por isso, precisava de novos traçados que permitissem uma maior mobilidade, quer no interior da cidade, quer do interior para o exterior.

O plano de Haussmann consistia numa circulação fácil e cómoda dentro da cidade, que permitisse deslocarem-se de ponto a ponto, tinha como base a eliminação da insalubridade e degradação dos bairros, abrindo-os à cidade. Simultaneamente propôs uma cidade com luz, espaço e arborização, e ainda, o reenquadramento dos monumentos, unindo-os através de eixos viários.[27]

[26] Georges-Eugène Haussmann foi um advogado, político e administrador francês, que ficou conhecido pelo planeamento da cidade de Paris.
[27] LAMAS, José M. Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, p. 212

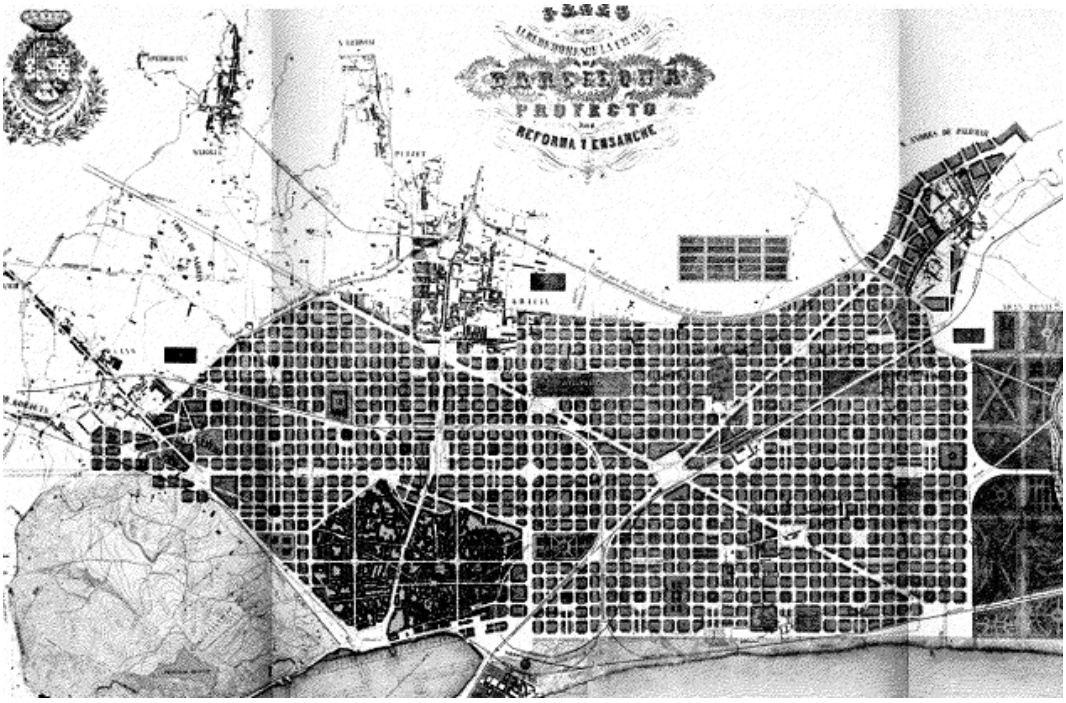


Fig.20 – Plano de Cerdá para Barcelona, 1864



Fig.21 – Espaços construídos, quarteirões. Cerdá, Barcelona

Haussmann continua com as tradições da cidade barroca, mas propõe um novo traçado, a avenida[28], de maneira a ligar os pontos importantes da cidade de forma eficaz e rápida.

As praças tornam-se, geralmente, num espaço de confluência de várias vias, permitindo a organização dos traçados e dos cruzamentos. Juntamente com estes dois elementos, utiliza o desenho do quarteirão de modo a regular o tecido urbano e encurtar distâncias.

Simultaneamente, Ildefonso Cerdá[29] propõe uma grande intervenção na cidade de Barcelona[30]

O plano proposto tende em romper com a cidade tradicional barroca, propondo uma grelha ortogonal, com módulos e quarteirões que eram compostos por habitações ou equipamentos. Este sistema era cortado por um traçado diagonal, que se sobrepunha à malha ortogonal, convergindo em grandes praças.

Os espaços públicos convencionais, a rua, a avenida, a praça, o parque, permaneceram como elementos essenciais na composição da estrutura urbana, mas a organização destas não correspondia ao limite dos quarteirões, uma vez que os edifícios dispunham-se livremente no quarteirão. Como tal, esta forma livre permite que os espaços no interior do quarteirão ganhem um carácter público ou semipúblico.

Em Portugal, a partir de 1888, também se assistia na capital, Lisboa, uma necessidade de crescimento e resposta rápida às necessidades dos novos modos de vida. É com Ressano Garcia que se impõe a expansão de Lisboa.

O seu plano passaria pela configuração de novos bairros e novos traçados, tendo por base o gosto *Haussmanniano*, a avenida e uma estrutura regular.

[28] Referimo-nos às *boulevard parisienses* que consistiam em avenidas amplas, com dois sentidos, e desenhadas com bastante preocupação paisagística.
[29] Ildefonso Cerdá foi um político catalão e urbanista, que ficou conhecido pelo plano de extensão e de reforma da cidade de Barcelona.
[30] *"Cerdá será o "primeiro urbanista" no sentido moderno do termo, na medida em que consegue coordenar os aspectos espaciais e físicos com preocupações funcionais...tratando pela primeira vez a cidade como um organismo complexo e integrador de vários sistemas"*
LAMAS, José M. Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, p. 216

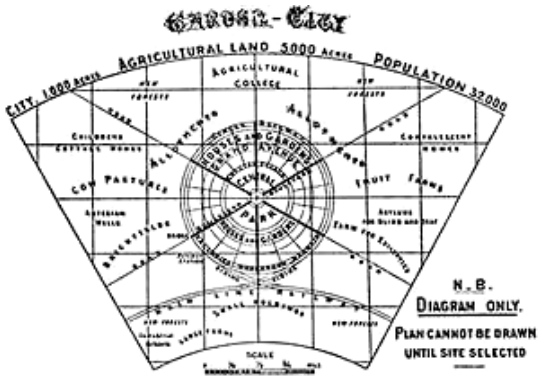


Fig.22 – Howard, Diagrama da Cidade

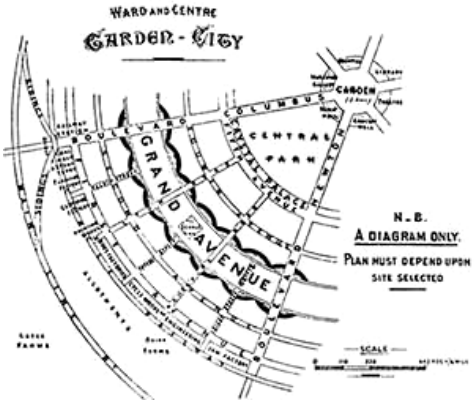


Fig.23 – Howard, Esquema "cidade-Jardim"

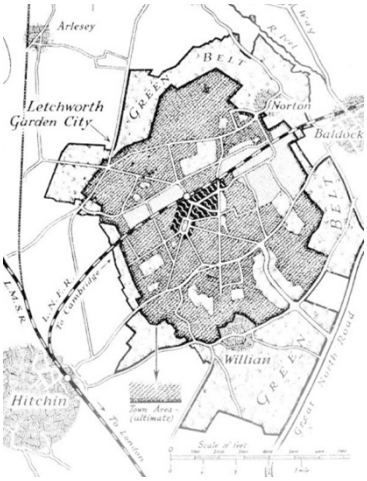


Fig.24 – Howard, Plano de Letchworth

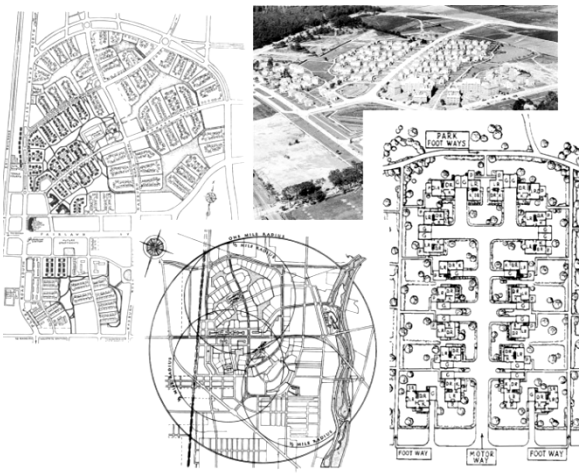


Fig.25 – Clarence Stein, Plano de Radburn



Fig.26 – Howard, Plano de Hampstead

"No final do século XIX e até à guerra de 1914-1918, as cidades europeias submetidas a profundas dinâmicas sociais, económicas e urbanísticas atingem já grande complexidade estrutural e morfológica."[31].

Neste período a urbanística enfrenta diversos problemas: de higiene e salubridade; a dificuldade em organizar a expansão urbana, as áreas habitacionais, infraestruturas. Para resolver estes problemas, surgem os primeiros tratados urbanísticos, organismos que regulamentam a gestão das cidades e obrigação da criação de planos. Assim o urbanismo passa a ser uma disciplina autónoma.

É nesta época, em Inglaterra, com Ebenezer Howard que se conhece um novo conceito urbano, a "cidade-jardim", pois este *considerava uma desgraça completa e uma afronta à natureza o facto de tantas pessoas terem de conviver aglomeradas."*[32]

Para Howard, a cidade-jardim era um diferente modelo de organização espacial e com este pretendia resolver os problemas de salubridade, pobreza e poluição das cidades. O objetivo era a integração da casa com o campo, através de um ambiente residencial de baixa densidade com predominância de espaços verdes.

Ao mesmo tempo, propunha que a cidade fosse gerida por órgãos administrativos e constituída por um sistema de cinturões verdes, que controlassem o crescimento das cidades.

A cidade era composta, a partir do centro, por um parque onde se localizavam os edifícios públicos, um segundo parque com uma zona comercial, e só depois a área residencial, permitindo que a zona industrial se movesse para a periferia. Estes princípios de Howard foram desenvolvidos nas cidades inglesas de Letchworth, em 1904, e Hampstead, em 1909.

Assim, a cidade tradicional dá lugar a uma cidade em harmonia com o campo, mas o traçado deixava de ser a unidade básica da estrutura urbana para servir apenas a circulação, e o espaço público seria abandonado.

[31] LAMAS, José M. Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, p. 231
[32] JACOBS, Jane, *Morte e Vida de Grandes Cidades, p.16*

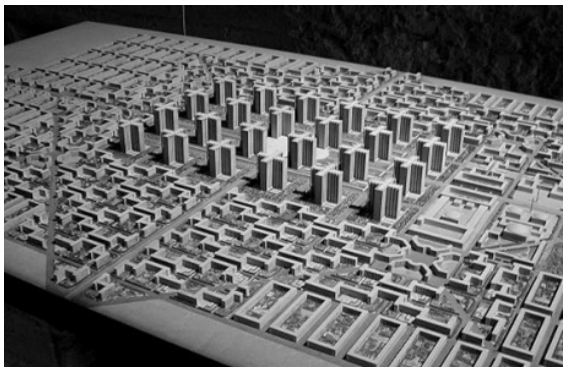


Fig.27 – Le Corbusier, *Ville Radieuse*

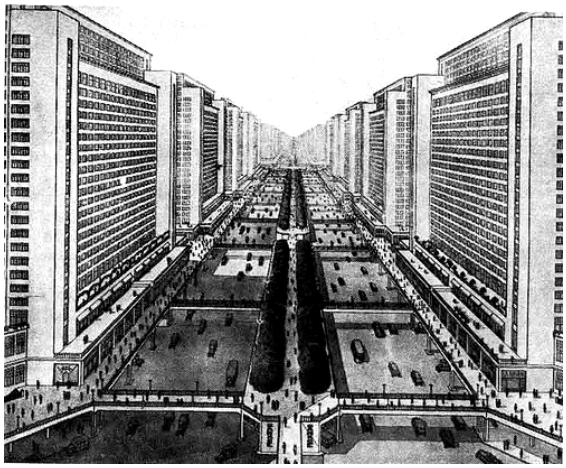


Fig.28 – Sistema de mobilidade, *Ville Radieuse*



Fig.29 – Comparação do modelo urbano de Le Corbusier e a cidade tradicional

Paralelamente, e como alternativa e resposta aos problemas que a cidade industrial atravessava, surgiu no séc. XX o Movimento Moderno, que pretendia romper com o passado, recusando os modelos das cidades antigas.

O Movimento Moderno defendia um novo modelo que integrasse a tecnologia, a ciência e a máquina. Ao mesmo tempo, apostava no abandono do quarteirão, da rua e da praça, e promoviam o urbanismo habitacional com novas tipologias construtivas: o bloco, a torre, e o conjunto, de modo a responder às necessidades de alojamento da população depois da guerra.

Assim, o conceito de espaço público é abandonado pela implantação funcionalista do solo, que estruturavam-se com tipologias habitacionais e dispunham-se no território face às necessidades higiénicas, de insolação e de acessibilidade.

Este novo modelo de cidade funcionalista tinha quatro principais funções bem organizadas e sem sobreposições: habitar, trabalhar, recrear-se e circular, e ao mesmo tempo com um extenso espaço livre onde eram dispostos, segundo regras, os edifícios, elementos autónomos e verticais.[33]

Os princípios do urbanismo modernos, divulgados na Carta de Atenas[34] de 1933 implicavam, ainda, o isolamento e a separação do espaço urbano por funções. Esta lógica funcionalista fragmentou as cidades e determinou a ocupação do território por sistemas independentes. Com isto, os vários sistemas tornaram-se independentes, impossibilitando a relação espacial entres eles.

> *"Le Corbusier (…) traçou grandes artérias de mão única para trânsito expresso. Reduziu o número de ruas, porque "os cruzamentos são inimigos do tráfego". Propôs ruas subterrâneas para veículos pesados e transportes de mercadorias, e claro, como os planejadores da cidade-jardim, manteve os pedestres fora das ruas e dentro dos parques."*[35]

[33] CHOAY, Françoise, *O urbanismo*, pp. 21-23
[34] A Carta de Atenas, tornada pública por iniciativa de Le Corbusier, é um manifesto sobre a organização e planeamento das cidades, onde demonstravam que as cidades deviam ser traçadas de modo funcional, onde as necessidades do homem deviam estar devidamente resolvidas.
[35] JACOBS, Jane, *Morte e Vida de Grandes Cidades, p.23*



Fig.30 – *Sarcelles, Grand ensemble*. Região de Paris



Fig.31 – Plano de *Sarcelles, Grand ensemble*. Região de Paris

Consequentemente, o espaço público tradicional, que concentrava todas as funções da cidade e organizava a estrutura urbana, perdeu-se com a lógica funcionalista da cidade moderna. E com isto, o movimento moderno assume-se com os espaços livres, com as poucas relações interior/exterior, com elementos arquitetónicos únicos e na divisão funcional do território, sem quaisquer relações entre os espaços.[36]

Todavia, na década de 70, os problemas de salubridade em bairros das cidades, aliados à repetição morfológica, começaram a aparecer e com isto advieram as primeiras reações contra a cidade moderna e a enumeração dos seus problemas, a crítica à construção em altura, à pobreza espacial e funcional.

Ao mesmo tempo, vários autores como Henri Lefebvre e Jane Jacobs abordam a problemática do urbanismo moderno. Para Lefebvre, em *Direito à Cidade*, a cidade passaria pela restituição da rua, do espaço público, como espaço de vida social. Para Jacobs, a solução para as cidades residia no modelo das cidades antigas e na integração de várias funções ao longo da rua.

É com o "Novo Urbanismo"[37], nos anos 80, que a cidade antiga surge como modelo de referência, de qualidade e criatividade espacial. Este pretendia melhorar as qualidades de vida e a relação do homem com a cidade através da criação de espaços de excelência.

Posto isto, e depois de vários momentos na evolução da forma urbana, os espaços públicos voltam a ser os elementos centrais da estrutura urbana, proporcionando grandes dinâmicas, revelando a importância dos mesmos no modo de integrar e articular uma forma urbana coerente e homogénea.

No entanto, este protagonismo que evidenciamos na década de 70 e 80 no séc. XX, hoje encontra-se subvalorizado por vivermos numa sociedade urbana que tende a ser cada vez mais subvalorizada e individualista.

[36] CARVALHO, Jorge, *Formas Urbanas*

[37] Entende-se por *Novo Urbanismo* "a contestação à urbanística operacional burocrática e às suas formas, procurando novos caminhos no desenho da cidade", LAMAS, José M. Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, p. 389

"O tráfego de veículos e os estacionamentos usurparam gradualmente espaço nas ruas e praças. Pouco espaço físico sobrou e, além disso, quando outros problemas como sujeira, ruído e poluição visual são somados, a vida da cidade não demora em deteriorar-se."[38]

[38] GEHL, Jan, *Novos Espaços Urbanos*, p. 15



Fig.32 – Braga, Vista aérea zona Oeste da cidade

CRISE DO ESPAÇO PÚBLICO

Perceber as novas formas urbanas e como estas se organizam no território e se relacionam com o espaço público, implica entender as novas dinâmicas e os elementos que tender a reorganizar as cidades.

O espaço público, ao contrário do espaço privado, é o lugar com livre acesso a toda a sociedade, onde qualquer pessoa pode circular, com o fim de uso social típico da vida urbana, onde deve ser garantida a igualdade dos cidadãos. Este é fundamental na definição da qualidade da cidade, pois indica a qualidade de vida dos habitantes.[39]

Contudo, apercebemos que no séc. XIX e XX, devido à Revolução Industrial e ao Movimento Moderno, as cidades mudaram drasticamente ao nível da organização espacial e formal, e das condições de usos da cidade. Assim, a rua e o traçado da cidade tradicional deixam de assumir as funções principais de mobilidade e de estruturar a cidade.

É possível constatar que na cidade contemporânea a aplicação das políticas sectoriais, provenientes do Movimento Moderno, provocaram uma falta de articulação e diversidade em toda a evolução da estrutura urbana. Esta realidade, a segregação funcional, a fragmentação, e os centros especializados, levaram a que o conceito de espaço público fosse esquecido[40].

Até ai o termo cidade assentava em três modos de regulação: pólis, civitas e urbis. "Pólis" advinha da política e das formas de regulamentação; "civitas" significaria cidadania e um conjunto de cidadãos que se ficam num lugar; e "urbis" advinha do modo como estas fixações podiam mudar[41]. Hoje esta ideia perde sentido, vivemos num território com redes sociotécnicas e onde a distância não importa.

Com isto, a cidade como um todo já não existe, pois já não é um objeto identificável e é feita de fragmentos.

[39] BORJA, Jordi, *El espacio publico: ciudad y cidadania,* p.25
[40] Idem, p.25
[41] Ibidem, p. 34



Fig.33 – Porto, nó da Arrábida



Fig.34 – Lisboa, cidade difusa

A cidade dita convencional era um sistema fechado, com limites precisos, com formas e centros claramente identificáveis, onde combinava o máximo de acessibilidade, a aglomeração de todo o tipo de funções e valores patrimoniais. Ao mesmo tempo, e oposto à cidade, o campo era o espaço exterior desconfinado, que tinha como suporte económico a agricultura, tornando-se no espaço "back office"[42] da cidade.

Hoje este pensamento não persiste, segundo o urbanista Patrick Geddes, a cidade tornou-se num ecossistema, sem limites, nem forma, que ora se expande, ora se encolhe, perdendo os seus limites, o interior, e o centro. Esta passou a ser instável, multiescalar, constituída por vários centros, com vocações e centralidades distintas.

Com isto, a dicotomia cidade/campo e rural/urbano não pode ser entendida como era. Esta dicotomia desfaz-se a partir do momento em que as próteses tecnológicas[43] chegam ao meio rural, provocando novos lugares, que não se relacionam entre eles e modificam o território. É nesta realidade contemporânea que existem diversos conflitos entre a motorização, os peões, as autoestradas e seus nós, é onde existe uma diversidade tipológica funcional astronómica.

É a partir daqui, como esclarece Álvaro Domingues, que a urbanização ganha um carácter extensivo, com uma edificação dispersa, e desigual, ora de alta densidade, ora de baixa densidade urbana, tornando-se num território fragmentado, multiescalar e multiforme, que se liga através uma diversificada rede sem qualquer ordenação e relação.

Perante estes fatores de fragmentação, de dispersão e descontinuidades, que se verificam no território, poucas são as vezes que se pode relacionar e criar continuidades entre os espaços urbanos, sejam eles abertos ou fechados, propagando-se o conceito de "não-lugar"[44].

[42] DOMINGUES, Álvaro, *Politicas Urbanas II,* p. 21
[43] Entendemos como próteses tecnológicas a rede wireless, os telemóveis, as autoestradas, a rede de eletricidade, etc.
[44] AUGÉ, Marc, *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade"*, p. 34



Fig.35 – Os novos espaços públicos, Braga



Fig.36 – Os novos espaços públicos, Braga

A vida quotidiana, o lazer, o comércio, as trocas, que atualmente desenrolam-se em espaços fechados, procuram uma fácil acessibilidade dos automóveis ou outros tipos de transportes.

Assim, a tendência é que *"As grandes superfícies comerciais que se vão instalando procurem locais de fácil acessibilidade automóvel, junto aos nós de vias rápidas, são assumidamente monofuncionais e são concentracionárias, contendo-se em si próprias, evitando relações com a envolvente, criando à sua volta uma muralha de espaço aberto/ estacionamento automóvel."*[45] e que estes novos espaços substituam as ruas, as praças, as áreas antigas da cidade, deteriorando *"o vazio da praça tradicional como lugar de comunicação"*. [46]

Perante estes factos, os espaços públicos, elementos que definem a qualidade urbana[47], e que se caracterizam por serem lugares abertos, de encontros e interação, assumem-se como locais de passagem e pontuais, com cada vez menos interações sociais, onde a rua ganha um carácter de ligação entre pontos ao contrário do tradicional ambiente urbano que estes lugares proporcionavam à esfera das relações sociais.[48]

A par destas alterações, que os veículos motorizados impuseram na cidade consolidada, a própria individualidade dos cidadãos e a falta de partilha[49] conduz a uma individualidade urbana, afirmando-se um crescente domínio privado e um decréscimo da qualidade dos espaços públicos.

Jane Jacobs, em *Morte e Vida de Grandes Cidades*, aborda esta problemática atual com profundidade. A autora, constata que os espaços públicos, tal como a rua, reúnem as condições necessárias para a afirmação das relações entre indivíduos, mas *"muitas vezes nem se interessam em se conhecer"*[50].

[45] CARVALHO, Jorge, *Formas Urbanas*
[46] TRACHANA, Angélique, *La evolución de la forma del espacio publico*, p. 102
[47] BORJA, Jordi, *El espacio publico: ciudad y cidadania,* p.25
[48] GRAÇA, Miguel, *Espaços públicos e uso colectivo de Espaços privados*, p. 4
[49] ASCHER, François, *Novos Princípios do Urbanismo. Novos compromissos urbanos*, p. 71
[50] JACOBS, Jane, *Morte e Vida das Grandes Cidades*, p. 59

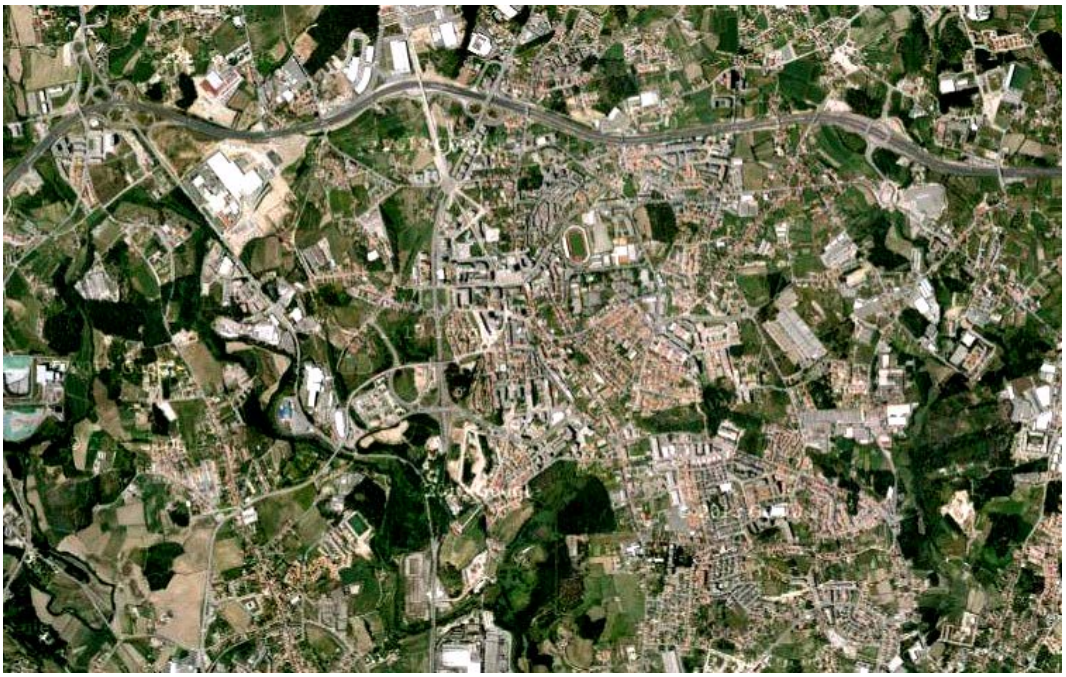


Fig.37 – Maia, Portugal

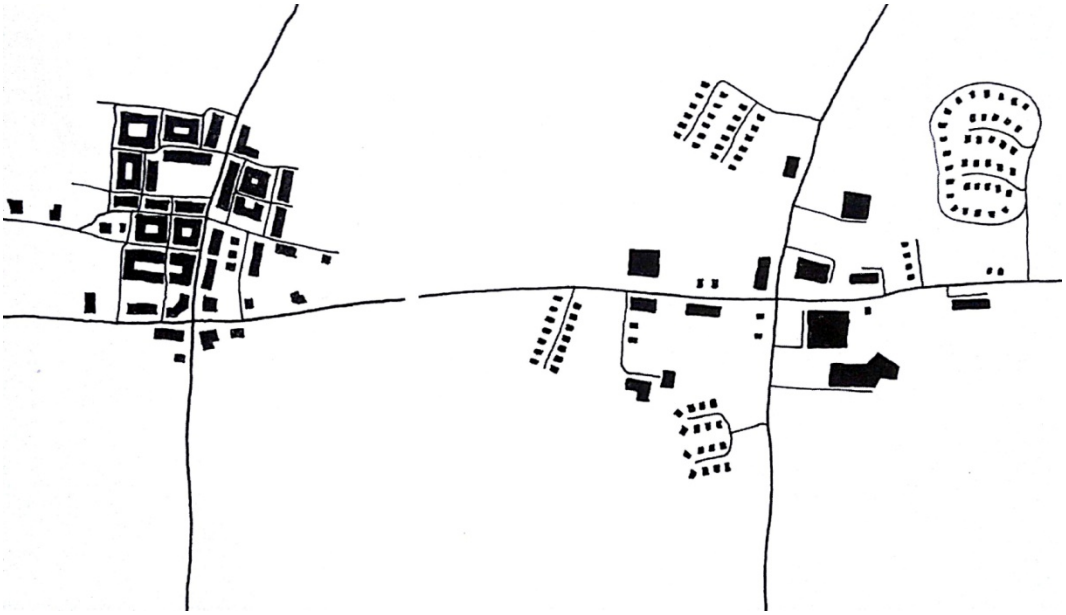


Fig.38 – Esquemas de ocupação difusa

Deste modo, *"O resultado mais comum nas cidades, onde as pessoas se vêem diante da opção de compartilhar muito ou nada, é nada".* [51] Marc Augé, por sua vez, salienta que esta individualidade aliada às modificações do território proporciona uma falta de conexão entre os elementos que constituem as novas formas urbanas.

É notória que a ideia canónica de espaço público[52], que são identificáveis pela sua função, forma e signo, como elemento estruturador torna-se difícil de definir quando saímos da malha urbana consolidada, pois estes surgem como elementos isolados no urbano extensivo, sem fazer parte integrante de um sistema contínuo, e nem de identidade de um território, mostrando-se incapazes de se adaptar às novas formas de fazer cidade.

De facto, os espaços públicos tendem cada vez mais a perderem-se no território, onde a preocupação passa pelo desenho do traçado de forma que este estabeleça ligações entre os pontos. Tal como estes novos traçados, os novos espaços de convivência, os centros comerciais, proporcionam à sociedade um lugar que combina usos diversificados: o comércio; o lazer; segurança; e a sociabilização.

Assim, podemos concluir que a incapacidade dos espaços públicos tradicionais se adaptarem a esta nova realidade gera a necessidade de compreender os novos modos de vida da sociedade contemporânea e de como se apropriam e usam os novos espaços urbanos, de forma a criarem-se espaços que correspondam às necessidades, às práticas atuais, e sejam capazes de reestruturar a urbanização[53], sem se imporem os ideais da cidade tradicional.

[51] JACOBS, Jane, *Morte e Vida das Grandes Cidades*, p. 70

[52] *"Ideia de espaço aberto, contínuo, percorrível, compreensível e claramente definido que corresponde literalmente ao negativo dos espaços privados e encerrados, sendo que juntos, público e privado, nos dão de imediato a forma da cidade na sua totalidade.",* DOMINGUES, Álvaro, *Politicas Urbanas II,* p. 187

[53] DOMINGUES, Álvaro, *Politicas Urbanas II,* p. 190

II.

INTERVIR NO ESPAÇO PÚBLICO

"O facto de o espaço público ser determinante na forma da cidade já é suficiente para lhe atribuir o papel ordenador do tecido urbano."[54]

[54] BORJA, Jordi, *El espacio publico: ciudad y cidadania,* p. 90

ESPAÇO PÚBLICO:

ELEMENTO ORGANIZADOR DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Como podemos constatar no capítulo anterior, onde abordávamos a evolução e problematização do espaço público, o conceito deste tem variado ao longo da evolução da cidade.

Se, no passado, estes espaços públicos assumiam-se como ponto essenciais da vida social, política e de estruturação urbana, hoje apresentam-se numa forma diluída e descaracterizada pelas sobreposições de modelos que a cidade foi adquirindo ao longo dos tempos. Da mesma maneira, as formas de espaço público da cidade contemporânea vão-se misturando, levando a que as novas formas urbanas assumam uma dimensão espacial sem nitidez, ao contrário dos espaços públicos da cidade antiga.

Estes novos espaços de carácter distintos daqueles que existiam na cidade tradicional assumem uma grande escala e um carácter ambíguo, não proporcionando ao cidadão uma leitura clara do espaço e nem com que estes se possam identificar.

Contudo, os espaços públicos podem continuar a permitir um funcionamento equilibrado do sistema urbano, assumir um papel integrador de ligação e continuidade territorial, ser um marco de identidade e usos específicos, de modo a proporcionar um sistema de relações entre os diferentes elementos da estrutura urbana.

Com isto, será então necessário, na cidade contemporânea, fragmentada e dispersa, *"reestruturar a cidade com o espaço público"*[55] *e* criar um espaço urbano equilibrada[56] com espaços urbanos que sejam capazes de garantir as características essenciais das cidades tradicionais, e que ao mesmo tempo assumam as qualidades e necessidades que a cidade contemporânea possui.

[55] RAMALHO, António Leite, *Urbanismo – Retratos Urbanos*, p.10
[56] Idem, p. 57



Fig.39 – *El Mercado de la Boqueria*, Barcelona



Fig.40 – *Las Ramblas*, Barcelona



Fig.41 – Av. da Liberdade, Lisboa

Ao mesmo tempo, é importante salientar que o espaço público não deve ser dissociado dos espaços coletivos. Estes espaços coletivos não são mais que espaços públicos que podem ser absorvidos pelas práticas individuais e espaços privados que passam a possuir uma vida e usos coletivos, tendo como exemplos os centros comerciais, os mercados, as escolas, os quiosques, etc., pois geram uma partilha e usos coletivos diversificados.[57]

Solà-Morales salienta, ainda, que é neste espaço coletivo que reside toda a riqueza e identidade das cidades históricas e que futuramente assegurará a estrutura principal da cidade.[58]

Todavia, a criação de urbanizações tende a negligenciar a necessidade de espaços públicos, por estes não serem usados pelos seus habitantes, esquecendo-se que são estes espaços que permitem dar identidade, qualidade ao lugar, de maneira a criar uma malha coesa e organizada. Assim, tal como foi referido na problemática da *Crise do Espaço Público*, a individualidade dos habitantes tende a proporcionar um crescente domínio privado.

Segundo Carlos Martí, o espaço público permite a coexistência de relações entre as pessoas, as culturas e os usos.[59] Por sua vez, Jan Gehl considera que o espaço público é um espaço social e recreativo que tem como base as formas de vida pública.[60] Com isto, e tendo em conta as atuais formas de fazer cidade, o espaço público na cidade pode ser uma referência e gerar espaços acessíveis a todos e com usos diversos.

Sendo o espaço público o espaço excelência para a formação de vida urbana, torna-se fundamental criar uma cidade equilibrada, controlada, e com limites, sustentada por projetos que permitam criar compromissos políticos e culturais.

Simultaneamente, parece-nos evidente que a mistura de usos em diversos tipos de espaço público caracterize a forma urbana e permita criar espaços públicos que combinem diferentes modos de circulação, diferentes usos e novas dinâmicas nos espaços de transição entre a rua e o espaço.

[57] SOLÀ-MORALES, Manuel, *De Cosas Urbanas*, p.188
[58] Idem, p. 190
[59] MARTÍ, Carlos, *Lugares Públicos*, p. 1
[60] GEHL, Jan, *Novos Espaços Urbanos*



Fig.42 – *Plaza Mayor*, Madrid



Fig.43 – *Puertas del Sol*, Madrid



Fig.44 – *Mercado de San Miguel*, Madrid

É a partir dos diferentes tipos de espaços públicos que encontramos (ruas, avenidas, alamedas, praças, parques, jardins, etc.) que podemos organizar e garantir o bom funcionamento da cidade.

Segundo Brandão Alves, o espaço público para que seja lugar de excelência de vida urbana deve conter características/critérios a fim de garantir o desenvolvimento da vida social, tais como: identidade; continuidade/ permeabilidade; segurança/conforto; mobilidade/acessibilidade; inclusão social; legibilidade; diversidade; e durabilidade.

Por sua vez, Jane Jacobs, defende que o espaço público deve acolher mais que uma função principal, deve haver uma densidade suficientemente alta de pessoas, e deve conter edifícios de importância e estados de conservação variados.[61]

Do mesmo modo que é necessário o espaço público tenha mais que uma função, é importante repensar nos usos do mesmo, de forma a não serem prejudiciais para a diversidade do território, ou seja, estacionamentos, garagens, postos de gasolina, e painéis publicitários podem ser prejudiciais para a identidade do lugar, a menos que a sua localização seja regulamentada.[62]

O espaço público é um indicador de qualidade urbana, mas é também um elemento privilegiado da política urbanística para fazer cidade e qualificar a urbanização extensiva, para renovar e criar novas centralidades e interligar a malha urbana.[63] No entanto, é necessário recuperar a dimensão simbólica do espaço público, na medida de este ser uma referência citadina, de criar lugares com sentido cívico, e de caracterizar-se pela sua multifuncionalidade.

Ao pensarmos no espaço público da cidade contemporânea há uma necessidade de pensá-lo numa escala alargada, bem como considerá-lo como elemento de articulação com a restante envolvente. No entanto, torna-se difícil adequar os espaços públicos às descontinuidades e à complexidade funcional das novas formas urbanas.

[61] JACOBS, Jane, *Morte e Vida das Grandes Cidades*, p. 155
[62] Idem, p. 258
[63] ALVES, Fernando Brandão, *Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano*

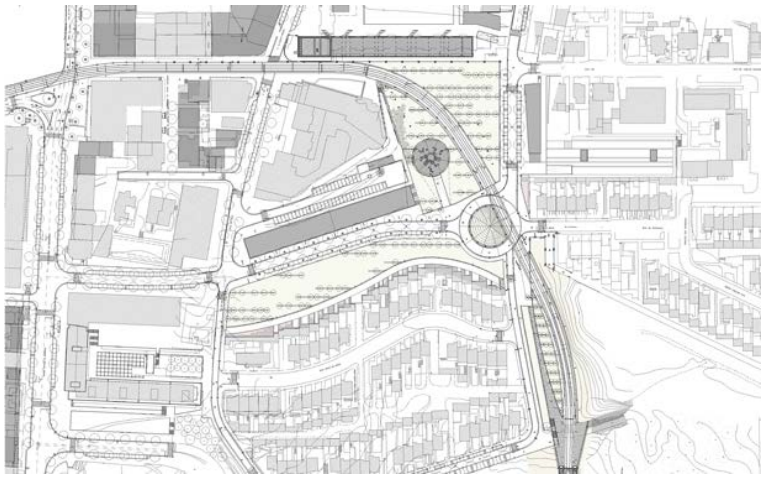


Fig.45 – Metro do Porto, Maia (Estação Parque da Maia)



Fig.46 – Metro do Porto, Maia (Estação Parque da Maia)



Fig.47 – Metro do Porto, Maia (Estação dos Verdes – Aeroporto)

É neste sentido que Nuno Portas afirma que estes espaços devem ter um papel imprescindível na regeneração da cidade como um todo.[64] Para tal, é fundamental requalificar ou criar espaços, primordialmente nas urbanizações com mais ruturas com a cidade consolidada, apoiados em projetos de espaço público, relacionando-os com a escala, o volume da sua envolvente, e com as especificidades de cada caso, de modo a que este se assuma como elemento ordenador da cidade e que as novas centralidades possam ser equilibradas territorialmente, estruturantes, e polivalentes.

Assim, e segundo Jordi Borja, a qualificação do espaço público é um desafio urbanístico, político e cultural[65], e o bom funcionamento urbano depende da correta articulação com a mobilidade e centralidade, e por isso, o espaço público deve ser entendido como o lugar onde se cria convivência, um elemento organizador que suporta vários usos e funções, e um espaço de continuidades.

Deste modo, e para garantir o sucesso das intervenções sobre a cidade, é essencial incentivar os projetos de espaço público e desenvolver estratégias no sentido de proporcionar lugares que se relacionem com o contexto urbano em que se inserem e de responder às necessidades culturais e sociais que as pessoas produzem individualmente e/ou em grupo.

Salienta-se ainda que para intervir no espaço público é importante garantir um plano e uma estratégia, é fundamental também que as entidades públicas e privadas sejam capazes de cumprir os objetivos e disponibilizem os meios necessários para a execução dos planos.

Com isto, a importância de requalificar o espaço público tornou-se evidente, existindo vários programas, quer a nível nacional, quer a nível europeu, como o URBAN, POLIS, PRU, PRAUD, PROQUAL e URBCOM, que comprovam a importância atribuída à requalificação do espaço público, sendo que os programas com maior visibilidade e mais recentes são o URBAN e POLIS.

[64] PORTAS, Nuno, *Politicas Urbanas*, p.106
[65] BORJA, Jordi, *El espacio publico: ciudad y cidadania,* p. 67

Elementos Constituintes	Podem Ser
Ruas	Ruas exclusivamente pedonais Percursos pedonais Ruas dominantemente motorizadas Ruas de tráfego restrito
Praças/Largos	Praças Pequenos Largos *"Corporate plaza"*
Espaços memória	
Espaços Comerciais	Largos de mercados ou feiras *"Atria marketplaces"* Centros comerciais
Espaços Verdes	Parques urbanos Jardins Áreas verdes das primeiras cidades novas inglesas Recintos/Pátios Vias verdes Espaços intersticiais Frentes marginais de rio ou de mar

Quadro 1 – Elementos Constituintes do Espaço Público, Brandão Alves

Tipologias de Espaços Públicos		
Espaço - Traçado	Encontro Circulação	Largos, praças Ruas, avenidas
Espaço - Paisagem	Lazer – natureza Contemplação	Jardins, Parques Miradouros, panoramas
Espaço – Deslocação	Transporte Canal Estacionamento	Estações, paragens, interfaces Vias-férreas, autoestradas Parking, silos
Espaço Memória	Saudade Arqueologia Memoriais	Cemitérios Industrial, agrícola, serviços Espaços monumentais
Espaço - Comerciais	Semi-interiores Semi-exteriores	Mercados, centros comerciais Mercado levante, quiosques
Espaços gerados	Por edifícios Por equipamentos Por sistema	Adro, passagem, galeria, pário Culturais, desportivos, infantis, religiosos Iluminação, mobiliário, comunicação, arte

Quadro 2 – Tipologias de Espaço Público, Brandão Alves

FORMAS/ TIPOLOGIAS DO ESPAÇO PÚBLICO

A enunciação de tipologias e classificação dos espaços públicos têm em conta a sua natureza e a sua escala. Tal como foi referido anteriormente na problemática da *Crise do Espaço* Público, hoje é complicado distinguir quanto à sua escala e à sua função, pois encontramo-nos numa época onde a distância entre lugares é medida em função do tempo de deslocação, sendo este crucial na vida da cidade contemporânea.

Os lugares públicos pressupõem que sejam o palco da nossa vida pública. Estes são, como já referimos anteriormente, a identidade das cidades, e onde a cultura e sociedade se mistura e realizam encontros. No entanto, este, fazendo parte do sistema urbano, é composto por diferentes elementos, com funções e significados distintos, e pode ser classificado em tipologias.

Na sequência disto, Brandão Alves distingue cinco elementos constituintes do espaço público urbano[66] (Quadro 1), e posteriormente, considera a existência de quinze tipologias que são essenciais no processo de intervir nestes espaços[67] (Quadro 2).

Relativamente aos elementos constituintes do espaço público, a rua é um espaço multifuncional e destina-se essencialmente à circulação pedonal e de veículos.

As ruas são espaços de excelência para a partilhada vida quotidiana, sendo por esta razão que *"as ruas e as suas calçadas são os principais locais públicos de uma cidade e são os seus órgãos mais vitais"*[68], do mesmo modo este espaço é determinante na dinâmica da cidade pois *"se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante"*[69]. No entanto, atualmente o tráfego pedonal tem vindo a deteriorar-se em função do tráfego automóvel.

[66] ALVES, Fernando Brandão, *Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano*
[67] ALVES, Fernando Brandão, *A identidade dos Lugares e a sua Representação Colectiva,* p. 19
[68] JACOBS, Jane, *Morte e Vida das Grandes Cidades*, p. 29
[69] Idem



Fig.48 – Rua Santa Catarina, Porto



Fig.49 – Praça do Comércio, Lisboa

Jane Jacobs afirma que a rua precisa de ter três características principais: deve ser entendida a diferença entre o espaço público e o espaço privado; os edifícios devem definir o traçado da rua; e deve ter um número suficiente de pessoas a transitar nela.[70]

Simultaneamente, é preciso garantir a segurança nas ruas de modo a que as pessoas possam utilizá-las sem medos, isto é possível com um número substancial de estabelecimentos abertos ao longo da rua, com locais públicos dispostos ao longo da mesma, e com uma boa iluminação, proporcionando conforto nas pessoas que usufruem das ruas.[71]

Assim, a qualidade de uma rua depende dos usos e intensidades que esta dispõe aos cidadãos, e da partilha do espaço da rua pelos diferentes modos de transportes e pelos peões. Ao mesmo tempo, as ruas não devem ter quarteirões muito longos, pois proporcionam inúmeras construções de pequenas dimensões e precisam de um número maior de pedestres para se tornar numa rua viva.[72]

As praças, pela sua excecionalidade que assumem na malha urbana, são pontos fundamentais na identificação de uma cidade e no sistema de orientação da mesma. Estas são normalmente delimitadas por edifícios com um certo valor patrimonial, com a circulação predominantemente pedonal, e assumem-se como zonas de centralidade. São lugares destinados ao encontro e à partilha.[73]

Assim, podemos constatar, como já foi referido anteriormente, que as praças sempre foram áreas centrais, locais de grandes trocas, e com grande afluência de pessoas. No entanto, na cidade contemporânea percebemos que estes espaços públicos consistem em lugares vazios subutilizados e envolvidos pelo tráfego motorizado, levando a que o automóvel se ocupe deste espaço e que a paisagem urbana se torne frágil[74]

[70] JACOBS, Jane, *Morte e Vida das Grandes Cidades*, p. 36
[71] Idem, p. 37
[72] Ibidem, p. 202
[73] ALVES, Fernando Brandão, *Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano*, p. 81
[74] Idem, pp. 75-90



Fig.50 – Espaço verdes urbanos

A existência de espaços verdes na cidade está associada à evolução das cidades. O facto de antes as cidades estarem próximas do campo fazia com que estes fossem dispensáveis. Com a Revolução Industrial e o modelo das cidade-jardim, o conceito de verde urbano ganhou dimensão. Atualmente são elementos fundamentais e indispensáveis no que toca à melhoria das condições da vida urbana e da sustentabilidade.

Dos diferentes tipos de espaço público que Brandão Alves considera, destacamos: a rua; a praça; e o verde urbano; pois interessam-nos particularmente para a reflexão sobre o caso de estudo, "bairro" do Fujacal, em Braga.

A rua por ser um elemento fundamental e estruturante da malha urbana, a praça por ser um lugar de encontro e trocas comerciais, sociais, e culturais, e consequentemente, por assumirem funções estruturantes. O verde urbano por constituírem elementos apreciados e valorizados na vida quotidiana e de poder proporcionar aos habitantes usos e vida diversificada.[75]

Assim, podemos concluir que é com base no desenho do espaço público, nos planos e nas estratégias de intervenção, que o sistema urbano da cidade contemporânea pode ser equilibrado, garantindo uma continuidade territorial e a identidade do lugar.

Para tal se suceder, é necessário que os espaços públicos se integrem na malha urbana, tenham espaços dinâmicos e com usos diversos, estabelecimentos abertos, boa iluminação, para que com isto possam garantir a segurança das pessoas que usufruem deles.

[75] JACOBS, Jane, *Morte e Vida das Grandes Cidades*, p. 110



Fig.51 – Bairro de Casas Económicas das Condominhas, Porto, 1938



Fig.52 – Bairro da Bouça, Álvaro Siza, Porto



Fig.53 – Bairro do Aleixo, construção em altura, Porto

HABITAÇÃO SOCIAL

Habitação de interesse social tem como objetivo atribuir habitação a pessoas cujo nível de rendimentos dificulta o acesso à casa.[76] Geralmente são de iniciativa pública, construídos em grandes conjuntos habitacionais, de baixa ou alta densidade, ou em lotes urbanizados, dotados de infraestruturas e acessibilidades, de modo a reestruturar os modos de vida e a melhor qualidade de vida das famílias carenciadas.[77]

Em Portugal, até aos anos 70, era visível uma reduzida promoção habitacional.[78] Em meados dos anos 60, devido à ausência de uma política de conservação e recuperação do edificado, e ausência de infraestruturas, manifestavam-se deficientes condições de habitabilidade.

Neste sentido, o Estado Novo promoveu a proliferação de programas de promoção pública de habitação social, tais como: as *Casas Económicas,* os *Bairros Camarários*, e as *Casas para Pescadores*.

Com o 25 de Abril de 1974, a democracia deparou-se com uma crise económica, devido à internacionalização dos mercados e à instabilidade política.

Face aos movimentos sociais que surgiram, o Governo viu-se obrigado a repensar a política de alojamento.[79]

Após o 25 de Abril de 1974, assistiu-se a um reforço a nível de promotores privados e cooperativos, tais como: *Cooperativas de Habitação Económica*, *Programas de Habitação Social*, *SAAL*, e *PRID*.

[76] PEREIRA, Diogo, *A Evolução da Habitação de Interesse Social no Município do Porto*, Dissertação de Mestrado em Economia e Gestão das Cidades, FEP, p. 19
[77] CAETANO, Rita, *Reflexão sobre a habitação social*, Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, Coimbra, 2008
[78] Idem
[79] DOMINGUES, Álvaro, *Cidade-Providência*, sociologia nº13, FLUP, Porto, 2003, pp.171-183



Fig.54 – Bairro do Telheiro, Manuel Correia Fernandes, Matosinhos



Fig.55 – Promoção da Cooperativa NHC, Nova Habitação Cooperativa, Carlos Carvalho, Amadora,



Fig.56 – Cooperativa Coobital, Alto de S. António, José Lopes da Costa e José Brito, Faro

A partir da década de 80, verificou-se um aumento significativo da promoção pública e as cooperativas definiram objetivos para a habitação social, de modo a proporcionar às famílias carenciadas o acesso à habitação. Com isto, a promoção habitacional passa a ser uma preocupação das autarquias locais.

A partir dos anos 90, o problema da habitação apresenta-se com menor expressão para o Governo, embora surjam programas como URBAN e os PRUs, que visam a requalificar alguns bairros sociais, de maneira a resolver os principais problemas de exclusão social e de condições de habitabilidade.[80]

A construção dos bairros sociais caracteriza-se, até hoje, por construções megalómanas, sem escala humana, baseadas em edifícios de forma regular, dispostos em altura ou edifícios horizontais geralmente ente os três e os quatros pisos, paralelos entre si, de modo a realojar o maior número de famílias carenciadas, desintegrados da envolvente e com reduzida continuidade urbanística.

Com isto, pela concentração de população carenciada, pela aglomeração no mesmo lugar de grupos mais vulneráveis à discriminação, pelo estigma social que lhes é atribuído, e maioritariamente, pela concentração de problemas sociais e população de etnias diversas, estes espaços surgem como um gerador de conflitos e de desigualdades sociais.

Estes são, atualmente, o maior desafio para as autarquias locais, para a arquitetura e urbanística, de forma a não destabilizarem a qualidade de vida dos habitantes e a competitividade das principais áreas metropolitanas.[81]

[80] DOMINGUES, Álvaro, *Cidade-Providência*, sociologia nº13, FLUP, Porto, 2003, pp.171-183
[81] Resolução do Conselho de Ministros nº143/2005

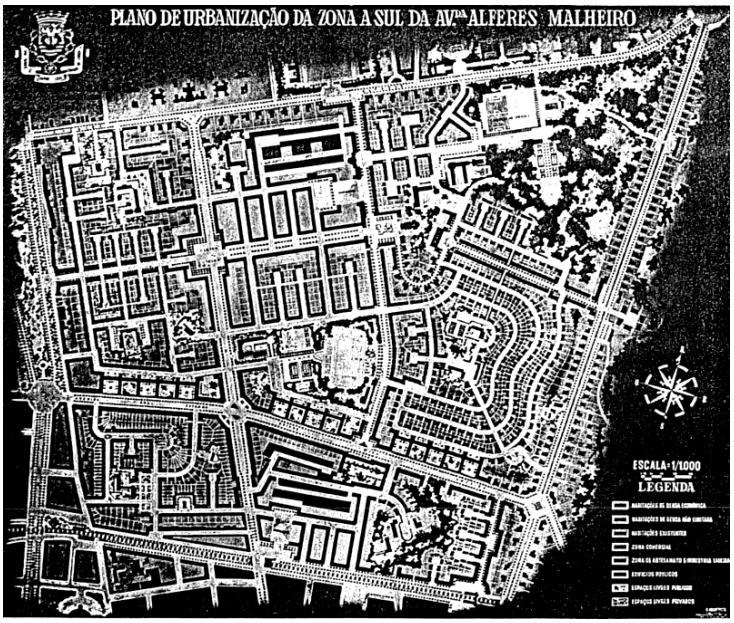


Fig.57 – Plano Urbanização Sul do Bairro de Alvalade, Lisboa

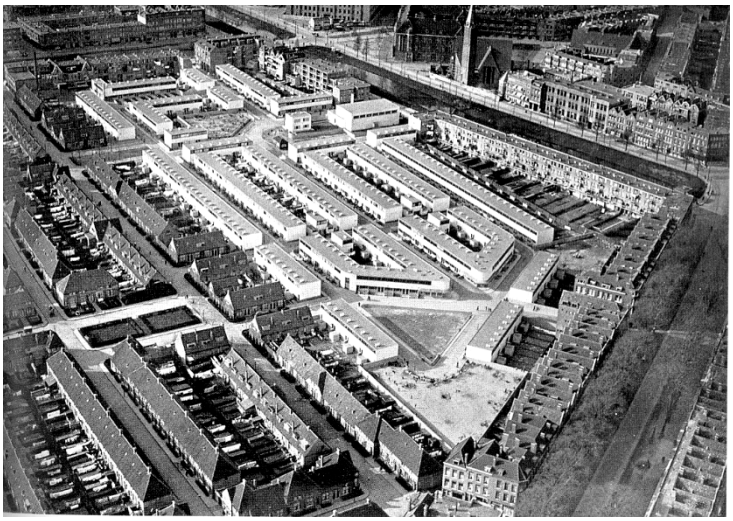


Fig.58 – Bairro *Kiefhoek, Roterdam*

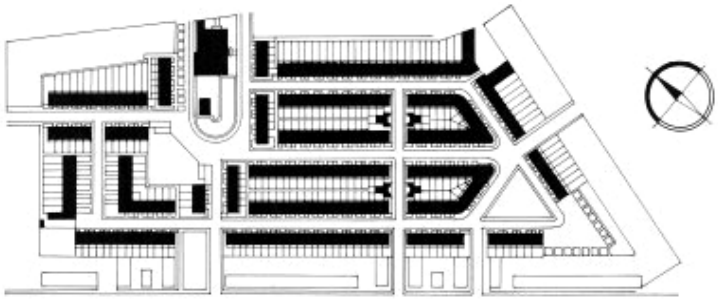


Fig.59 – Planta do Bairro *Kiefhoek, Roterdam*

CONJUNTOS HABITACIONAIS E OS ESPAÇOS PÚBLICOS

A Revolução Industrial, e a migração das pessoas para fora do centro urbano, como já abordamos anteriormente, provocaram sérias mudanças na cidade do séc. XIX, agravando-se o problema do alojamento. Com isto, torna-se evidente a construção em massa de zonas habitacionais e de custos controlados.

Atualmente, o problema da habitação social ou dos "bairros críticos" assenta na marginalização social, económica e urbana nos países europeus.[82]

Como foi referido no capítulo I, na evolução das cidades, Howard propõe um novo modelo no final do séc. XIX: a cidade-jardim. Este modelo tinha como base a construção da habitação nas periferias das cidades e predominância de áreas verdes, de modo a permitir a integração da casa com o campo e a salvaguardar a qualidade de vida dos habitantes.

Já no séc. XX, antes do modelo da cidade moderna, surge na Alemanha na Áustria, e na Holanda, metodologias particulares nas realizações habitacionais.[83] Estes modelos apareceram no período entre as duas guerras, parte de garantir a coesão social, de resolver o problema de alojamento com uma nova conceção arquitetónica, o modernismo.

Estes novos modelos, as *Siedlungen* e as *Hoff*, tinham como principais objetivos a construção maciça de alojamentos, a produção em serie, e o planeamento a longo prazo, utilizando duas novas tipologias urbanas: a cidade-jardim e a cidade tradicional, adotando um traçado regular e de quarteirões.

As *Siedlungen* e as *Hoff* caracterizavam-se por grandes conjuntos habitacionais autónomos, de baixa ou média densidade, com volumes puros, dispostos paralelamente entre si (a fachada principal, pública, sobre a rua; a traseira, com carácter mais privado, voltada para o interior do quarteirão) que vão determinar o traçado urbano, e que vão permitir garantir as condições de higiene e salubridade à população.[84]

[82] ALVES, Fernando Brandão, *Design Urbano Inclusivo*, p. 70
[83] LAMAS, Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, p. 236
[84] Idem, p. 334



Fig.60 – Bairro *Praunheim*



Fig.61 – Planta do Bairro *Praunheim*



Fig.62 – Bairro *Dammerstock*

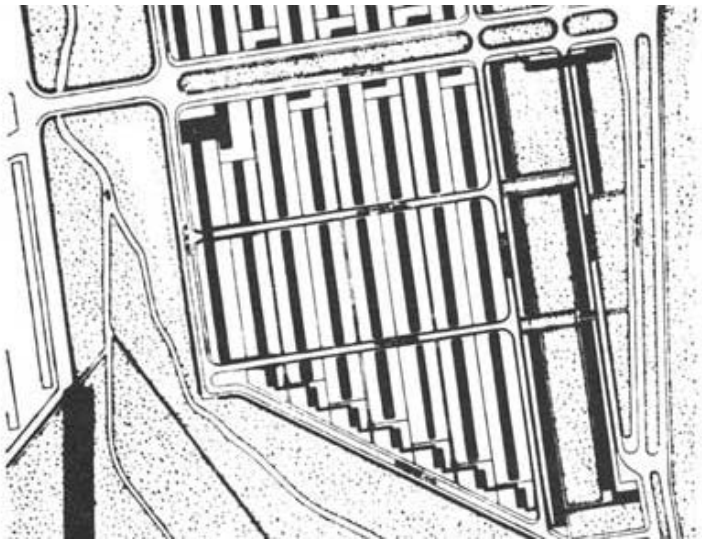


Fig.63 – Planta do Bairro *Dammerstock*

Maior parte destes conjuntos habitacionais era construída nas periferias dos grandes centros urbanos, no entanto, alguns deles foram produzidos em quarteirões já existentes, em zonas claramente urbanizados completando a cidade.

Na Holanda, o bairro *Kiefhoek* é um exemplo disso. Foi construído numa zona urbanizada e próxima do centro da cidade, ligada a elementos estruturantes da cidade tradicional, com a rua e as esquinas como pontos de extrema relevância.

A conceção destes conjuntos passava também pela forte relação entre o cheio/vazio, público/privado, onde o espaço interior do quarteirão, privado, assume-se como espaço coletivo. Este interior prolonga a rua, transformando-se num quarteirão com a forma de U, onde no espaço central se torna um espaço verde público.[85]

Estes novos modelos foram aplicados durante todo o séc. XX na Europa, pela sua versatilidade e flexibilidade, inclusive estes modelos serviram como base para as construções habitacionais em Portugal.

O Urbanismo moderno assumiu-se no início pela construção habitacional, a partir de 1945, pois a questão da habitação era o maior problema das cidades. No movimento moderno as tipologias habitacionais são combinadas verticalmente ou horizontalmente e com elementos que permitem ligar: entradas, elevadores, galerias, etc. As tipologias construtivas assumiam-se com a torre, o bloco, e o conjunto habitacional, altos ou baixos.[86] Ao mesmo tempo, reinventaram o elemento estruturador da cidade tradicional, o espaço público.

Assim, a relação público/privado modificou-se, criando-se a noção de que não se habita só em casa, mas sim num conjunto com equipamentos e serviços coletivos, onde o espaço seria de livre acesso a todos os habitantes, desaparecendo a noção de propriedade privada. Valorizou-se o espaço público com a criação de espaços verdes e grandes espaços dedicados à população.

[85] LAMAS, Ressano Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, p. 236
[86] Idem, p. 338



Fig.64 – Planta do Bairro de Contumil, Porto, 1977



Fig.65 – Ortomapa actual do Bairro de Contumil, Porto



Fig.66 – Bairro de Contumil, Porto

Como a ideia de que o espaço podia ser de todos só se podia tornar possível sob um regime socialista totalitário, o que não aconteceu na Europa, os espaços públicos tornaram-se encerrados e privatizados, e os espaços verdes públicos são deixados ao abandono, pois a manutenção dos mesmos tinha custos elevados.

Hoje muitos conjuntos habitacionais tornaram-se zonas de delinquência, vandalismo, desesperança social, onde a monotonia e a padronização de vida urbana se instalou, sendo a questão da insegurança urbana muito presente na realidade da cidade contemporânea.[87]

Jacobs afirma que o modelo "ideal" habitacional voltado para si mesmo, que consistia numa unidade de vizinhança, hoje é nocivo às cidades, pois foram construídos sem serem encarados como unidades que se integrassem na cidade como um todo, foram idealizados a serem unidades autónomas.[88]

Ao mesmo tempo, os espaços verdes públicos criados no interior do conjunto habitacional enquadram-se, geralmente, na categoria de uso como pátios públicos, e aqueles que tendem a ter pouco uso tornam-se alvos de vandalismo.

Normalmente, um parque típico de um bairro, onde não haja uma diversidade de usos do edificado, tende a ficar vazio grande parte do dia, diminuindo o número de frequentadores, e consequentemente, a atratividade do espaço.[89]

A concentração de populações de baixos rendimentos nos conjuntos habitacionais proporciona a criação de estigmas sociais, a degradação urbana, e a dificuldade de aceitação e de integração dos seus habitantes.

Posto isto, é necessário repensar os usos e funções de todo o conjunto habitacional e requalificar o espaço público, criando continuidades urbanas, deixando de ser uma unidade autónoma.

[87] JACOBS, Jane, *Morte e Vida das Grandes Cidades*, p. 2
[88] Idem, p. 128
[89] Ibidem, p. 101-108



Fig.67 – Reabilitação Espaço Público, Bairro do Lagarteiro, Porto



Fig.68 – Reabilitação Espaço Público, Bairro do Lagarteiro, Porto



Fig.69 – Reabilitação Espaço Público, Bairro do Lagarteiro, Porto

Assim, é preciso criar melhores acessibilidades e relações com a cidade, romper o isolamento físico e social, criar oportunidades de emprego, promover a movimentação de pessoas com atividades culturais, usos diversos do edificado, e se necessário com equipamentos.

Deste modo, segundo Jacobs, os bairros para serem funcionais e aprazíveis devem desenvolver ruas vivas e atraentes; desenhar o seu tecido para que ele seja contínuo e ligado com a malha estruturante da cidade; fazer com que os espaços públicos se integrem na estrutura do tecido urbano; e dotar o lugar com identidade.[90]

Estes conjuntos habitacionais precisam de se reintegrarem na estrutura urbana, de se abrirem para a cidade, de se relacionarem com a envolvente próxima, e de serem requalificados.

Para a sua requalificação devem ser repensados os usos do piso térreo, que sobre eles funcionam as habitações ligadas ao solo pelas entradas e caixa de escadas, criar novas ruas ao nível do piso térreo, que compartimentem o quarteirão, e ser proporcionado pequenos espaços de lazer e de estar.

Acima de tudo, deve-se introduzir grande diversidade de usos, para além do residencial, pois a falta desses alimentam a monotonia e a insegurança.[91]

[90] JACOBS, Jane, *Morte e Vida das Grandes Cidades*, p. 141
[91] Idem, p. 438-440

III.

DA CIDADE DE BRAGA AO BAIRRO DO FUJACAL



Fig.70 – Interseção das muralhas romana e medieval

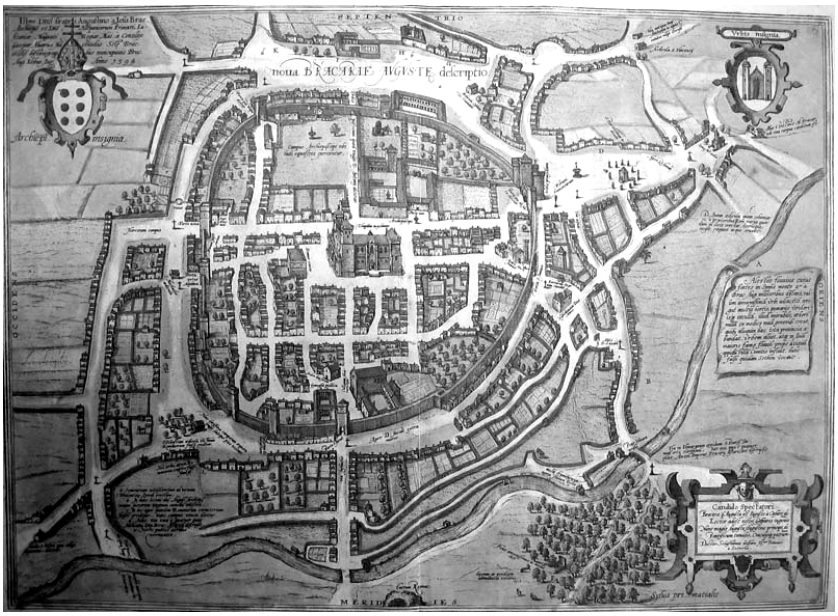


Fig.71 – *Nova Bracare Auguste,* mapa Georgio Braunio, 1594

EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA URBANA DE BRAGA

BRAGA MEDIEVAL – RECINTO MURALHADO

Durante os quatro séculos de ocupação romana pouco se pode precisar sobre a organização da vida da cidade. A sua construção garantiu a sua persistência como importante núcleo urbano, apesar da instabilidade política que caracterizou os tempos de crise que assolaram o Império desde o século III até à dominação sueva.

No período medieval a cidade desenvolveu-se sobre a estrutura pré-existente, esta irá dotar-se das infraestruturas necessárias ao seu normal funcionamento, possuindo um plano que se crê marcado pela morfologia herdada do período romano, acreditando-se que algumas vias principais devam ter seguido o traçado das ruas e cercas romanas.

A Sé Catedral[92], edifício icónico da cidade, encontrava-se em posição periférica relativamente à malha da cidade romana, sobre o sítio onde se pensa ter existido um antigo templo romano nas proximidades da muralha romana. Esta constituirá o elemento central do espaço urbano a partir do século XIV, resultante do crescimento lento e orgânico da cidade a partir daquele pólo, que passou a ser essencialmente delimitada por uma nova cintura de muralhas.

A cidade era um espaço administrativo, religioso e comercial que se ia organizando, onde para além da Sé se viria a erguer um outro edifício de destaque – o Palácio dos Arcebispos – edificado na metade norte da cidade, esta já delimitada por um eixo fundamental – a Rua do Souto. As ruas estruturavam a malha urbana e definiam um sistema de espaços públicos.

O núcleo urbano formava uma unidade compacta amuralhada, que definia claramente a divisão entre o rural e o urbano.[93]

[92] Edifício icónico da cidade, erguido em 1089, localizado no centro histórico de Braga e sobre as fundações de um antigo mercado ou templo romano.
[93] OLIVEIRA, Eduardo; MOURA, Eduardo Souto de, *Braga. Evolução da Estrutura Urbana*, p. 20

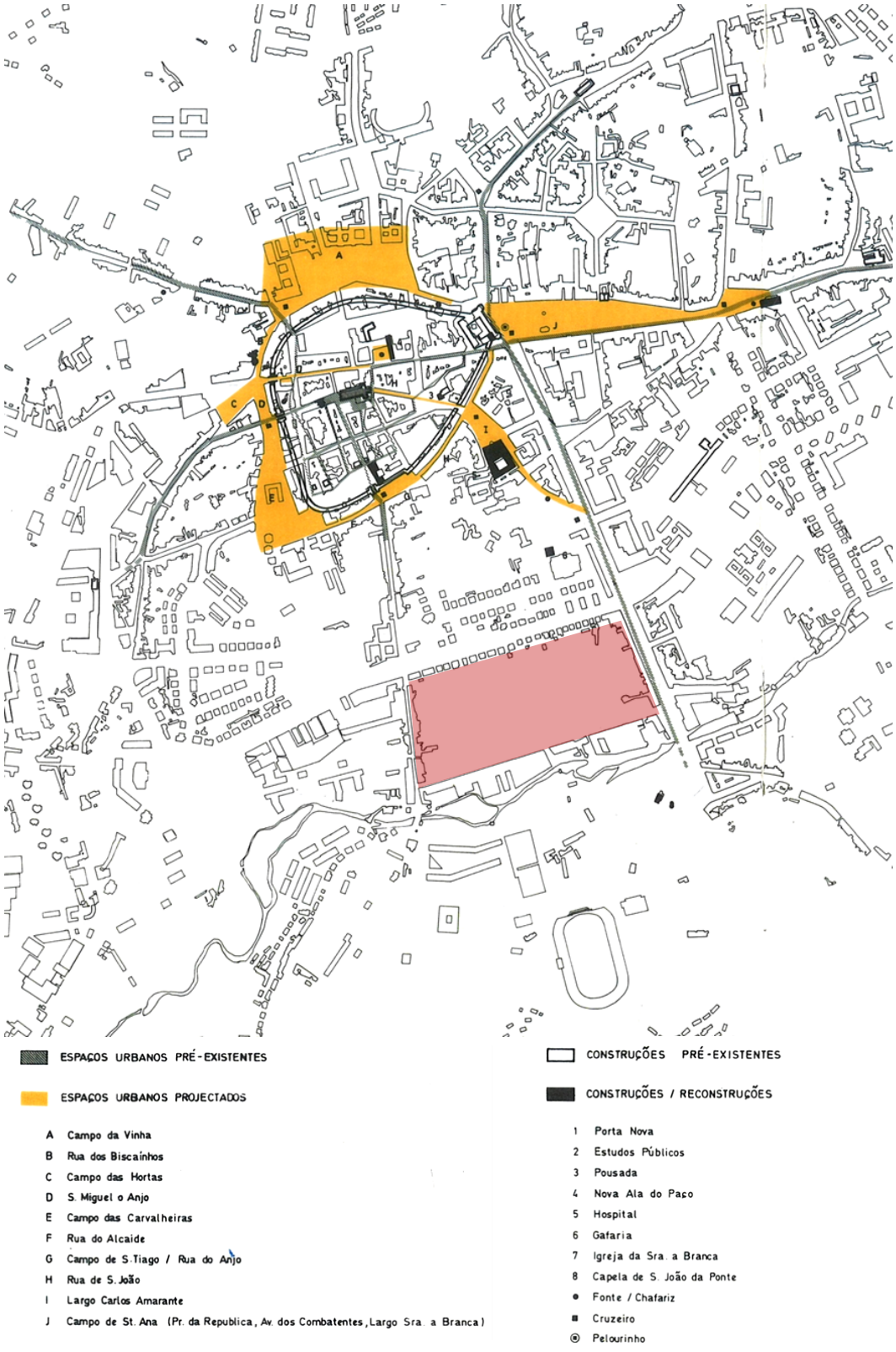


Fig.72 – Braga na época de D. Diogo de Sousa (1505-1532)

D. DIOGO DE SOUSA – ESPAÇO URBANO

D. Diogo de Sousa[94] foi a personalidade mais importante do urbanismo da cidade de Braga, na medida em que propõe um vasto leque de requalificação urbana e marca uma nova atitude face ao espaço público da cidade.

A estratégia urbanística foi planeada com o claro objetivo de favorecer a expansão da cidade. Qualificaram-se os campos situados junto às novas portas rasgadas na muralha e rasgaram-se novos eixos viários, tanto na cidade intramuros como na sua envolvente, o que permitiu que a vida dos cidadãos não se confinasse às estreitas ruas medievais.

É também durante o arcebispado de D. Diogo de Sousa que se abre a Rua Nova. O traçado desta surge como prolongamento da Rua do Souto, rompendo a muralha no ponto onde se construiu o Arco da Porta Nova.

O encontro destas duas ruas assume-se desde logo como o eixo fundamental da cidade, unindo o Campo das Hortas ao Campo de Sant'Ana, e ganha um carácter vital se entendido segundo uma estratégia de centralização do complexo arquitetónico da Sé. Ao mesmo tempo, o Campo de Sant'Ana, atual Avenida Central, surgiu no cruzamento entre dois eixos pré-existentes, o Eixo da Rua do Souto-Rua Nova e o eixo Norte-Sul, no interior amuralhado.[95]

Juntando-se a isto, outras medidas que melhoraram consideravelmente a qualidade de vida da população foram tomadas, como um novo abastecimento para a cidade e a construção de hospitais organizados e colégios, como forma de incutir na cidade uma nova realidade, mais iluminada, mais moderna, fazendo jus aos ideais da época e percebendo a continuidade espacial entre os espaços.

[94] D. Diogo de Sousa (1461 – 1532), arcebispo bracarense, foi a personalidade de maior vulto no domínio do urbanismo bracarense. Depois de ter realizado uma trajetória de vida e de formação notável, em Roma e Florença, tenta dotar Braga de uma nova reorganização urbana, levando a cabo um programa de modernização, embelezamento e ampliação da cidade, influenciado pelas novas conceções do espaço urbano surgidas com o Renascimento europeu, alterando significativamente a fisionomia do burgo medieval.

[95] OLIVEIRA, Eduardo Pires de; MOURA, Eduardo Souto de, *Braga. Evolução da Estrutura Urbana*, p. 24

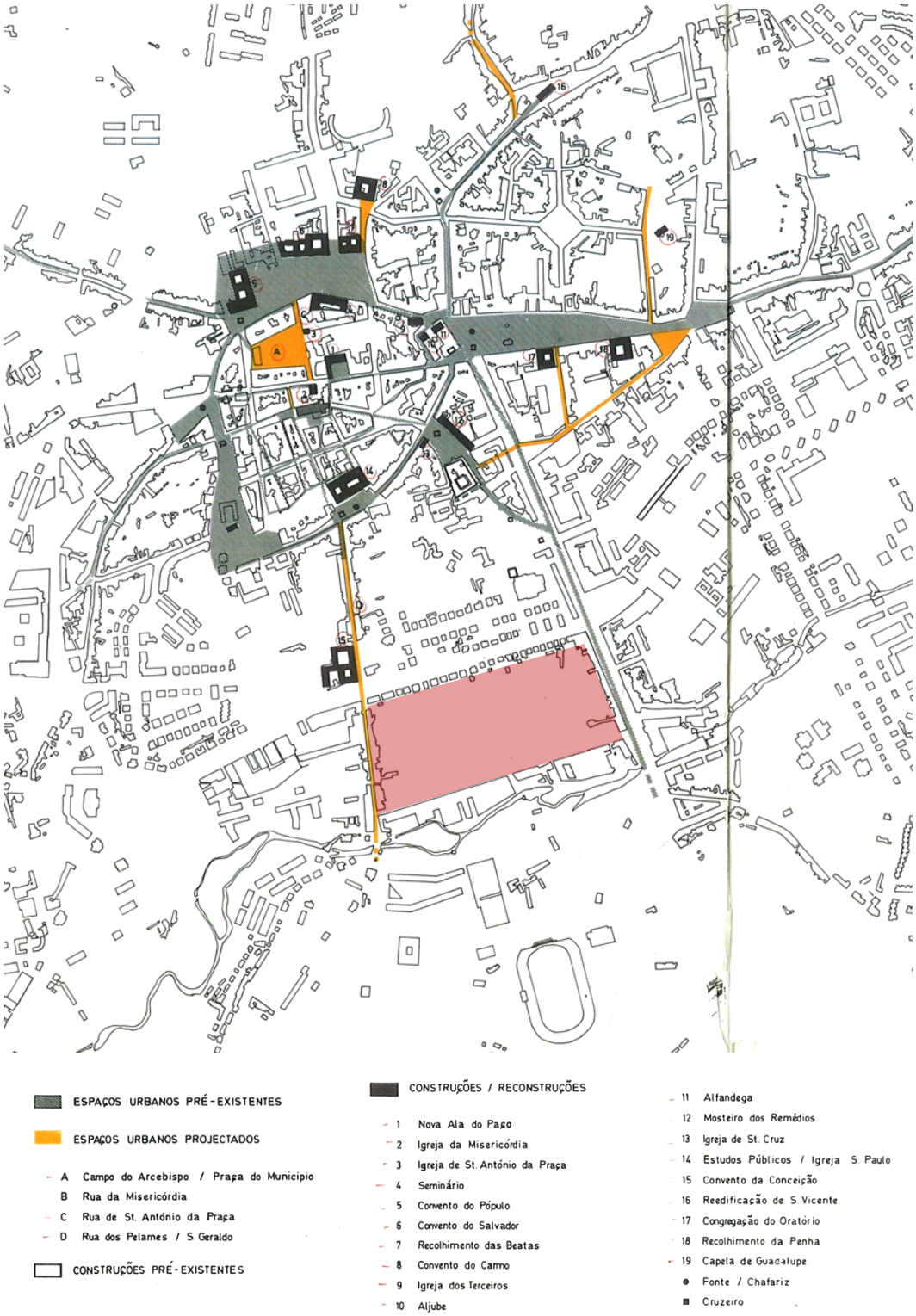


Fig.73 – Braga na época da Contra-Reforma, 1750 – *Aranha de Cruz*

CONTRA-REFORMA – *UMA ARANHA DE CRUZ*[96]

A Contra-Reforma e a sua nova forma de encarar a religião viriam, a partir do século XVII, preencher, de uma certa forma, o legado urbano impulsionado por D. Diogo de Sousa. As zonas que ladeavam a muralha medieval foram sendo sucessivamente urbanizadas, como resultado de um inevitável processo de convívio com os novos espaços qualificados e abertos a mando de D. Diogo de Sousa e a progressiva perda de funcionalidade do sistema defensivo erguido nos séculos anteriores.

A cidade irá expandir-se para a zona extramuros, através de novos projetos urbanísticos e ao longo das principais vias de saída para a região envolvente. Esta é uma época marcada pela construção de novos equipamentos que vão definir de forma mais coesa os espaços públicos.[97]

Braga foi afetada por um crescimento demográfico, devido à crescente chegada de pessoas para trabalhar em espaços ligados à religião. Erguem-se conventos e recolhimentos em abundância. Traçaram-se duas novas ruas: a atual Rua da Misericórdia e a Rua dos Pelames. A Rua dos Pelames foi traçada com o intuito de estabelecer a ligação do centro da cidade com os terrenos localizados a sul. Depois da abertura do Campo Novo, a cidade submerge num período de estanque no seu crescimento urbano.

Os novos espaços criados foram ocupados por casas e palácios senhoriais. Ao mesmo tempo, a cidade assumia-se como "uma aranha de cruz" em torno da Sé Catedral. Esta era composta pelo corpo amuralhado central do qual se expandiam os traçados radiais, vias de importante circulação.[98]

O crescimento urbano foi desenvolvendo de uma forma radiocêntrica, do centro para a periferia, mas mantendo um ambiente predominantemente rural por ter menos densidade de construção.

[96] OLIVEIRA, Eduardo Pires de, *Estudos sobre o séc. XVIII em Braga*, p. 75
[97] OLIVEIRA, Eduardo Pires de; MOURA, Eduardo Souto de, *Braga. Evolução da Estrutura Urbana*, p. 31
[98] Idem, p. 34



Fig.74 – Avenida Central em 1958



Fig.75 – Campo da Vinha em 1958

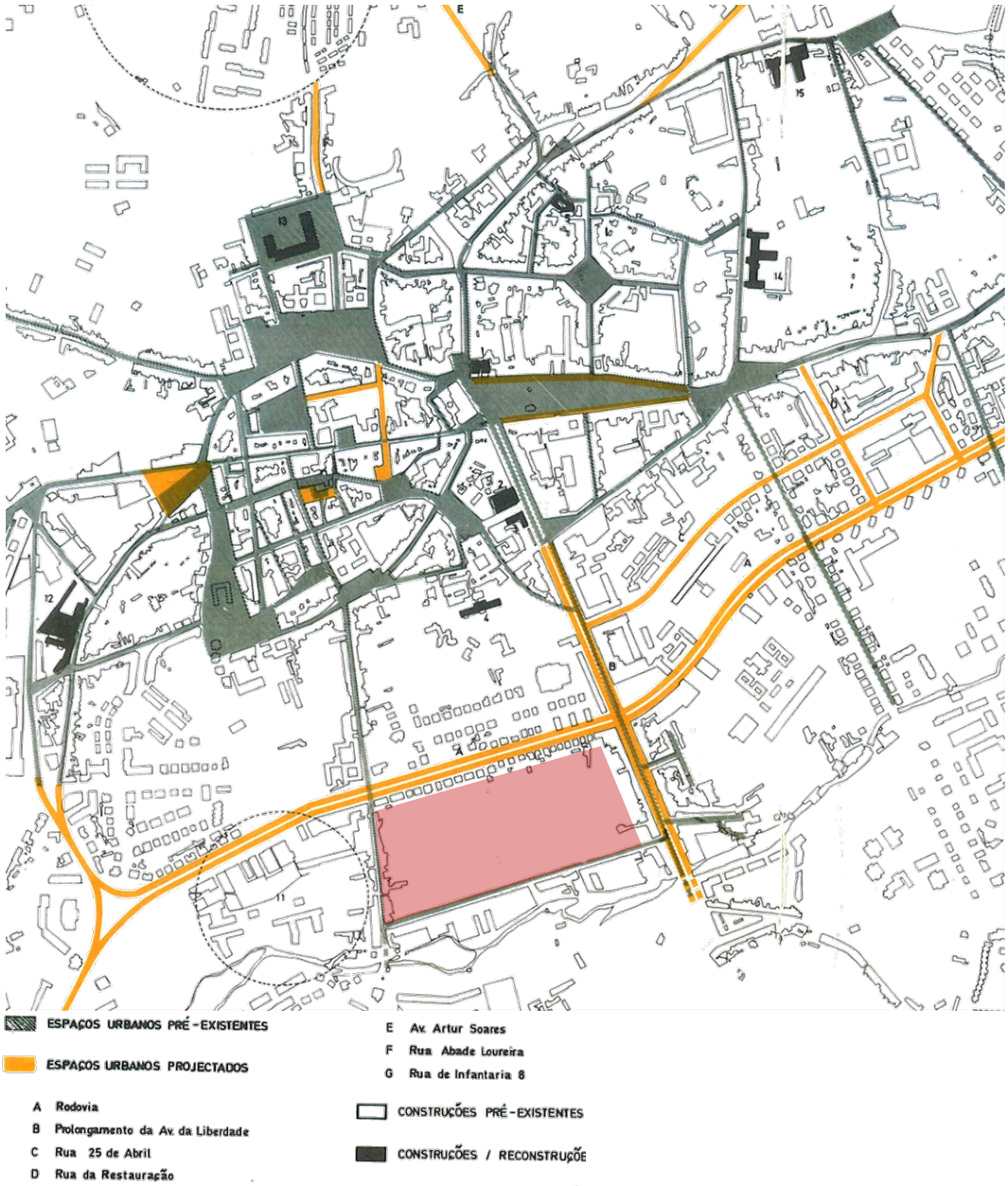


Fig.76 – Braga no séc. XX

CIDADE CONTEMPORÂNEA – SÉC. XX

Braga conheceu nesta época grandes transformações urbanas que viriam a alterar por completo a vida da população, numa tentativa de modernizar e adaptá-la à nova realidade contemporânea, quer a nível de espaço publico e viário, quer de equipamentos.

Este século também é marcado pela chegada de abastecimento de água ao domicílio, pela mobilidade, nomeadamente pela construção do caminho-de-ferro, rede elétrica e autocarros.

É na década de 30 que Braga conhece o *Plano Geral de Urbanização* de 1934, de modo a controlar o crescimento urbano. Este plano foi desenvolvido mais tarde por Étienne De Groer. Em 1941, Groer elabora o *Plano de Alargamento, Extensão e Embelezamento*, com os mesmos princípios de Howard, tendo como objetivo organizar as funções urbanas e utilizar de forma racional o solo. Este plano acabou por ser posto de lado, servindo apenas para o desenvolvimento da futura cidade.[99]

A zona sul da cidade, nas décadas de 50 e 60, presenciou um crescimento acentuado devido ao *Plano de Urbanização Sul de Braga*, em 1958, e elaborado pelo Eng. Miguel Resende.

O plano assentava nos ideais do Movimento Moderno e da Carta de Atenas, previa a definição dos espaços públicos, bem como edifícios desalinhados em relação à rua, aproveitando o máximo de exposição solar, e a abertura de um novo eixo Oeste-Este, a Rodovia, que integra a Avenida Imaculada Conceição, a Avenida João XXI e a Avenida João Paulo II. Esta nova abertura pretendia separar o centro histórico do tráfego viário e da zona rural da cidade, e assumia-se como um anel de circulação que limitava a expansão a Sul.[100]

[99] SÁ, Manuel Fernandes, *Cadernos Municipais,* p. 27
[100] Idem, p.29

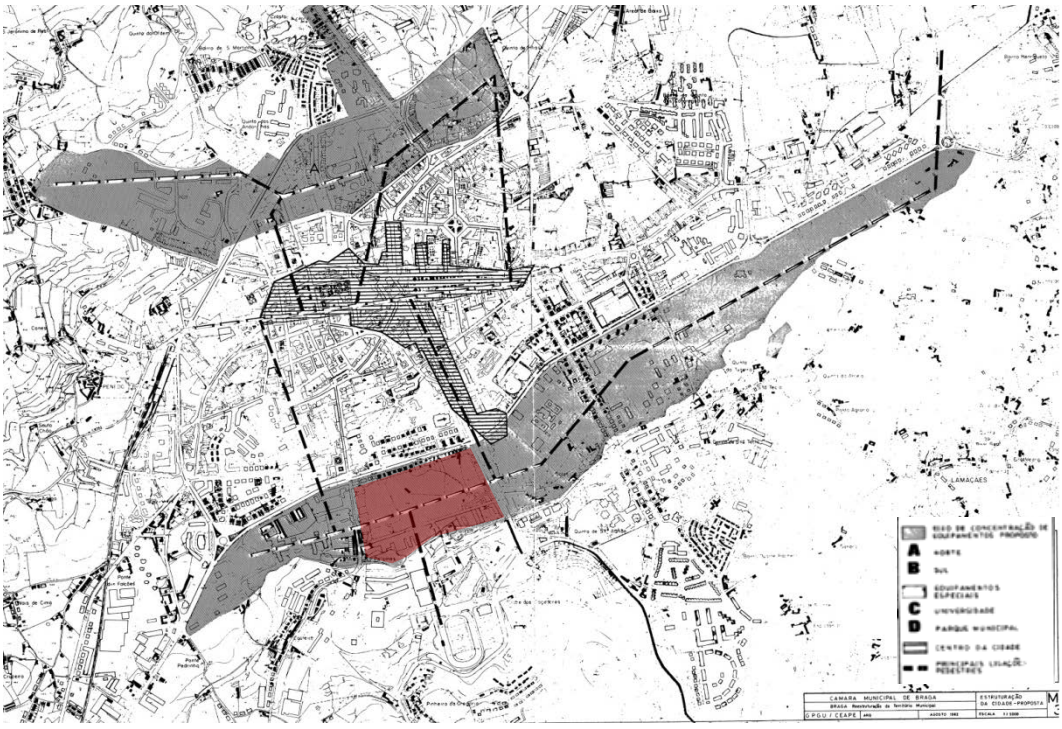


Fig.77 – Plano de Reestruturação do Território Municipal, Zonas de Expansão Planeada

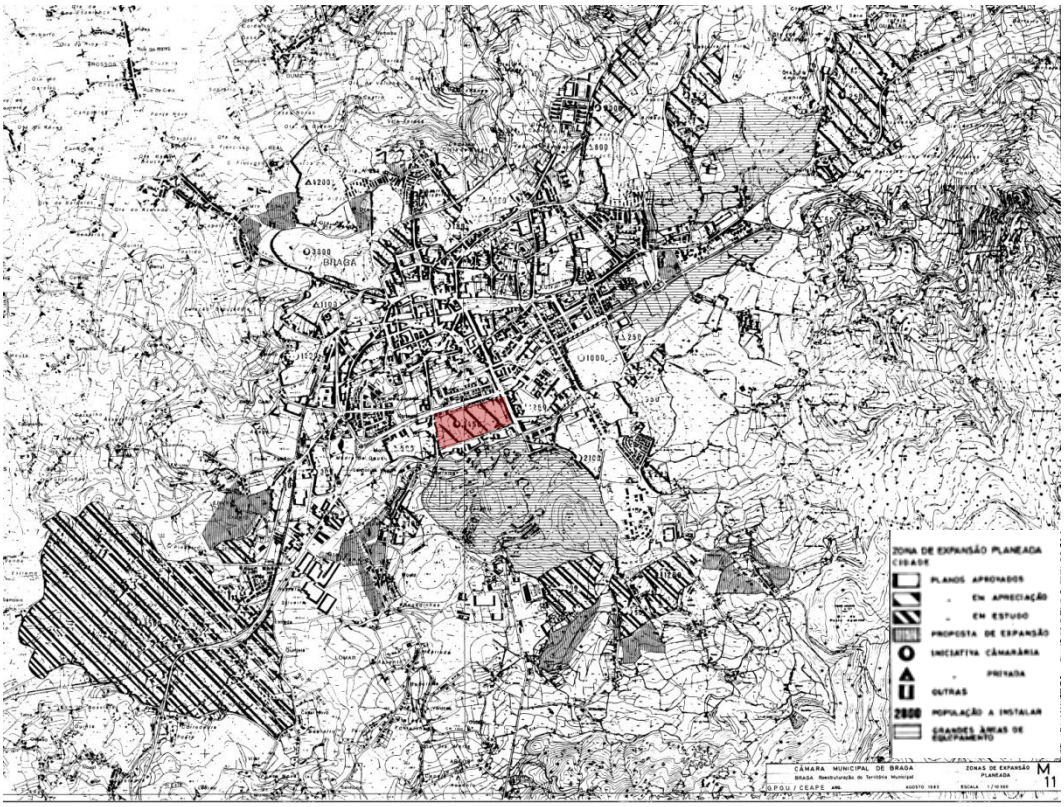


Fig.78 – Intervenções de expansão ao abrigo de planos de pormenor

ATUALIDADE – SÉC. XXI

Com o *Plano de Reestruturação do Território*, nos anos 80, a cidade conhece um desenvolvimento a Sudoeste-Noroeste, propondo duas zonas de qualificação urbana: a norte desde a urbanização das Parretas, passava o mercado e terminava na Praça Alexandre Herculano; e a sul, elemento de charneira entre a cidade e a zona rural e agrícola, desde a nova urbanização do Fujacal e Bairro do Carandá, até ao complexo desportivo, na Av. Paulo II, junto ao rio Este.

Este plano de reestruturação, que pretendia controlar a forma urbana, assentava no ordenamento da malha urbana, no controlo da volumetria, nas tipologias habitacionais, no parcelamento do solo, e no alinhamento. As linhas de intervenção partiam de dois critérios: a ocupação dos vazios urbanos, com elaboração de planos de pormenor, e a expansão Oeste-Este.

Foi este *Plano de Reestruturação do Território*, nos anos 80, que serviu de base ao desenvolvimento urbano do território concelhio. Mas só a partir dos anos 90 é que Braga começa a ser pensada a partir do PDM, de acordo com o Decreto-Lei nº 69/90, de 2 de Março.[101] É nos finais dos anos 80 e durante os anos 90 que se assiste às obras de reabilitação do centro histórico da cidade.

Nos finais dos anos 90, depois da visível melhoria das acessibilidades na década de 80, as intervenções voltaram-se para a questão da circulação automóvel e pedonal.

Com isto, foram construídos vários túneis e viadutos, algumas ruas e avenidas passaram a ter apenas um sentido, os estacionamentos foram retirados, de modo a garantir espaços de fácil acesso ao comércio tradicional e espaços destinados aos peões.[102]

[101] in Câmara Municipal de Braga, consultado em 29 de Março de 2014
[102] BRITO, Sandra da Mouta, *As Formas de espaço público nos novos territórios urbanos – A estrutura urbana de Braga*, Prova final para a obtenção da licenciatura em arquitectura, FAUP, 2005, p. 51

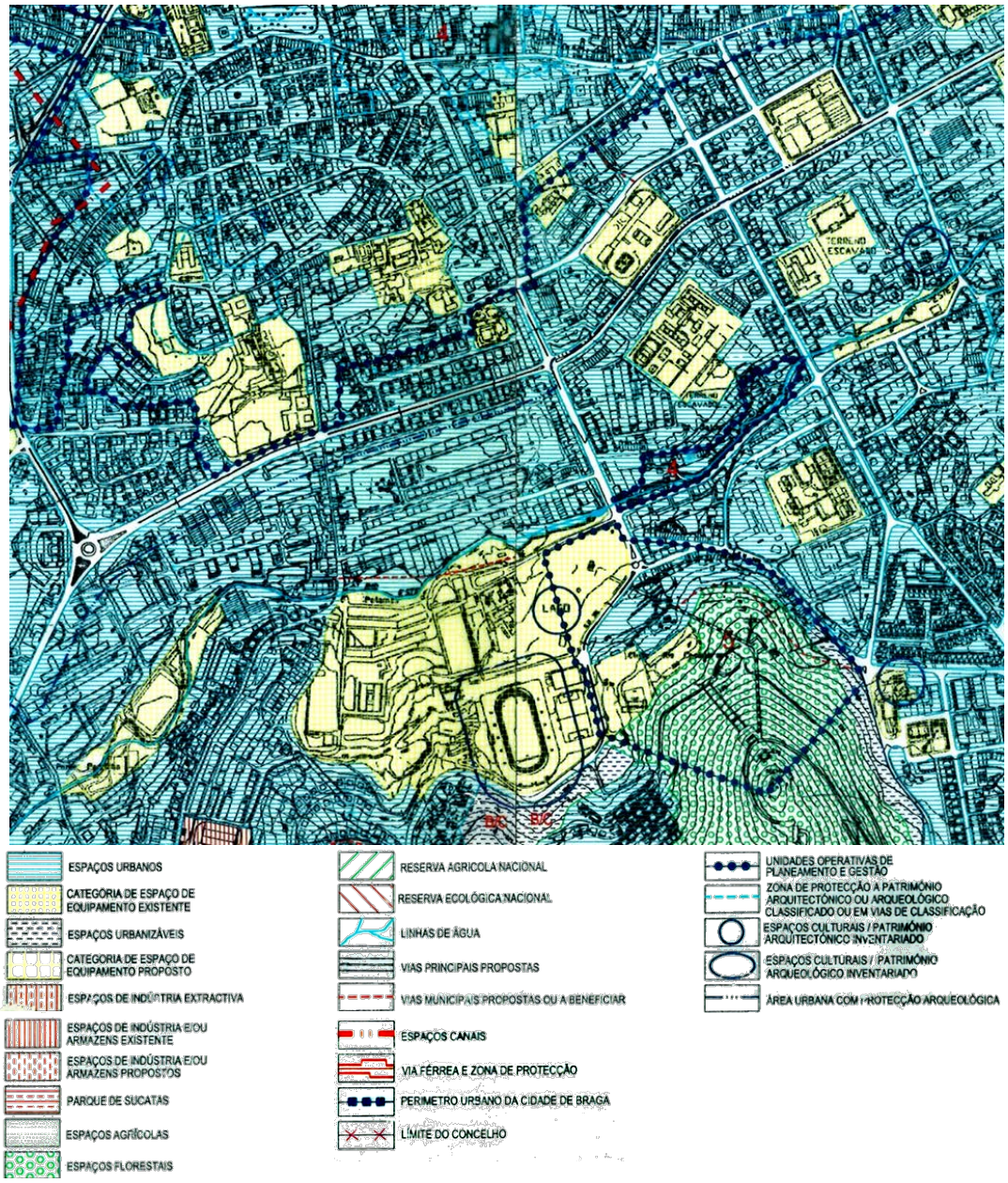


Fig.79 – Plano Director Municipal de Braga

Atualmente, o PDM da cidade, aprovado pelo Decreto-Lei nº380/99, de 22 de Setembro, encontra-se em revisão, mas a área que pretendemos requalificar está definida como *"Espaços Urbanos"*, sem qualquer proposta de intervenção ou qualquer espaço a urbanizar.

No entanto, a sua envolvente próxima, a sul, encontra-se ao abrigo das UOPG, onde estão em fase de construção equipamentos, espaços de lazer, e espaços verdes.

Simultaneamente, junto ao rio Este, na zona sul da urbanização do Fujacal, está proposto uma via municipal que pretende ligar a rua Monsenhor Airosa com a Av. Dr. Francisco Pires Gonçalves, localizada a sul da margem do rio Este.[103]

A cidade de Braga tem vindo a estender-se a nascente e a poente, com novas urbanizações e novas vias de comunicação. Ao mesmo tempo, a CMB tem vindo a acentuar a sua atenção para a requalificação do centro histórico da cidade, e ainda, com três últimas intervenções na zona sul da cidade, a requalificação do Parque de S. João, a requalificação do Monte do Picoto, e requalificação das margens do rio Este.

Embora estas intervenções tenham vindo a melhorar a qualidade de vida da população, encontram-se ainda desligadas da restante envolvente, são zonas ainda subvalorizadas e pouco atrativas.[104]

Assim, e apesar de Braga ser resultado de um crescimento a partir de um modelo primitivo, de onde se abriram vários eixos além muralhas, podemos constatar que é a partir da década de 70 que se promove o alargamento da cidade através da concentração de edificações e intervenções na área envolvente à cidade consolidada, e posteriormente se processa a expansão a sul.

Hoje, a densidade de tecido urbano denuncia a passagem para a cidade difusa e com cargas muito diversas.

[103] Departamento de Planeamento e Ordenamento, *Evolução do Plano Diretor Municipal de Braga*, Câmara Municipal de Braga
[104] Idem



Fig.80 – Urbanização do Fujacal, zona oeste, Braga

ENQUADRAMENTO

Para compreender a organização e estrutura do espaço do conjunto habitacional do Fujacal é necessário antes olhar para o Município de Braga. Este território é o principal aglomerado da região do Cávado, e tem uma grande densidade populacional onde residem 117 272 habitantes.

O plano de reestruturação do território, em 1981, permitiu que a cidade se estendesse a sul com uma serie de construções habitacionais. É nos anos 70 que a questão da habitação para todos ganhou força e a Câmara Municipal concretizou uma política de solos que permitiu a construção a preços controlados. Na década seguinte, esta política permaneceu, nomeadamente, com a construção dos conjuntos habitacionais do Fujacal, das Enguardas, Sotto Mayor, da Santa Tecla, e das Andorinhas, para arrendamento ou venda.[105]

O conjunto habitacional do Fujacal situa-se na zona sul da cidade de Braga, e administrativamente pertence à freguesia de S. José de S. Lázaro e S. João de Souto. O bairro é limitado a sul pelo rio Este, a norte pela Rodovia e por conjunto de edificado de baixa densidade e dedicado à habitação unifamiliar, a oeste limitado pela rua Monsenhor Airosa, e a este pelas traseiras dos edifícios que configuram a Av. da Liberdade. Antigamente, este terreno fazia parte da Quinta do Fujacal, zona rural e agrícola da cidade, com um declive pouco acentuado.

O bairro do Fujacal nasce ao abrigo do Plano de Pormenor, em 1981, por iniciativa camarária e com apoio do CEAPE, elaborado pelo Arq.º Artur Gaspar. Este teve duas fases de construção, uma que começa, em 1982, com a construção do edificado desde o centro até oeste, e uma segunda fase, em 1986, com o Plano de Pormenor para a zona nascente do quarteirão, elaborado pelo Arq.º Mário Louro.

[105] SILVA, João Belmiro; GOMES, Paulino, *Braga, os tempos e o lugar*, p. 73



Fig.81 - Planta Topográfica de Braga, 1954

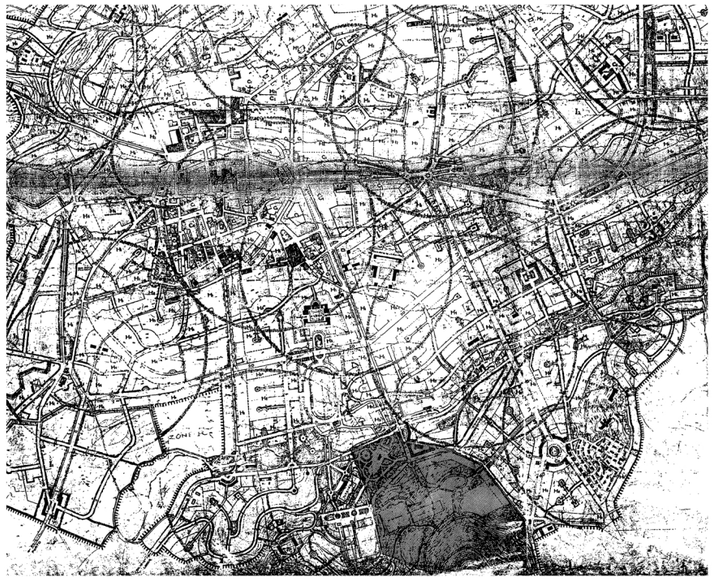


Fig.82 - Plano de Urbanização e Embelezamento da zona Sul de Braga, Étienne Groer

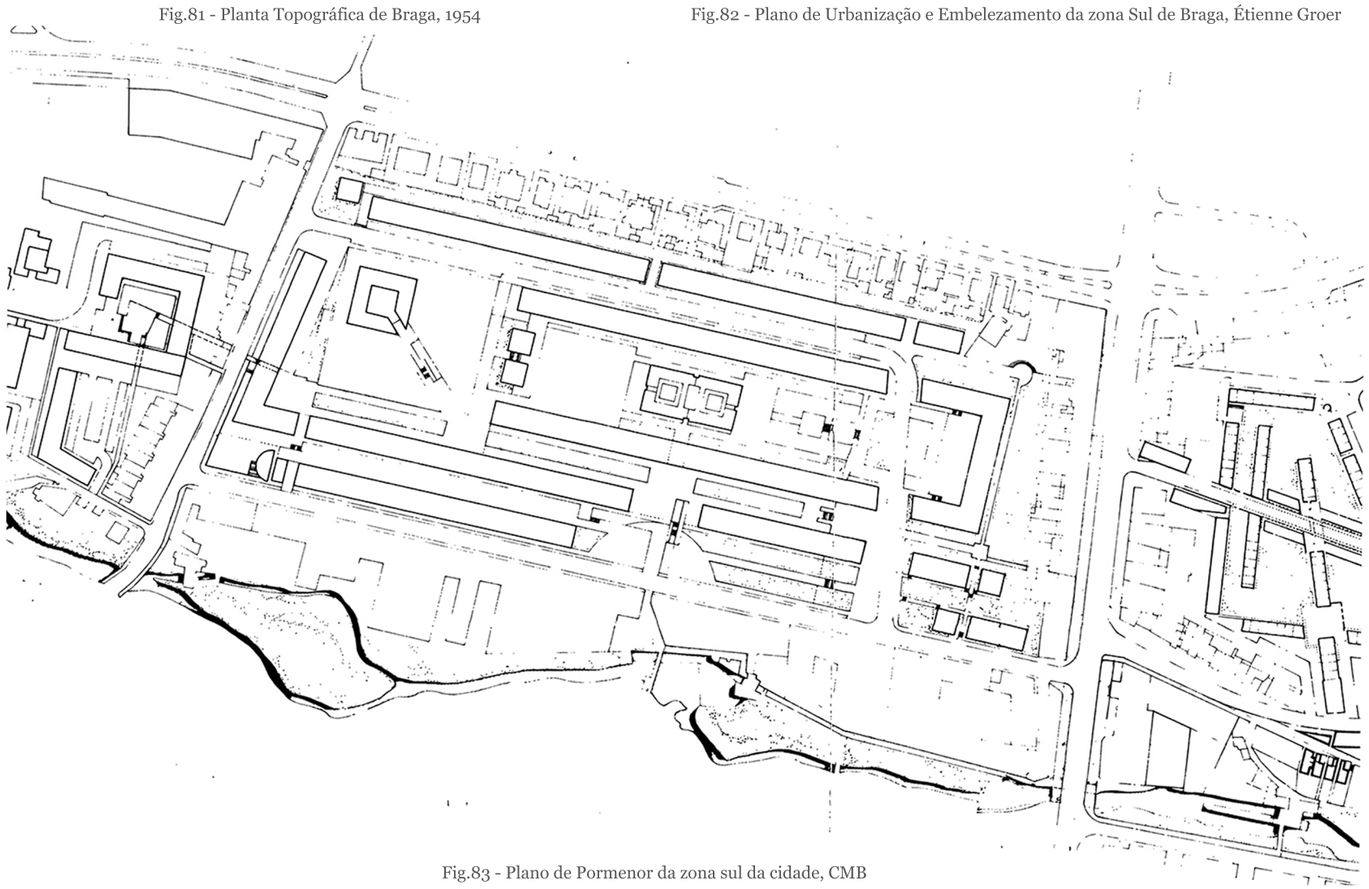


Fig.83 - Plano de Pormenor da zona sul da cidade, CMB

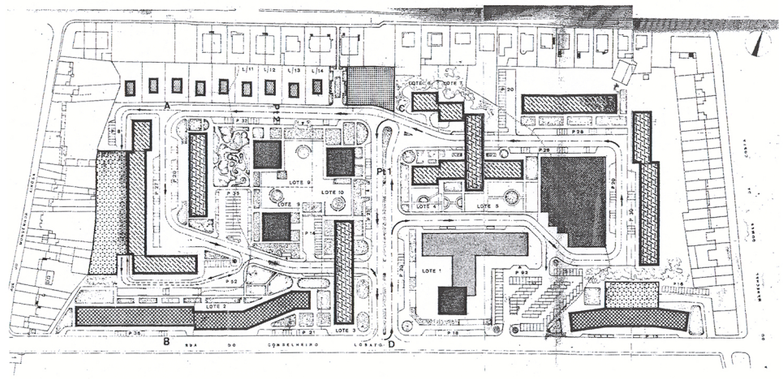


Fig.84 - Plano de Loteamento do Fujacal, Álvaro Pimentel, 1980

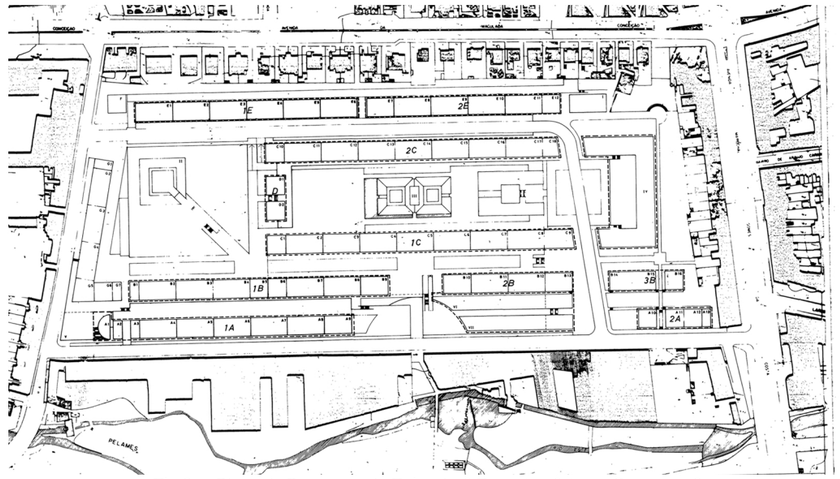


Fig.85 - Plano de Pormenor do Fujacal, 1ª Fase, Arq.º Artur Gaspar, 1981

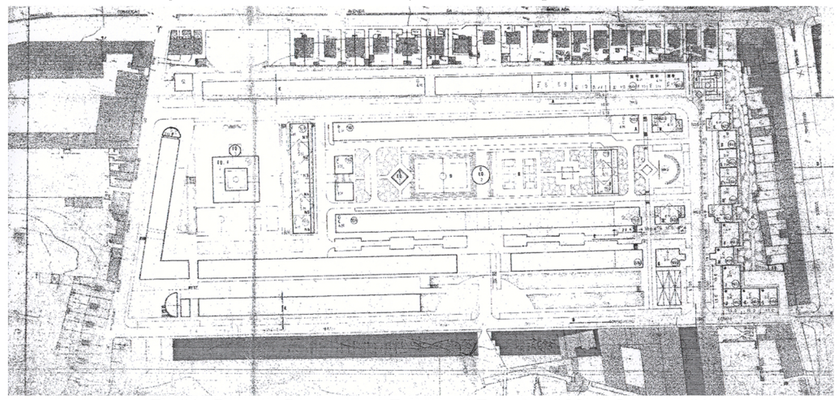


Fig.86 - Plano de Pormenor do Fujacal, 2ª Fase, Arq.º Mário Louro, 1986

Os terrenos eram do Instituto Monsenhor Airosa e de proprietários particulares, foram expropriados pela Câmara Municipal e as construtoras Gomes Cunha e Amabélia fizeram negociações amigáveis a particulares.

A urbanização caracteriza-se por um grande conjunto habitacional autónomo, com traçado regular e com grande densidade, com volumes puros e paralelos entre si, onde a fachada principal se volta para a rua, e as traseiras se voltam para o interior do quarteirão, dando lugar a espaços públicos e a espaços coletivos.

Esta zona urbanizada é maioritariamente caracterizada por habitação plurifamiliar em bloco, dispostos paralelamente entre si, sendo o piso térreo dedicado ao comércio, hoje muitos deles encontram-se devolutos.

O interior do quarteirão é onde se localiza a maior zona de espaço público, com zonas arborizadas, com campo de futebol, parque radical, parques infantis, e espaços de estar, que normalmente se encontram vazias durante todo o dia.

Esta zona de aglomeração habitacional, outrora tinha outro intuito. Etienne Groer, em 1941, elabora o *Plano de Alargamento, Extensão e Embelezamento* para a zona sul da cidade, que previa ser uma cidade-jardim, com criação de espaços verdes que permitissem ligar o Fujacal, o Parque da Ponte e o Monte do Picoto. No entanto, este plano não foi seguido.[106]

Apesar de este conjunto habitacional se encontrar numa posição geográfica privilegiada na cidade, encontra-se encerrado, voltado para si mesmo, não estabelecendo relações com a envolvente próxima e a cidade, promovendo o isolamento e a degradação do espaço urbano.[107]

[106] Departamento de Planeamento e Ordenamento, Câmara Municipal de Braga

[107] "Este bairro carece de uma intervenção séria quase desde o início da sua existência, com não foi bem concebido e a promotora, a Câmara Municipal de Braga, tem vindo a ignorar a responsabilidade (…) A par da degradação do espaço público e do estado de total abandono de estabelecimentos comerciais, as garagens de muitos dos edifícios constituem uma cenário dantesco, não sendo utilizáveis", in Diário do Minho, Braga, 23 de Setembro de 2013



Fig.87 – Ambientes de diferentes do Bairro do Fujacal

CARACTERIZAÇÃO SOCIAL E ECONÓMICA

Segundo os Censos de 2011, consta que a freguesia de S. José de S. Lázaro tem 14301 habitantes, dos quais 16,4% são desempregados. Comparativamente às restantes freguesias, esta tem a maior taxa de desemprego

A Escola EB1 com Jardim de Infância do Fujacal, com 252 alunos de várias nacionalidades, está localizada na zona oeste do conjunto habitacional. A grande maioria dos seus alunos é residente no bairro.[108]

Ao mesmo tempo, a população do bairro, maioria oriundos de outros países e de etnias diversas, é caracterizada pela relação de proximidade uns com os outros. Das conversas com a Associação de Moradores e alguns residentes, aquilo que podemos perceber é que o bairro é um lugar de identificação para os habitantes, apesar das diferenças sociais.

No entanto, os habitantes tendem-se a mobilizar de modo a reivindicar uma reabilitação ao bairro, às habitações e às garagens, que se encontram num estado lamentável, mas por falta de interesse público, privado, e por parte dos condomínios não tem sido fácil.[109]

Relativamente à economia do bairro, é comum que a população ativa viva de rendimentos sociais de inserção, e de atividades socialmente desvalorizadas, como serviços domésticos, restauração, vendas ambulantes.

É um conjunto habitacional com comércio local, como cafés, cabeleireiros, peixarias, supermercados, restauração, oficinas, entre outros. As atividades sendo mais significativos nas ruas principais e exteriores do quarteirão, Rua Conselheiro Lobato e Rua do Fujacal.

[108] in Publico, *Tribunal de Braga condenou mãe que agrediu professora*, 2008; in CM Jornal, *Ciganos, romenos e portugueses lutam na escola*, 2010

[109] Segundo o relatório do Programa Estratégico de Reabilitação Urbana da ARU de Braga Sul, esta zona não teve um plano de reestruturação de território que fosse capaz de se ligar quer à zona verde da cidade, Parque da Ponte e Monte do Picoto, bem como à zona histórica da cidade, notando-se hoje uma notória degradação dos complexos habitacionais desta zona da cidade e falta de interesse de investidores privados ou públicos para intervir nesta área onde a imagem urbana se mantém muito fragilizada

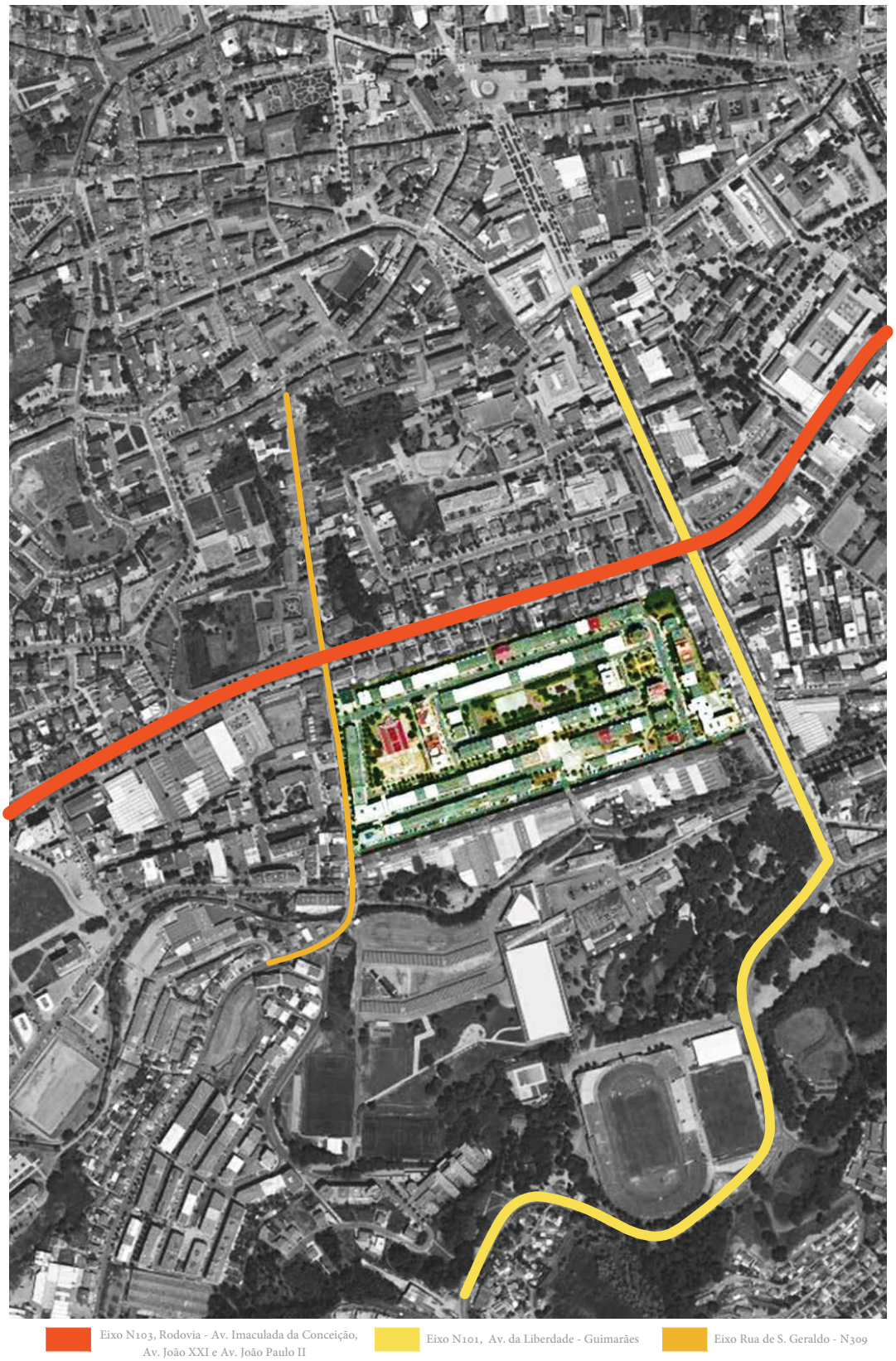


Fig.88 - Ortomapa atual do BAIRRO DO FUJACAL

ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO FÍSICA

MORFOLOGIA URBANA

O crescimento do conjunto habitacional do Fujacal espelha-se em duas fases distintas: as expropriações do solo e a construção do edificado apoiado no Plano de Pormenor do Fujacal de 1981.[110] Inicialmente, a primeira fase de construção, entre 1982 e 1985, seguia sob o regime de venda de fogos aos habitantes, e posteriormente para arrendamento à população e às famílias com dificuldades económicas, maioritariamente oriundas de outros países e a viver de rendimentos sociais de inserção, que a CMB, juntamente com a BragaHabit[111], possibilitam.

Simultaneamente, a construção do bairro, segundo as plantas existentes no AMCMB e ADB, pode ser categorizada em três fases: uma primeira que corresponde ao núcleo central do quarteirão; uma segunda que corresponde à construção da zona poente; e por último, não menos importante, a construção do lado nascente, ao abrigo do *Plano de Pormenor da Zona Nascente do Fujacal*, em 1986, aprovado pelo Decreto-Lei nº 129/84, II Serie, 4 de Junho. (Ver AnexoIV)

Relativamente à estrutura urbana, os seus limites são bastante bem definidos, o bairro é definido por ruas paralelas entre si, que circundam o quarteirão. É na zona oeste, Rua Monsenhor Airosa, e na zona nascente, ligação da Rua Conselheiro Lobato e a Av. da Liberdade, que a malha estabelece mais e melhores relações de continuidade com o tecido urbano da cidade.

O estacionamento encontra-se perpendicular às ruas, largas, e asfaltadas. No entanto, em algumas zonas deparamo-nos com sobreposições funcionais, onde não existe passeio ou os que existem são relativamente reduzidos.

[110] Departamento de Planeamento e Ordenamento, Câmara Municipal de Braga

[111] BragaHabit é uma empresa municipal que tem como principal objetivo promover a habitação social no Município de Braga e a gestão social, patrimonial e financeira dos bairros e fogos da empresa. Ao mesmo tempo, contribui com apoio social aos mais carenciados, de modo a que essa população se integre na sociedade.

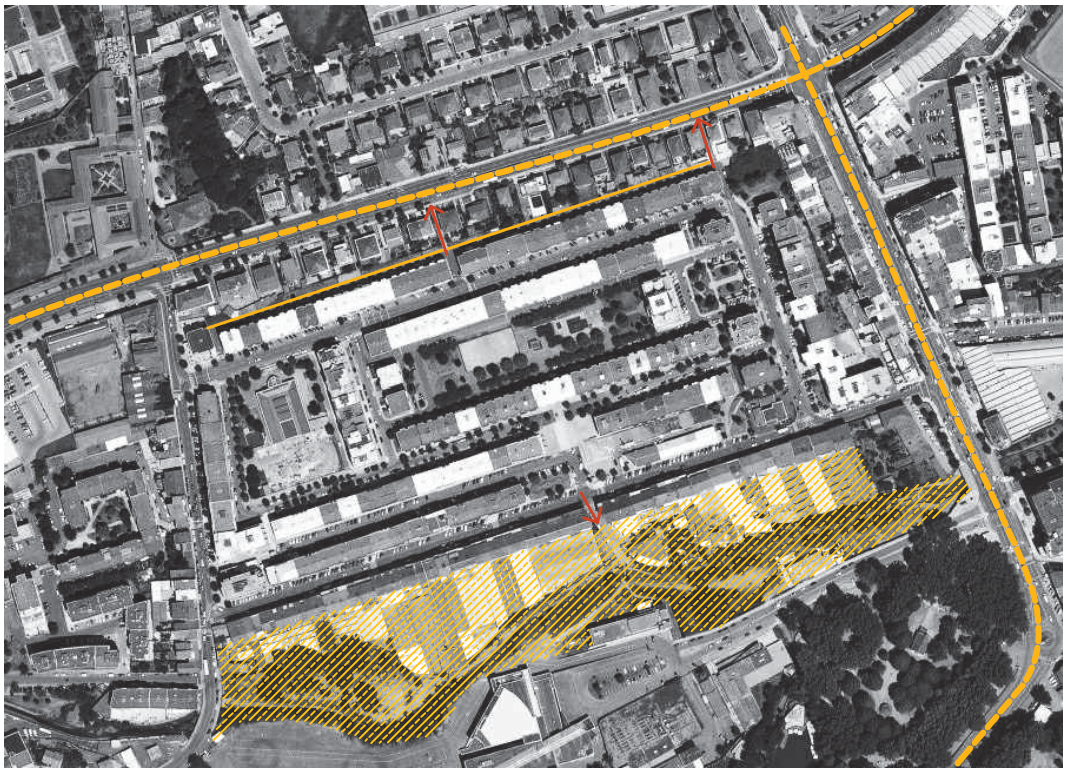


Fig.89 - Esquema de limites e barreiras do bairro do Fujacal

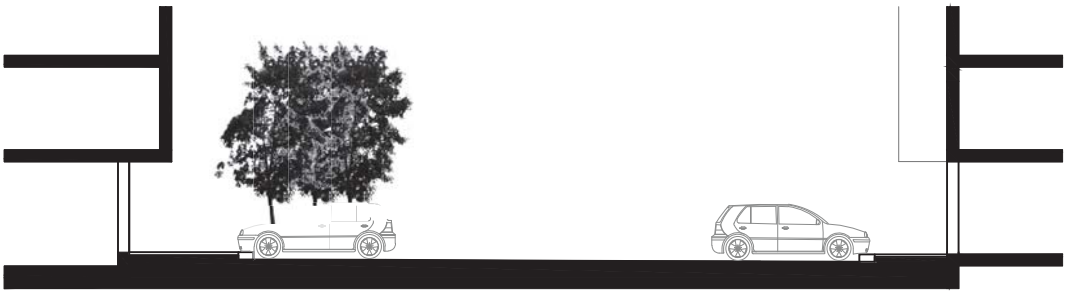


Fig.90 - Corte tipo Rua do Fujacal | ESCALA 1/200



Fig.91 - Corte tipo Praça dos Arsenalistas | ESCALA 1/200



Fig.92 - Corte tipo Rua Conselheiro Lobato | ESCALA 1/200

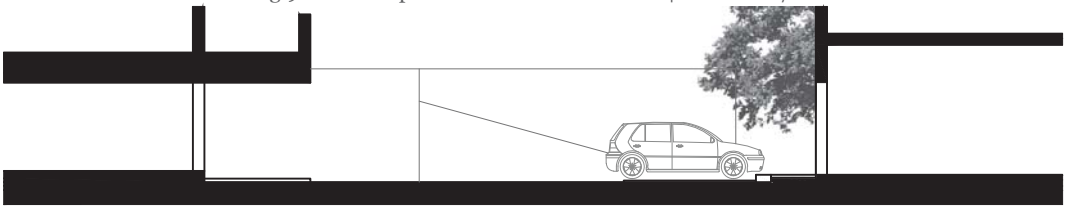


Fig.93 - Corte tipo Travessa Conselheiro Lobato | ESCALA 1/200

A parte central do bairro apresenta mais espaços públicos, mas ao mesmo tempo apresenta grandes problemas, pois é onde se concentram as ruas sem saída, o parque arborizado nas traseiras dos edifícios, os becos, e a degradação social e habitacional.

Relativamente à zona poente da urbanização, a que estabelece mais relações de continuidade com a malha urbana, reflete para o exterior uma imagem menos degradada. A zona nascente, a mais recente, é também a mais cuidada, não aparentando qualquer imagem degradada. Ao mesmo tempo, os passeios sobrepõem-se em alguns casos aos estacionamentos, não havendo um desenho cuidado ao nível do espaço público.

O quarteirão apresenta uma grande densidade habitacional, sendo a maioria constituída por edifícios de 4 e 6 pisos, sendo visível a ausência de espaços livres, e só na zona interior do quarteirão é que apresenta menor densidade, com a localização da Escola EB1 do Fujacal e o grande espaço central arborizado, atualmente degradado, que contém, um campo de jogos, um parque radical e um parque infantil.

Do lado norte as barreiras físicas são estabelecidas pelas habitações plurifamiliares de 4 pisos, voltadas para a Rua do Fujacal, e unifamiliares, maioritariamente de 2 pisos, voltadas para Av. Imaculada Conceição, que se assume como uma barreira pelo seu grande calibre.

A sul, não menos importantes, as barreiras são estabelecidas pelas habitações plurifamiliares da Rua Conselheiro Lobato, estas já existentes antes do loteamento do quarteirão, pelas garagens, armazéns, e oficinas existentes nas traseiras dos edifícios, e pelo rio Este que não tem qualquer relação com esta urbanização.

Assim, aquilo que era para ser uma urbanização no centro da cidade e que se relacionava com a zona sul da cidade, acabou por se integrar num sistema fechado, com habitantes maioritariamente de etnia cigana, tornando-se num bairro isolado e degradado, levando à relutância da restante população da cidade.

DIMENSÃO FÍSICA E URBANÍSTICA

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
1. Localização estratégica: Proximidade com o Centro Histórico da cidade de Braga;	1. Elevada densidade de ocupação e construção no quarteirão;	1. Revitalização urbanística da área envolvente ao bairro;	1. Acentuar o isolamento devido à estrutura física fechada marcada pela imagem de insegurança;
2. Localização estratégica: em termos de exposição solar e forte presença do rio Este nesta zona da cidade;	2. Existência de espaços desordenados, pouco aproveitados e degradados;	2. Pouca oferta de espaços verdes urbanos no Centro Histórico da cidade;	2. Desinteresse da restante população da cidade devido à má imagem que o bairro transmite;
3. Boas acessibilidades rodoviárias;	3. Estrutura urbana voltada para dentro relativamente à envolvente, acentuada por barreiras físicas (construções) e às poucas entradas abertas e visíveis;	3. Contiguidade desta zona com o Parque S. João da Ponte e Monte do Picoto;	3. Falta de interesse por parte de investidores privados, proprietários ou imobiliárias, e por parte dos investidores públicos.
4. Zona servida de bastante comércio e serviços;	4. Degradação física e social da urbanização do Fujacal;	4. Potenciar o mercado da reabilitação das zonas habitacionais;	
5. Proximidade física com o Parque S. João da Ponte e com diversos equipamentos lá existentes;	5. Insegurança e consumo e drogas;	5. Integração da urbanização na malha urbana da cidade, criando novas aberturas ao exterior;	
6. Proximidade com o campo da Feira.	6. Ausência de espaços públicos.	6. Integração da população com dificuldades económicas e de etnias distintas com a sociedade em geral.	

Fig.94 - Análise SWOT

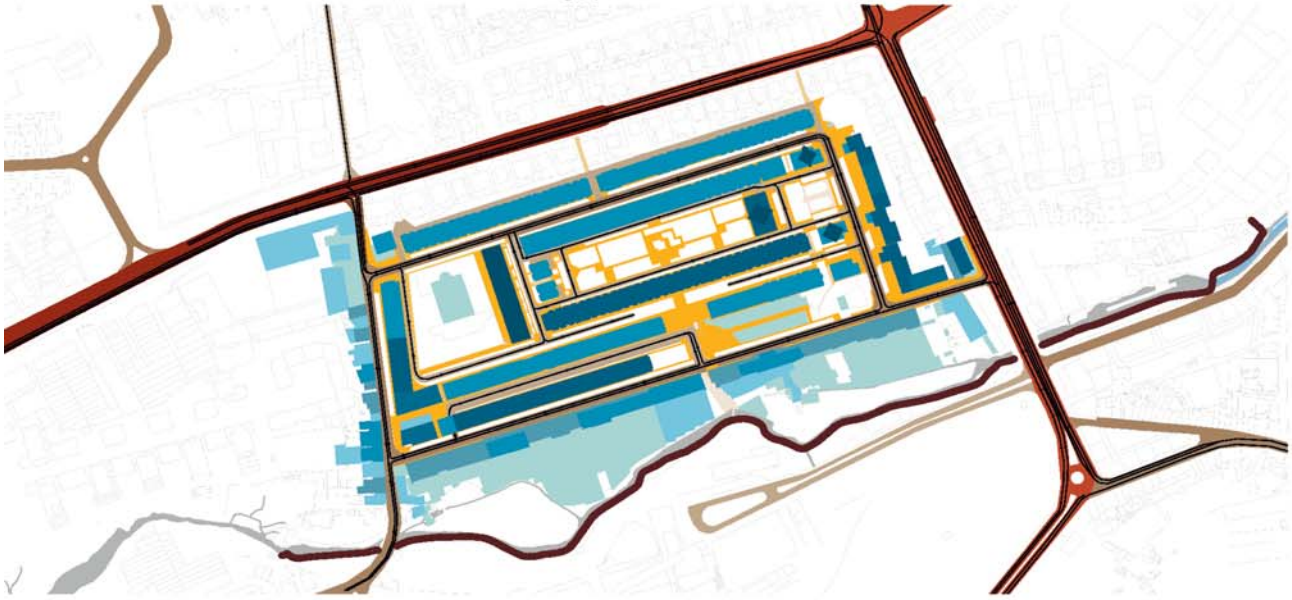


Fig.95 - Planta Acessibilidades e Altimetria do BAIRRO DO FUJACAL | ESCALA 1/7000

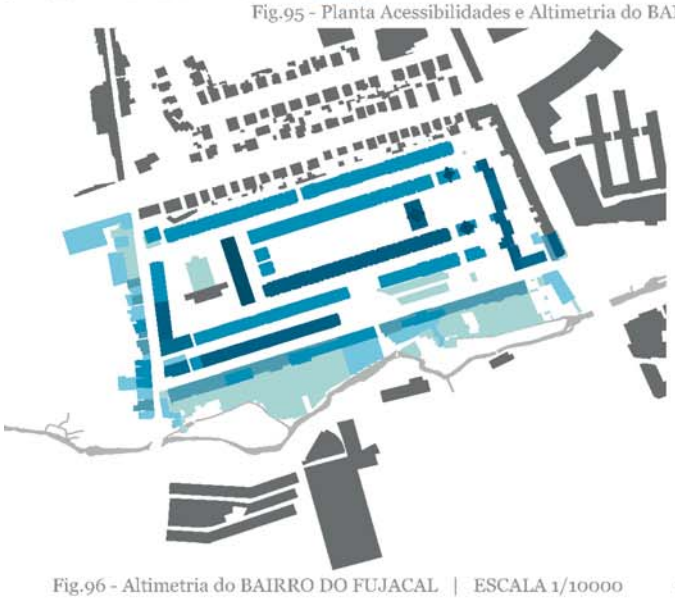


Fig.96 - Altimetria do BAIRRO DO FUJACAL | ESCALA 1/10000



Fig.97 - Acessibilidades do BAIRRO DO FUJACAL | ESCALA 1/10000



ACESSIBLIDADES

Depois de nos apercebermos que tipos de barreiras físicas existem na urbanização, é importante perceber quais as acessibilidades que encontramos neste contexto urbano e na sua envolvente próxima, de maneira a perceber as carências e as falhas de interligações e escalas.

Deste modo, podemos perceber que estamos perante uma malha intermédia, que corresponde à rede nacional, ou seja a Av. Imaculada Conceição, Av. João XXI e Av. da Liberdade, que continua em direção a Guimarães, e pela micro-malha, que corresponde à malha municipal, onde a urbanização do Fujacal se insere.

Maioritariamente, a rede nacional surge como barreira física na relação com a envolvente, devido ao seu calibre, geralmente com cinco faixas. A micro-malha apresenta-se, geralmente, com duas faixas.

O bairro situa-se numa localização privilegiada da cidade, face à rede rodoviária, rede pedonal, e espaços verdes, no entanto não tira partido disso. Os principais acessos a esta zona fazem-se pela Conselheiro Lobato – Av. da Liberdade e Rua Monsenhor Airosa – Av. Imaculada Conceição. Existem ainda três acessos pedonais, mas com pouca visibilidade, dois deles que se ligam à Av. Imaculada Conceição e um que atravessa o rio Este para a atual ciclovia e Parque S. João da Ponte.

As ruas do Fujacal, possuem apenas um sentido, tornando-se num circuito, e com duas faixas, com estacionamentos de ambos os lados. Assim, e tal como afirma Jane Jacobs, é necessário que as ruas não tenham quarteirões longos, pois precisam de mais funções para se tornar numa rua viva. Ao mesmo tempo, no interior do quarteirão surge uma hierarquia diferente: apenas uma faixa, com um sentido, que circunda a Praça dos Arsenalistas, e *cul-de-sac* que permitem o acesso a algumas habitações.

Os principais eixos que estruturam a urbanização são: a Rua Conselheiro Lobato e a Rua do Fujacal, paralelas entre si e tendo à face os blocos habitacionais, maioritariamente com 4 pisos e lojas no piso térreo.



Fig.97 - Planta de USOS do BAIRRO DO FUJACAL - Piso Térreo | ESCALA 1/5000

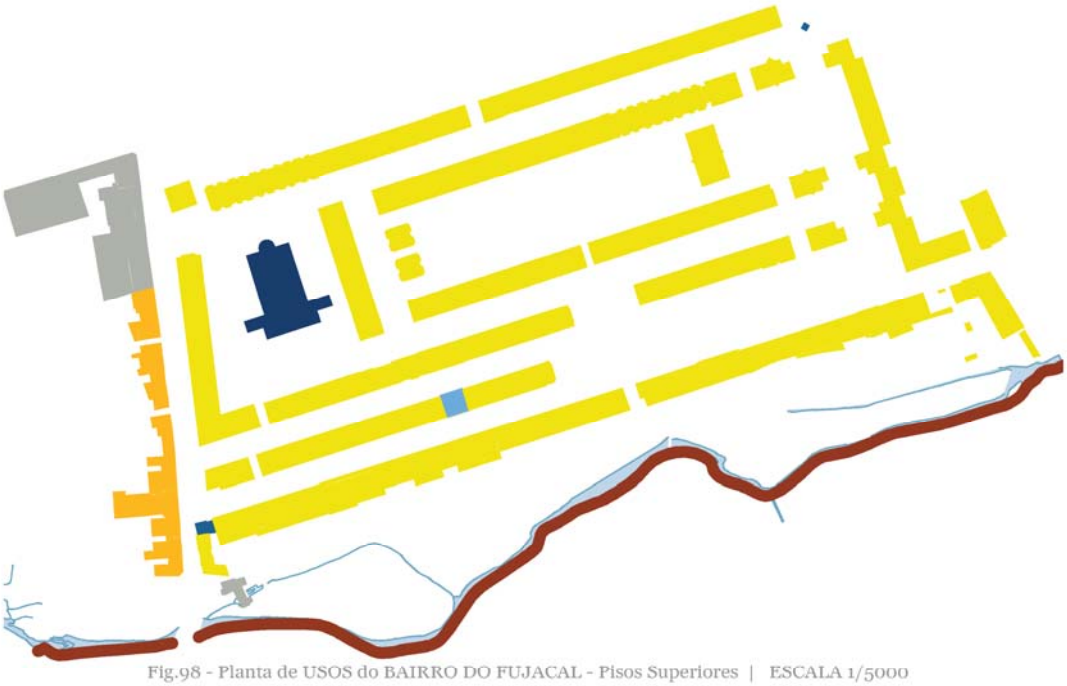


Fig.98 - Planta de USOS do BAIRRO DO FUJACAL - Pisos Superiores | ESCALA 1/5000

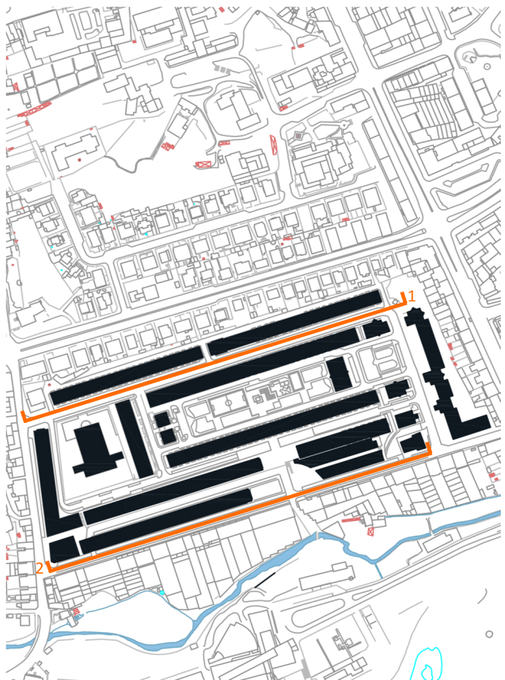




1



2



ANÁLISE FUNCIONAL

A urbanização do Fujacal, apesar da visível degradação e da falta de interesse por parte de entidades públicas ou privadas, é caracterizada por uma grande diversidade de usos e funções, desde cafés e mercearias às oficinas e armazéns. Assim, esta zona apresenta ruas vivas, pois, tal como referimos no Capítulo II, o espaço público deve acolher mais que uma função e densidade alta de pessoas.

Esta zona possui como grande equipamento a Escola EB1 do Fujacal, a Associação de Moradores, duas capelas e um hotel na Rua Conselheiro Lobato, e uma bomba de gasolina. Assim, é necessário repensar nos usos da mesma, pois como já referimos podem ser prejudiciais para a identidade do lugar.

Ao mesmo tempo, no piso térreo dos edifícios habitacionais podemos encontrar o comércio, os serviços, oficinas, garagens e armazéns. A zona norte do bairro, correspondente à Rua do Fujacal, destina-se aos edifícios de habitações, salvo raras exceções apresentam estabelecimentos comerciais no piso térreo. As restantes zonas do bairro apresentam uma grande quantidade de serviços, proporcionando durante o dia uma grande afluência de pessoas, e os pisos superiores dos edifícios destinam-se somente a fogos habitacionais.

A sul da Rua Conselheiro Lobato é onde se localizam as oficinas e armazéns industriais, não permitindo qualquer contacto com o rio Este. O interior do quarteirão é caracterizado apenas pelo acesso às garagens do edificado.

Deste modo, podemos perceber que é uma zona com grande diversidade de funções, mas que por sua vez muitos desses estabelecimentos encontram-se vazios e a grande maioria encerrados à noite.

Com isto, é necessário estimular o investimento nestas zonas, de forma a que os estabelecimentos estejam abertos ao longo da rua, com espaços públicos e boa iluminação ao longo do mesmo, proporcionando a mistura de usos diversos e novas dinâmicas para quem usufruiu das ruas.



Fig.101 – Pouca relação com o rio Este



Fig.102 – Armazéns e Oficinas que bloqueiam a relação com o rio



Fig.103 – Habitações voltadas para o interior do quarteirão

PRINCIPAIS PROBLEMAS

Com a evolução das cidades, particularmente com a segunda guerra, mundial, é percetível que os conjuntos habitacionais tendam a ser fechados em si mesmo, levando à difícil relação com a cidade e com os espaços que eles geram, provocando o isolamento e degradação destes complexos habitacionais.

Assim, podemos perceber que estas zonas nas cidades tendem a gerir muitos problemas, quer sociais, quer arquitetónicos. O bairro do Fujacal não foge à regra, existindo vários problemas quer no espaço público, quer a nível da morfologia urbana[112], tais como: o facto de esta ser voltada para si mesmo, impermeável, não estabelecendo relações com a cidade; por ser uma zona com grande densidade de construção; pelo facto de ser uma zona habitacional direcionada para a população com carências económicas, provocando conflitos entre as diversas etnias e desigualdades sociais[113]; e o próprio desenho da urbanização não facilita o diálogo com a envolvente.

Ao mesmo tempo, a relação com o rio não está minimamente potenciada por se encontrar totalmente bloqueada por construções habitacionais e de armazéns voltados para o interior do quarteirão, na margem norte do rio, apenas existindo uma única abertura a meio da rua Conselheiro Lobato, que estabelece a ligação entre esta e o Parque da Ponte[114].

[112] *"A abertura da Avenida Imaculada da Conceição, nos anos 50, fez com que a cidade se estendesse para sul com amplos espaços que poderiam servir a cidade. Na urbanização do Fujacal, embora tenha havido um projecto de arquitectura global, sente-se a ocupação maciça dos espaços e a falta de uma zona verde. É este, aliás, um mais graves problemas existentes em todo o planeamento da cidade. Ao mesmo tempo, o estado das edificações,os circuitos fechados, a desertificação ou falta de dinamização económica, tornaram esta urbanização num gueto social."* Oliveira, Eduardo Pires de, *"A freguesia de S. Lázaro"*, Junta de Freguesia de S. Lázaro, 1999

[113] *"A PSP de Braga está a vigiar os bairros do Monte do Picoto e do Fujacal para dissuadir qualquer possibilidade de desacatos entre as comunidades ciganas ali residentes, de nacionalidades portuguesa e romena*", in Jornal de Notícias, 23 de Setembro de 2010

[114] "Grande parte das construções que integram este conjunto urbanísticos apresenta um piso térreo com implantação que ocupa praticamente toda a parcela, estendendo-se até ao rio Este (…) não se realacionado com a linha de água no seu tardoz, nem com a restante envolvente", Câmara Municipal de Braga, *Programa Estratégico de Reabilitação Urbana de Braga Sul*, 2011



Fig.104 – Passagens cobertas desconfortáveis



Fig.105 – Habitações e espaço público degradado



Fig.106 – Garagens e espaço público degradado

No entanto, apesar de ser um lugar voltado para si mesmo, sem qualquer permeabilidade, e de se denotar que a falta de continuidade e diálogo entre as partes e o todo provoca uma vulnerabilidade na comunicação com a cidade, mostrando-se fraturados e desligados entre si, esta zona apresenta uma grande diversidade de espaços, com largos, com praças, com o rio como limite, que apontam grandes potencialidades para que esta zona seja aprazível para toda a população bracarense[115].

Outros fortes problemas que podemos apontar são os raros investimentos públicos ou privados realizados nesta zona da cidade para o melhorar, o desenho do bairro muito encerrado, que já advém do projeto inicial, a degradação das habitações e do espaço público, a construção maciça e de alta densidade.[116]

Assim, e apesar de esta urbanização se encontrar no centro da cidade consolidada e por ter uma possível relação forte com o rio Este, a falta de qualidade dos espaços públicos e do edificado habitacional, a falta de equipamentos, e insegurança têm vindo promover a precariedade do Bairro do Fujacal e a relutância da restante população da cidade.[117]

[115] Segundo o relatório do Programa Estratégico de Reabilitação Urbana da ARU de Braga Sul, esta urbanização está inserida num quarteirão interior da cidade, desligado da mesma, onde a presença do curso de água configurou algumas áreas de espaço de traseiras, que contribuíram para dificultar a permeabilidade e a ligação do centro histórico da cidade com a zona sul. Ao mesmo tempo, é uma zona com bastantes espaços públicos e que serve como "porta" do parque urbano, mas que não se encontram tratados, onde os espaços de articulação e de atravessamento apresentam imagens desqualificadas, com baixos níveis de conforto e manifesto défice de desenho urbano.

[116] Segundo o relatório do Programa Estratégico de Reabilitação Urbana da ARU de Braga Sul, esta zona não teve um plano de reestruturação de território que fosse capaz de se ligar quer à zona verde da cidade, Parque da Ponte e Monte do Picoto, bem como à zona histórica da cidade, notando-se hoje uma notória degradação dos complexos habitacionais desta zona da cidade e falta de interesse de investidores privados ou públicos para intervir nesta área onde a imagem urbana se mantém muito fragilizada.

[117] *"O túnel de acesso às garagens dos prédios do lado sul da Alameda do Fujacal, em Braga, apresenta um aspecto degradado. Além de escuro (a maior parte das vezes as lâmpadas encontram-se fundidas ou partidas), o chão está quase sempre cheio de lixo (…) Já cheguei a encontrar aqui seringas, pratas, restos de limões e até preservativos usados. Até mete medo",* in Correio do Minho, Braga, 21 de Maio de 2012

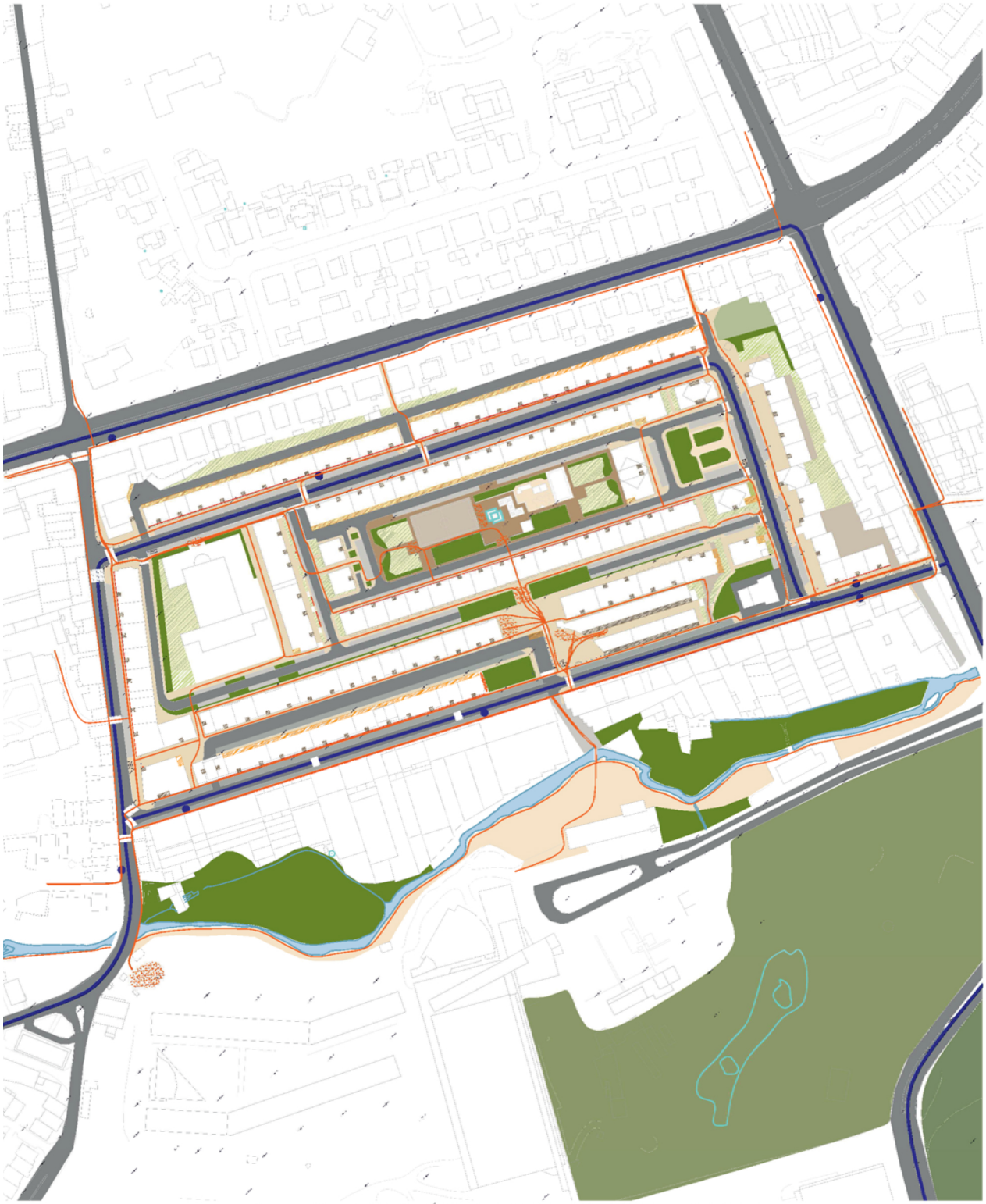


Fig.107 - Planta ESPAÇO PÚBLICO do BAIRRO DO FUJACAL | ESCALA 1/4000

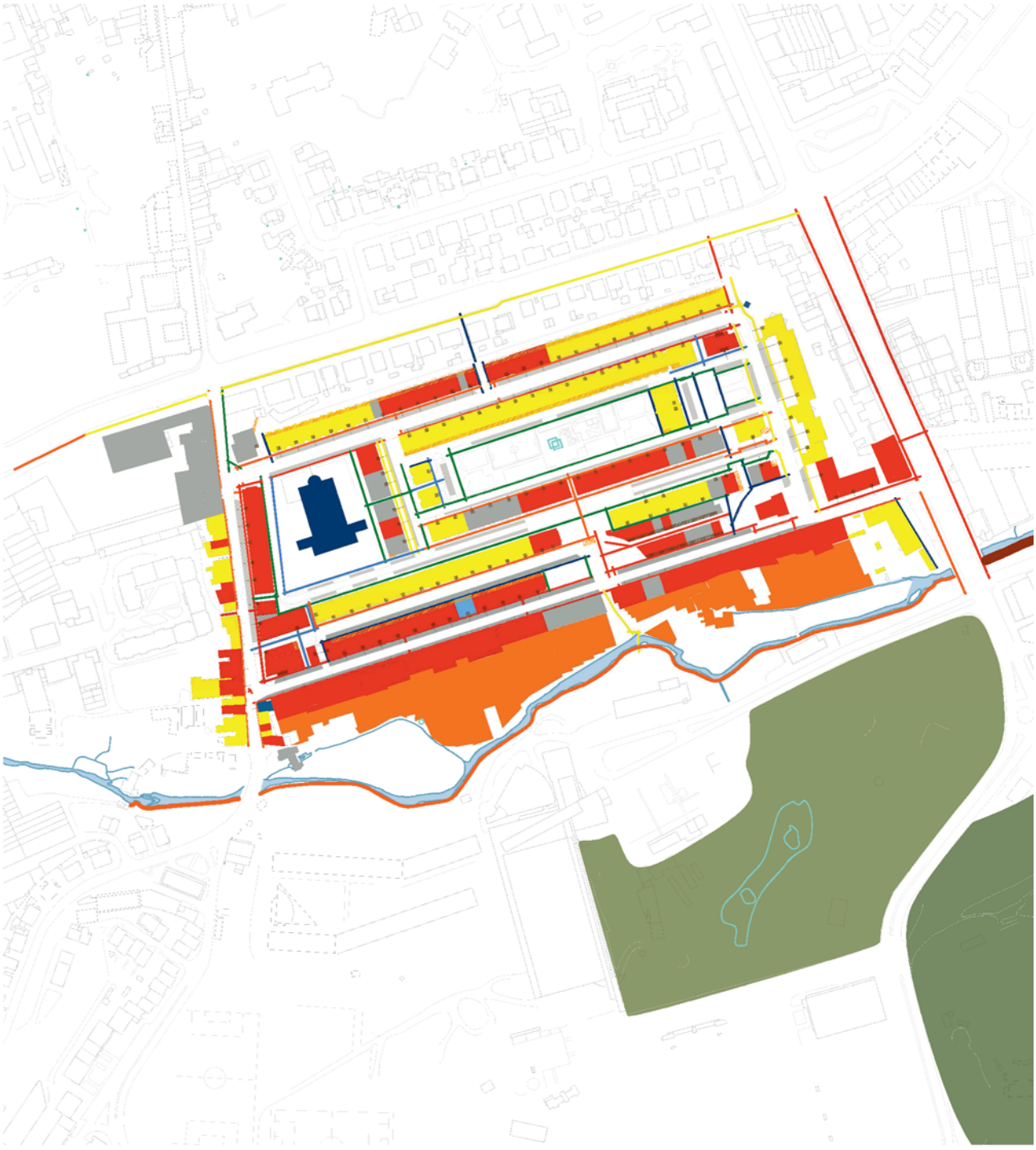


Fig.108 - Movimentos Pedonais Diurnos | ESCALA 1/5000

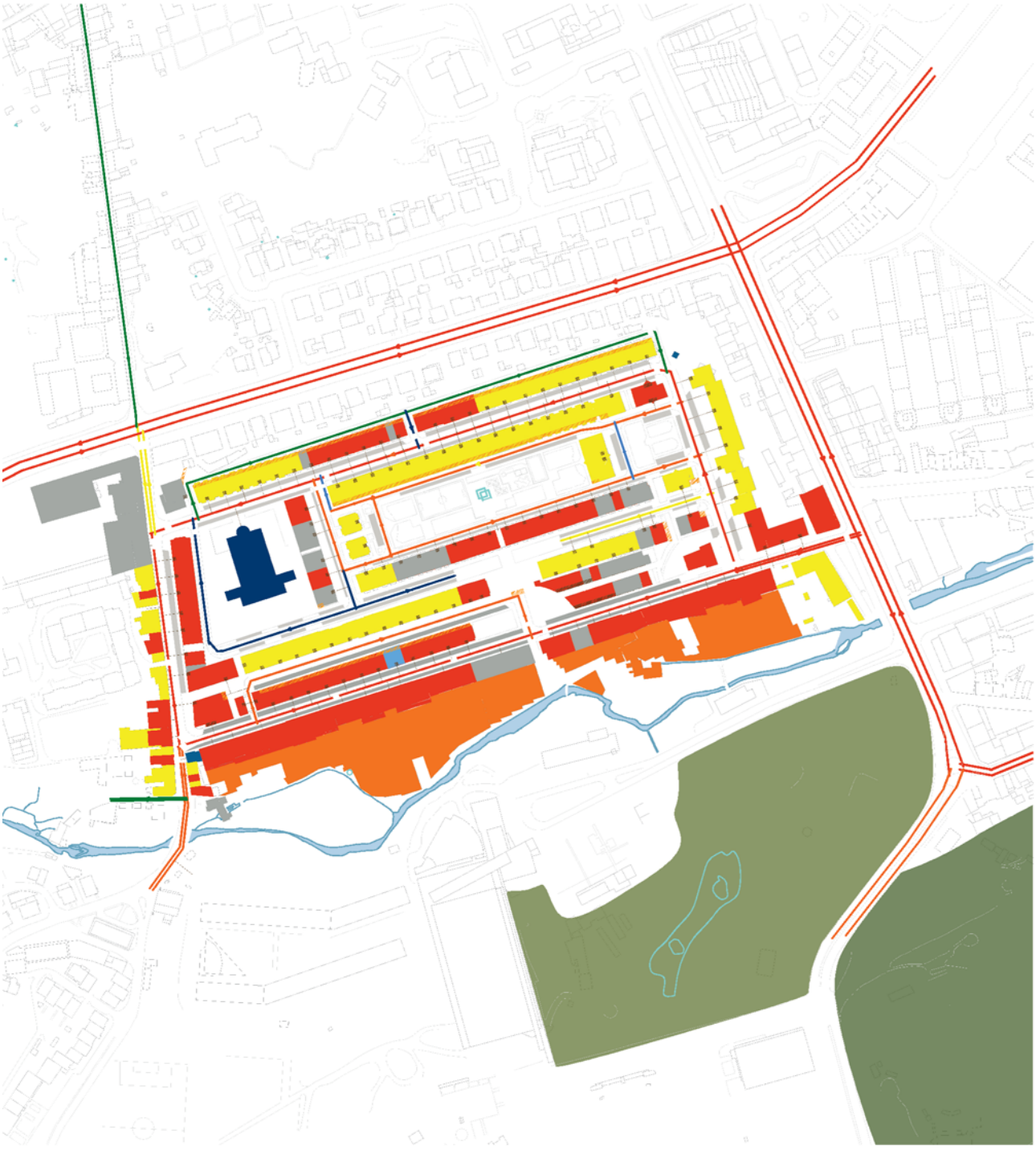


Fig.109 - Tráfego de Automóvel Diurno | ESCALA 1/5000


1


2


3


4


5


6


7


8


9


10


11


12


13


14


15


16


17


18


19


20


21



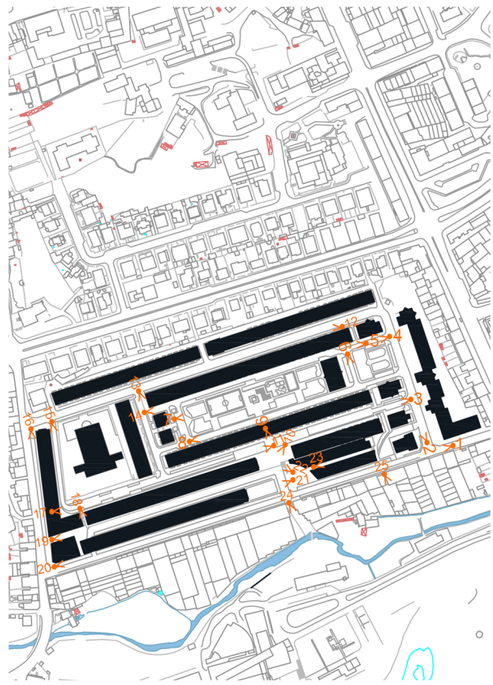
22


23


24



25



ESPAÇO PÚBLICO

O espaço público do Fujacal é essencialmente composto por ruas e alargamentos espaciais. Atualmente, encontram-se degradados e muitas vezes sem calibre suficiente para os usos que lhes é atribuído.

A falta de interesse público e privado conduziu à degradação e à reduzida qualidade do espaço público.

Apesar de se apresentar como um lugar sem grandes relações com a envolvente que lhe é próxima, tem diferentes tipos de apropriação do espaço, desde de largos, galerias, praças, espaços permeáveis, que são uma mais valia para que esta urbanização seja agradável para a vida quotidiana.[118]

A RUA

A rua apresenta-se como um dos elementos primordiais do espaço público do bairro do Fujacal, desempenhando um conjunto de funções sociais e funcionais. A sua relevância justifica-se pela forte presença de estabelecimentos comerciais, proporcionando que esta seja o espaço vivo e o local de convívio entre os habitantes.

As ruas na zona poente e sul do Fujacal, rua Monsenhor Airosa e rua Conselheiro Lobato, respetivamente, são onde se encontra mais dinamismo pela grande diversidade de comércio que lá encontramos.

No entanto muitas destas ruas que estruturam o bairro encontram-se sem calibre suficiente e bastante degradadas a nível de pavimentação.

[118] Segundo o relatório do Programa Estratégico de Reabilitação Urbana da ARU de Braga Sul, é uma zona com bastantes espaços públicos e que serve como "porta" do parque urbano, mas que não se encontram tratados, onde os espaços de articulação e de atravessamento apresentam imagens desqualificadas, com baixos níveis de conforto e manifesto défice de desenho urbano.



Fig.111 – Espaço à cota superior, actualmente só de passagem



Fig.112 – Campo de jogos no interior do quarteirão



Fig.113 – Espaço com intensidade de lojas comerciais

OS ESPAÇOS COLECTIVOS

Como foi constatado anteriormente no Capítulo II, os espaços coletivos são espaços públicos que podem ser absorvidos pelas práticas individuais e espaços privados que possuem usos coletivos, residindo nestes locais a riqueza e identidade das cidades.

Os espaços coletivos que encontramos nesta zona não são muitos, e poucas são as pessoas que encontramos a usufruir desses espaços durante o dia, ora por estarem degradados, ora por serem pouco atrativas, ora por hoje em dia a sociedade ser mais individualista.

Estes espaços podem ser encontrados na Alameda do Fujacal, com um largo e um estabelecimento comercial que proporciona o encontro dos habitantes, na Praça dos Arsenalistas, no interior do quarteirão, onde se localiza o campo de jogos recentemente revitalizado, o parque radical, e o parque infantil, na Rua do Fujacal com a existência da Escola EB1 do Fujacal, e na Praceta Conselheiro Lobato, onde se encontra grande diversidade de estabelecimentos abertos durante o dia, que promove a grande afluência de pessoas para esta zona.

Assim, podemos compreender que estes espaços necessitam de ser reestruturados de modo a atrair mais pessoas e criar dinamismo nesta zona da cidade.

Ao mesmo tempo, é preciso que a imagem que este local transmite à restante população da cidade seja mudada, de modo a que seja um local aprazível de estar e de viver.



Fig.114 - Planta dos ESPAÇOS VERDES | ESCALA 1/10000



Fig.115 - Jardim, Rua do Fujacal



Fig.116 - Zona Ajardinada e Arborizada, parque no interior do quarteirão, Praça dos Arsenalistas



Fig.117 - Jardim, Rua Conselheiro Lobato



Fig.118 - Zona Ajardinada, Alameda do Fujacal

OS ESPAÇOS VERDES

Das visitas ao lugar e das entrevistas realizadas a alguns moradores (Ver AnexoVI), percebemos que os espaços verdes existentes nesta zona e na sua envolvente são diversos, no entanto não se relacionam entre si, e muitos deles não são aprazíveis de se estar, ora por falta de segurança, ora por estarem deteriorados. Os moradores reclamam a falta de habitabilidade e a falta de espaços seguros e dinâmicos onde possam conviver.

Atualmente, no quarteirão onde se localiza o Fujacal existem quatro espaços verdes, uns mais utilizados e com mais funções do que outros: o parque arborizado, na Praça dos Arsenalistas, com campo de jogos, parque radical, parque infantil, e espaços para estar; o jardim na zona nascente, na Rua do Fujacal, arborizado, com piso em terra batida, e com algum mobiliário urbano para as pessoas permanecerem; o espaço arborizado na Alameda do Fujacal, que permite fazer a distinção entre a zona pedonal e a zona automóvel; e o jardim na Rua Conselheiro Lobato, atualmente sem qualquer uso.

Relativamente aos espaços verdes na envolvente próxima, encontramos dois espaços com uma escala e uma importância totalmente distinta daquilo que encontramos no bairro do Fujacal: o Parque de S. João da Ponte, recentemente revitalizado, e o Monte Picoto, também recentemente reestruturado e reabilitado. No entanto, estas duas zonas verdes, atual espaço verde do centro urbano da cidade, não têm qualquer relação física entre elas.

Simultaneamente, a urbanização do Fujacal não estabelece relação com a zona sul, existindo apenas uma única abertura na rua Conselheiro Lobato, que estabelece a ligação entre esta e o Parque da Ponte. A par disto, a relação com o rio não está minimamente potenciada por se encontrar totalmente bloqueada por construções habitacionais e de armazéns voltados para o quarteirão.[119]

[119] "Grande parte das construções que integram este conjunto urbanísticos apresenta um piso térreo com implantação que ocupa praticamente toda a parcela, estendendo-se até ao rio Este (…) não se realacionado com a linha de água no seu tardoz, nem com a restante envolvente", Câmara Municipal de Braga, *Programa Estratégico de Reabilitação Urbana de Braga Sul*, 2011

IV.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO - CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

CONJUNTOS HABITACIONAIS REABILITADOS

Atualmente, os problemas urbanos afetam de forma diversa os diferentes espaços da cidade, podendo dar origem a problemas de crise de maior ou menor visibilidade.

No entanto, os programas URBAN e de Reabilitação Urbana, tal como foi referido no capítulo II, procuram dar respostas a estes problemas de degradação social, económica, urbanística e ambiental, recorrendo à integração da política e da participação da população.[120]

A realidade portuguesa é exemplo de vários problemas no tecido urbano, tal como as zonas dormitório envelhecidas, as urbanizações inacabadas, os conjuntos habitacionais não terminados por insolvência das construtoras, e habitações sem condições de habitabilidade.

No que diz respeito à problemática da habitação social, os programas têm vindo a evoluir na sua conceção e soluções adotadas. Porém, continuam a ser alvo de polémica tendo em conta os problemas que os caracterizam, como por exemplo, o recurso da tipologia em altura, a concentração de grupos vulneráveis e de baixos rendimentos, a degradação física e ambiental, a falta de segurança, e o estigma social.[121]

Todavia, em Portugal, tem-se vindo a assistir diversas intervenções em conjuntos habitacionais com o apoio de instituições públicas e privadas, tais como: a Vila D'Este, em Vila Nova de Gaia, o Bairro de Contumil e PIO XII, no Porto, o Bairro do Lagarteiro, no Porto, que ganhou o Prémio IHRU 2012, em reabilitação e qualificação do espaço público, e o Bairro 1º de Maio e Soeiro Pereira Gomes, em Sines, servindo estes de exemplo para a proposta de intervenção no espaço público do Fujacal.

[120] DGDR, *Programas Urban e Reabilitação Urbana, Revitalizaçao de Áreas Urbanas em Crise*, p.73
[121] Idem, p.74



Fig.119 – Urbanização de Vila D'Este, Vila Nova de Gaia



Fig.120 – Bairro de Contumil e PIO XII, Porto

A intervenção na urbanização da Vila d'Este, em Gaia, arrancou em 2004, sendo esta caracterizada por ser uma das maiores urbanizações de custos controlados construída em Portugal, tanto pela sua dimensão, como pela visibilidade a partir da autoestrada A3.[122]

O Projeto, de autoria do arquiteto Nuno Abrantes, integra a reabilitação de 109 edifícios e 76 estabelecimentos comerciais. No entanto, só se interveio nas fachadas e espaços públicos, pelo facto do o interior das habitações serem de propriedade privada.

Assim, reabilitaram as coberturas com painéis *sandwich* com isolamento térmico e revestimento em alumínio, optaram por homogeneizar as coberturas, eliminando os anexos e construindo um novo compartimento de modo a permitir que cada habitação tenha duas frentes, e para o embasamento utilizaram painéis de cimento reforçado com fibra de vidro, para evitar a degradação por vandalismo do capoto, permitindo criar uma leitura coesa de todo o piso térreo.[123]

No Porto, parece-nos como melhor exemplo de qualificação do espaço público a intervenção no Bairro de Contumil e PIO XII, de autoria de Francisco Vieira de Campos e Cristina Guedes.

O projeto de qualificação do espaço público iniciou-se em 2006, e teve como objetivos principais a reestruturação dos percursos viários e pedonais, a melhoria da acessibilidade, e a criação de novos estacionamentos, de modo a reordenar o tecido urbano. No espaço público procuraram que este fosse um pólo dinamizador, e que uniformizasse a linguagem do bairro. Para tal, optaram pela utilização de pré-fabricados em betão nas guias, entradas de edifícios, bancos, degraus, rampas, para resolver a pendente do terreno.[124]

[122] Este conjunto habitacional começou a ser construído nos inícios dos anos 80. Nos anos 2000, a Câmara Municipal de Gaia constituiu uma "Associação de Proprietários" de forma a inverter a decadência física e social. Assim, com o apoio da empresa municipal Gaiurb, foi realizado um diagnóstico de patologias, bem como inquéritos aos habitantes. Foi diagnosticado vários problemas estruturais, muitas humidades no interior das habitações, devido à falta de isolamento, e falta de espaços coletivos.

[123] TAVARES, André; LABASTIDA, Marta, *'Face-Lift' ou Viver Melhor*, in Jornal de Arquitectos, Set-Dez 2013

[124] in site *www.menosemais.com*, Consultado em 26 de Agosto de 2014



Fig.121 – Bairro de Contumil, Porto



Fig.122 – Bairro 1º de Maio e Soeiro Pereira Gomes, Sines



Fig.123 – Bairro do Lagarteiro, Campanhã, Porto

Ao mesmo tempo, e ainda no Bairro de Contumil, o arquiteto Nuno Abrantes elabora o projeto de reabilitação do bairro, intervindo nas fachadas dos edifícios, nas coberturas, e nas caixas de escadas.

Assim, nas fachadas dos edifícios foi necessário colocar isolamento térmico pelo exterior sendo revestido por reboco delgado e substituir as caixilharias, as coberturas em fibrocimento foram substituídas na totalidade, e optaram por encerrar as caixas de escadas, garantindo a sua ventilação.[125]

Ainda no Porto, na freguesia da Campanhã, o Bairro do Lagarteiro foi alvo de uma reabilitação e qualificação do espaço público, inserindo-se na Iniciativa Bairros Críticos e financiado pelo IHRU. Esta intervenção foi projetada pelo Arq.º Paulo Tormenta Pinto e pelo Arq.º Paisagista João Nunes.

A acidentada topografia, a segregação no interior do bairro, a descontinuidade, e a pouca fluidez da estrutura viária, promovia a clausura e a fragilidade social.

Com isto, o projeto de reabilitação do espaço público passou pela redefinição de todas as ligações do bairro com a estrutura viária da área metropolitana da cidade do Porto, pela regularização dos pavimentos, pela materialização de todo o espaço público e dos muros de suporte.[126]

Em Sines, através das ARU's, os Bairros 1º de Maio e Soeiro Pereira Gomes encontram-se em reabilitação de modo a reverter a degradação dos bairros, a revitalizar económica e socialmente esta área, e a promover a criação de condomínios, pois apresentam-se com sinais avançados de degradação, devido à ausência de obras de manutenção e qualificação do espaço público.[127]

[125] in site *http://www.nunoabrantes.eu/index.php?/logradouro-de-casa-porto/reabilitacao-bairro-contumil-porto/*, Consultado em 26 de Agosto de 2014
[126] in Portal da Habitação, *Catálogo Prémio IHRU 2012*
[127] in site *http://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/reabilitacao/ARUs/ARUs_Sines.html#02*, Consultado em 26 de Agosto de 2014



Fig.124 - Príncipios de Intervenção para o Espaço Público



Fig.125 - Síntese da Relação entre Espaços

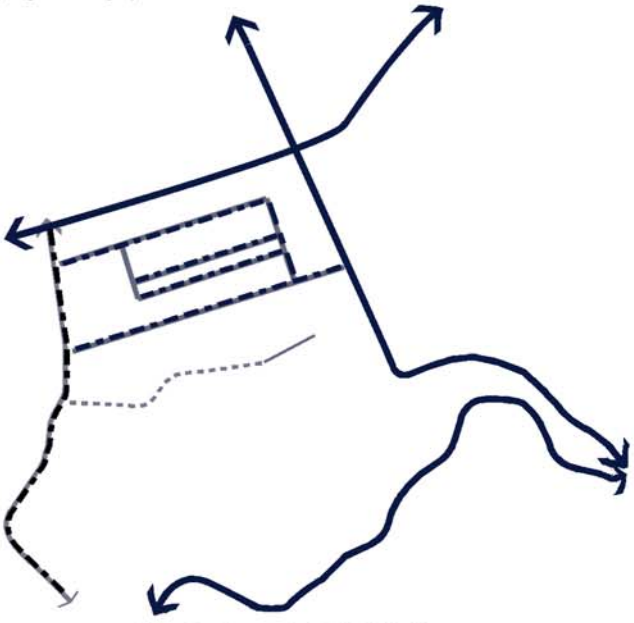


Fig.126 - Síntese da Rede Viária Proposta

Serviços Propostos
Ciclovia
Vias Existentes
Vias a Calibrar
Vias Propostas
Verde Arborizado
Verde Parque

OBJETIVOS DA PROPOSTA

A insegurança e a degradação da urbanização do Fujacal tem vindo a acentuar a segregação social do bairro, transmitindo um estigma negativo para o exterior, que surge da independência social e dos muitos problemas urbanísticos e sociais que encontramos.

Posto isto, é evidente que é necessário uma intervenção que procure integrar socialmente o bairro com a envolvente próxima, estabelecendo novas ligações do interior para o exterior, e desenvolver a dinâmica social através da intervenção no espaço público.

Da análise cuidada realizada anteriormente a partir dos documentos disponíveis e da observação do local, foi possível identificar alguns pontos fortes e fracos do bairro. Destacamos primeiro os pontos fracos: elevada densidade de ocupação de construção; reduzida relação com a envolvente; carência de algumas infraestruturas[128]; insucesso escolar; falta de segurança; carência de espaços para dinamizar o bairro; imagem degradada; e forte estigma social.

Relativamente aos pontos fortes podemos constatar alguns: localização privilegiada e boa exposição solar; rede viária bem identificada; boa densidade de estabelecimentos comerciais e localizados nas vias principais; revitalização do espaço envolvente à urbanização.

Esta análise foi fundamental para enumerar alguns princípios de intervenção, que devem sustentar a intervenção, de modo a serem concretizados na proposta projetual e a mudar o estigma social e a imagem negativa que lhe é associada.

Pretendemos, então, integrar o bairro com a envolvente, requalificar o ambiente urbano, diminuir as carências infraestruturais, favorecer a inclusão social, dinamizar o espaço público; estimular o investimento público e privado; e estimular a atividade económica.

[128] Falta de alguma iluminação pública, equipamentos desportivos, centros de convívios, equipamentos culturais, que possam dinamizar o lugar.

Projetos	Objetivo	Plano de Ação	Identificação
Recalibrar o sistema viário	Aumentar e reforçar parâmetros de continuidade e permeabilidade;	Ajustar o calibre dos passeios e das faixas de rodagem;	- Rua Conselheiro Lobato (1) - Rua do Fujacal (2) - Rua Monsenhor Airosa (3)
Abertura de nova rua: Rua Santa Justa à Av. Dr. Francisco Gonçalves	Aumentar a afluência de pessoa para a zona do Parque de Exposições e Parque S. João da Ponte, dando outra identidade às traseiras da Rua Conselheiro Lobato;	Pretende-se que tenha dois sentidos e seja dotada de estacionamento e arborização de modo a enriquecer toda a zona	Continuação da Rua Santa Justa até à Av. Dr. Francisco Pires Gonçalves (4)
Requalificação do verde urbano envolvente	Assumir o pulmão verde da cidade;	Propõe-se restringir e desviar o tráfego automóvel para outros eixos existentes, de maneira a unir o verde urbano a sul da cidade.	- Parque S. João da Ponte (5) - Monte do Picoto (6) - N101 (7)
Valorização das margens do rio Este	Requalificar a margem norte do rio Este de forma a promover uma nova imagem às traseiras da rua Conselheiro Lobato;	Romper com alguns serviços e armazéns para criar continuidade e relação com o rio e o Parque S. João da Ponte	- Rua Conselheiro Lobato (8) - Parque Exposições (9)
Requalificação da Praça dos Arsenalistas e Praceta Conselheiro Lobato	Abrir o interior do quarteirão para a envolvente, criar permeabilidade e promover diferentes apropriações do espaço;	Redesenho da praça à cota inferior, demolição de um dos edifícios, e criar um percurso à cota superior na zona das garagens, resolvendo a diferença de cotas com a rua do Fujacal. Para a praceta pretende-se criar um novo espaço em galeria destinado ao comércio	- Praça dos Arsenalistas (10) - Rua Conselheiro Lobato (11) - Alameda do Fujacal (12)
Redesenho do espaço público existente	Criar novas relações e novos espaços;	Requalificação, através da materialidade e árvores, dos passeios, alargamentos, e acessos pedonais;	- Rua do Fujacal - Rua Monsenhor Airosa
Reabilitação do edificado urbano	Desenvolver a atividade económica e sociocultural;	Criação de um espaço multicultural, destinado a um centro de dia, a um ATL, e a uma galeria urbana;	- Rua Monsenhor Airosa (13)
Reabilitação das fachadas dos edifícios habitacionais	Unidade e continuidade.	Utilização do mesmo material em todas as fachadas dos edifícios e um embasamento que destaque o piso térreo.	

Quadro 3 – Quadro síntese das ações para a intervenção no espaço público

Anteriormente, no capítulo II, abordamos a temática sobre o espaço público, pela sua importância social e por ser um elemento fulcral na organização de toda a estrutura urbana, mas que naturalmente hoje tem perdido importância. No entanto, salientamos diversas formas de espaço público, destacando que a rua é o espaço primordial de vida urbana, lugar de permanência, de práticas sociais e de circulação.

Desta forma, a intervenção no espaço público tem como objetivos gerar unidade e continuidade, valorizar o espaço urbano, respeitar o lugar e a sua identidade, e promover a segurança, pois o espaço público deve assegurar a existência de espaços multifuncionais e diversidade de usos, de modo a favorecer a permanência nele[129].

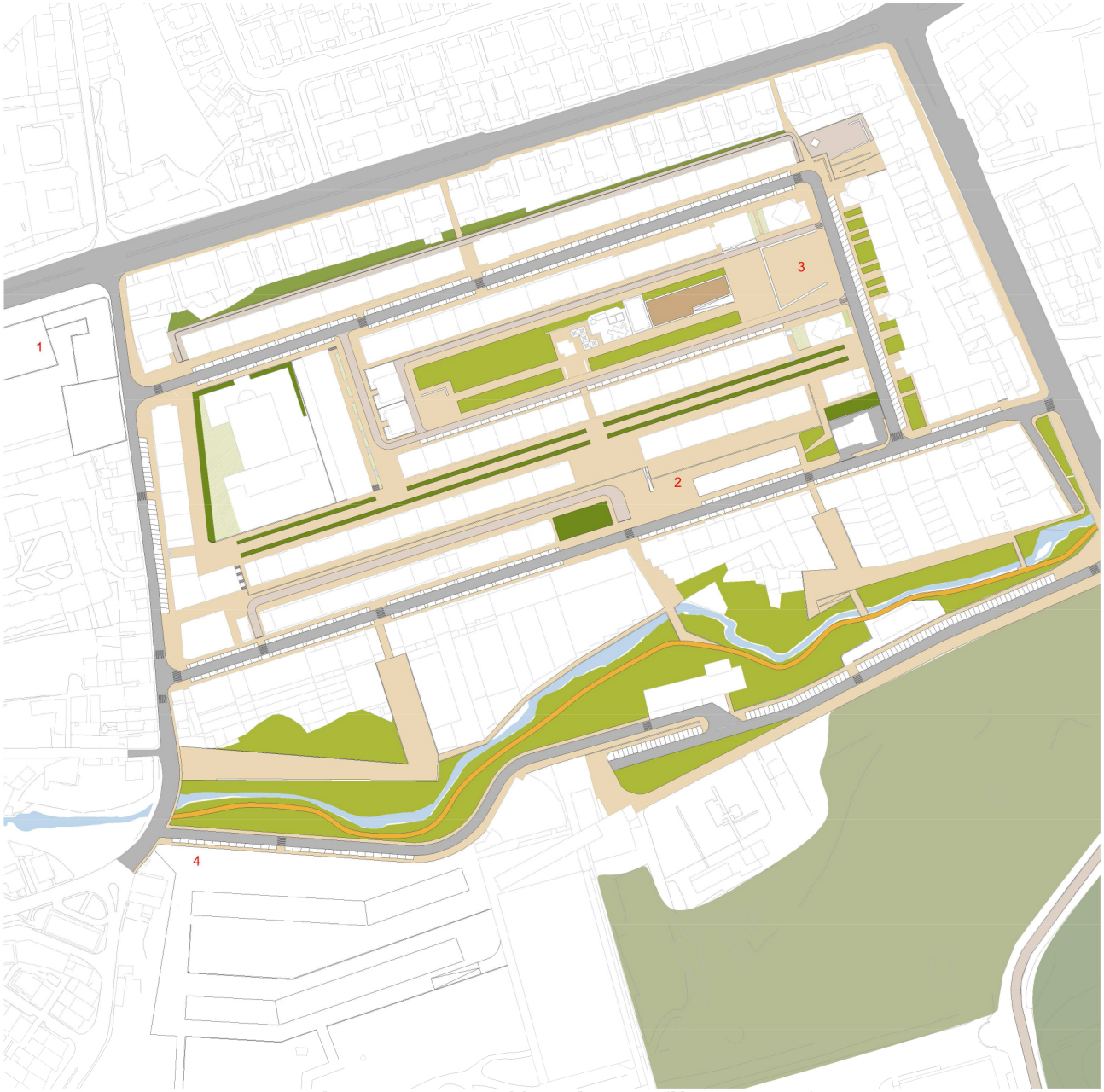
Assim, pretendemos calibrar os passeios e materializa-los uniformemente. E a par disto, criar permeabilidade rompendo com alguns estabelecimentos comerciais devolutos, e requalificar alguns espaços verdes existentes.

No que diz respeito às fachadas dos edifícios pretendemos criar uma unidade ao nível do piso térreo. No entanto, a demolição pontual de algum edificado poderá ser essencial de forma a criar continuidades do espaço público.

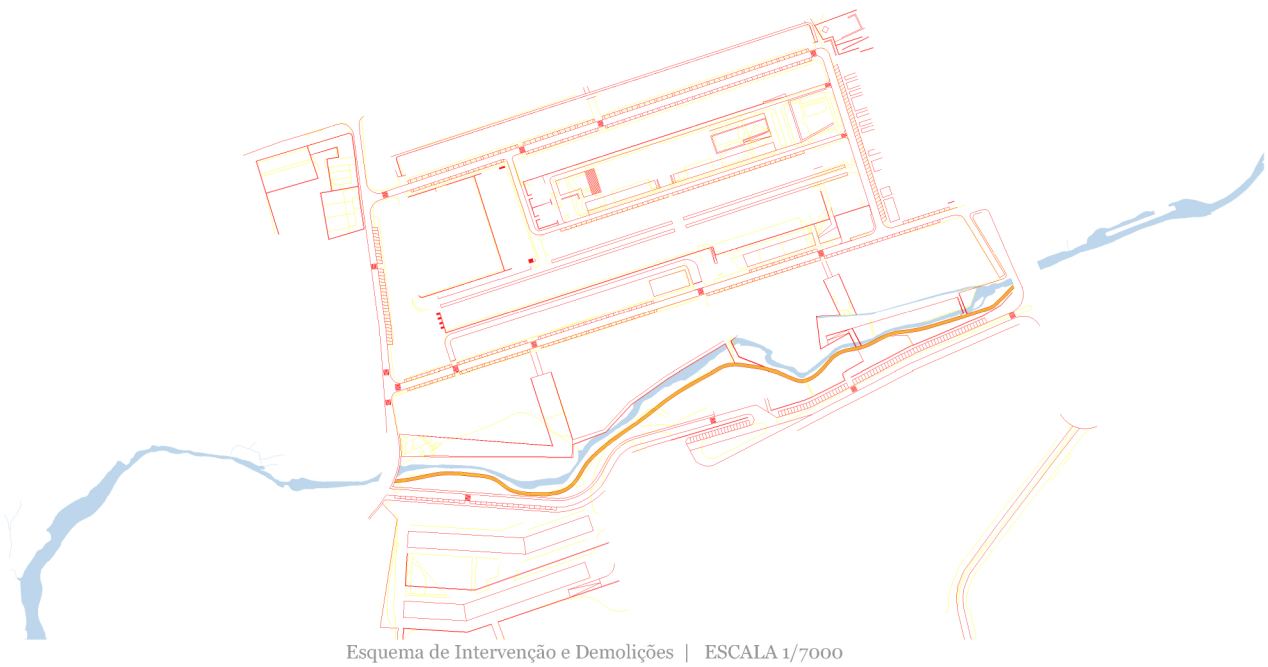
Relativamente à mobilidade, percebemos que o isolamento urbano face à envolvente gere exclusão social. A existência de barreiras físicas e eixos viários sobredimensionados levam a descontinuidade. Desta forma, pretendemos criar permeabilidade rompendo com algumas barreiras físicas através do espaço público. Ao mesmo tempo, importa dotar o espaço com atividades e equipamentos em locais estratégicos de maneira a cativar a restante população para o lugar, diminuindo a exclusão social.

Contudo, a reabilitação deve ser uma atitude participada e que pode envolver várias entidades públicas e privadas. No caso presente, propõe-se também que os moradores participem na reabilitação do espaço urbano, aconselhados por técnicos, de modo a terem oportunidade de discutir a qualidade do espaço residencial e público.

[129] JACOBS, Jane, *Morte e Vida das Grandes Cidades*, p. 438-440



Proposta de Intervenção para a Qualificação do Espaço Público | ESCALA 1/4000



Esquema de Intervenção e Demolições | ESCALA 1/7000

Ciclovia
Alcatrão
Cubo Serrado

Zona relvada
Zona arborizada
Parque arborizado

1 . Centro de Dia, ATL e Galeria urbana
2 . Espaço comercial
3 . Estabelecimento Comercial
4 . Espaço Feira Municipal

ESTRATÉGIA PARA A REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

A apresentação de linhas de intervenção para o espaço público do conjunto habitacional do Fujacal será realizada de acordo com os princípios expostos anteriormente. Desta forma, a estratégia começará por abordar a escala urbana, a relação do bairro com a envolvente próxima, e culminando na escala do bairro, caracterizando-o com mais pormenorização.

De um modo geral, esta zona é qualificada através do desenho do espaço público, propondo-se que os eixos principais sejam recalibrados, e que o redesenho de todos os restantes espaços públicos, largos, praças, espaços verdes, seja a principal causa de inclusão social.

ACESSIBILIDADES

Tendo em conta as características atuais, pretende-se conferir uma nova identidade aos percursos viários, diminuindo o calibre e ajustando a dimensão dos passeios. Pretende-se, ainda, de acordo com o PDM, abrir uma nova rua que liga a rua Santa Justa à Av. Dr. Francisco Pires Gonçalves, proporcionando mais dinâmica às traseiras da rua Conselheiro Lobato.

Da mesma forma, propõe-se abrir novos acessos pedonais a sul e no interior do quarteirão, rompendo com alguns estabelecimentos comerciais devolutos, garantindo espaços mais permeáveis, permitindo a relação com o rio.

DE GUIMARÃES À AV. DA LIBERDADE (Nacional N101)

Depois de estarem garantidas alternativas de rede viária, propõe-se que parte da N101, junto ao Estádio 1º de Maio e Monte do Picoto, seja restringida ao tráfego rodoviário e o acesso apenas para utilizadores do parque e do estádio, propondo um pavimento distinto, o cubo, limitando-se a ter uma guia no desenho do pavimento. Deste modo, é possível garantir continuidade e relação dos espaços verdes a sul, o Parque S. João da Ponte e Monte Picoto.



Esquema de Proposta de Verdes | ESCALA 1/7000



Esquema de Percursos Viários e Pedonais | ESCALA 1/10000

Ciclovia
Alcatrão
Cubo Serrado
Lajetas de betão

Zona relvada
Zona arborizada
Parque arborizado

1 . Centro de Dia, ATL e Galeria urbana
2 . Espaço comercial
3 . Estabelecimento Comercial
4 . Espaço Feira Municipal

RELAÇÃO ENTRE OS VERDES

É garantido, através dos novos acessos pedonais a sul, a continuidade de relações físicas e visuais com o rio Este, ciclovia e zona pedonal, e com o Parque da Ponte. As novas travessias sobre o rio permitem ligar o verde das margens do rio, onde se propõe criar espaços de estar, com o parque. Do mesmo modo, é garantida a mesma continuidade visual para o interior do quarteirão através da arborização alta.

No interior do quarteirão pretende-se que o espaço central se relacione com o jardim da rua do Fujacal, eliminando-se um edifício para permitir uma leitura contínua do espaço.

PRAÇA DOS ARSENALISTAS E PRACETA CONSELHEIRO LOBATO

O "vazio urbano" existente no interior do quarteirão, a Praça dos Arsenalistas, atualmente degradada e raramente frequentada, dá lugar a um espaço verde central, com árvores de porte alto, espaços de estar, e parque infantil, de modo a atrair a permanência de mais pessoas neste espaço.

Ao mesmo tempo, o problema da diferença de cotas entre a rua do Fujacal e a praça é resolvido através de uma plataforma à cota superior que envolve o edificado a norte da praça e que se liga à cota inferior através de rampas e escadas, permitindo também que a imagem de traseiras se dilua. Por sua vez, este espaço, que assume a forma retangular, está dividido em três zonas: a primeira destinada ao percurso automóvel, a segunda destinada ao espaço pedonal e de estar, e uma última zona destinado a um estabelecimento comercial, que permite dinamizar esta praça.

A Praceta Conselheiro Lobato, espaço importante da urbanização por se localizar nesta zona grande parte do comércio, assume-se como um lugar contínuo e permeável, com comércio e serviços em galeria, proporcionando uma pequena zona de mercado. Para este espaço propõe-se uma pavimentação em cubo de granito amarelo serrado, espaços arborizados, rampas e escadas que permitam o acesso à cota superior.



Fig.131 – Materialidade do Espaço Público, Bairro Lagarteiro, Porto



Fig.132 – Relação privado/público, Bairro do Contumil, Porto



Fig.133 – Embasamento piso térreo, Vila d'Este, Vila Nova de Gaia

EDIFICADO PROPOSTO

Para dinamizar o lugar propõe-se criar um centro de dia, um ATL, e uma galeria urbana no edifício da antiga central de camionagem.

Da mesma forma, propõe-se reabilitar o espaço da feira municipal, junto ao rio Este, e o edificado da Praceta Conselheiro Lobato, de forma a proporcionar novas atrações e investimentos nestes espaços.

FACHADAS DOS EDIFÍCIOS

No que diz respeito às fachadas dos edifícios, pretende-se que estes criem uma unidade. Assim, propõe-se o revestimento em capoto, permitindo aumentar o isolamento térmico dos edifícios, evitando os problemas de humidade verificadas no interior das habitações.

No embasamento, tal como no projeto para a Vila D'Este referido anteriormente, propõe-se um revestimento com painéis de cimento com fibra de vidro, evitando a degradação a nível do piso térreo, e permitindo ancorar todas as garagens, serviços, e arrumos numa leitura coesa e homogénea de todo o piso térreo.

Posto isto, estas linhas estratégicas procuram intervir de forma a aumentar a qualidade urbana do lugar, proporcionando melhores condições de vida à população residente, apostando na integração urbana e social com a envolvente próxima, promovendo o interesse de entidades privadas nesta zona da cidade, e a divulgação cultural e étnica do bairro.

Ao mesmo tempo, pretende-se com esta intervenção dinamizar todo o espaço, resolver os problemas de habitabilidade, de degradação do espaço público, e sociais, no sentido de proporcionar um lugar dinâmico, com qualidade e segurança, e uma melhor integração na cidade.

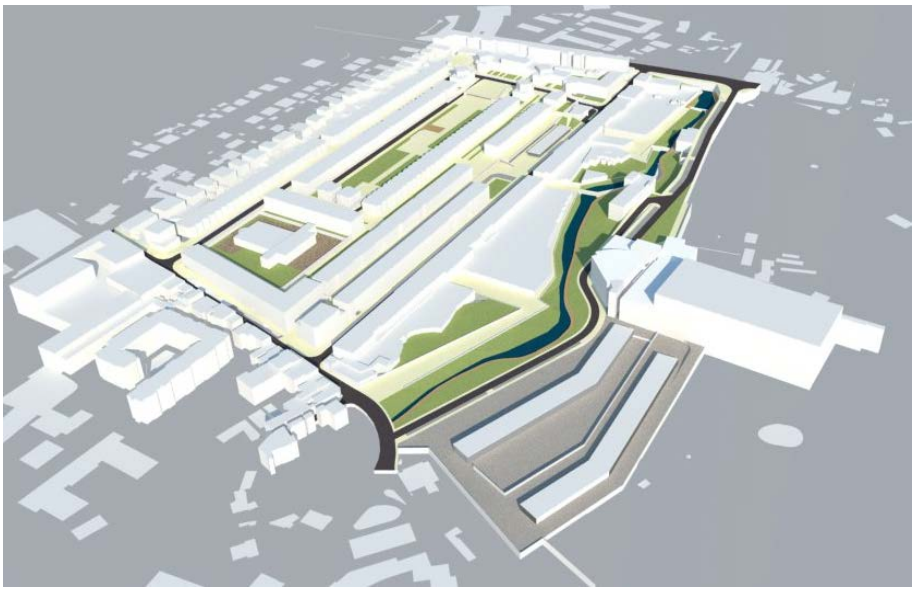


Fig.134 – Modelo 3D, Requalificação do Espaço Público, Bairro Fujacal, Zona Poente



Fig.135 – Modelo 3D, Requalificação do Espaço Público, Bairro Fujcal, Zona Nascente

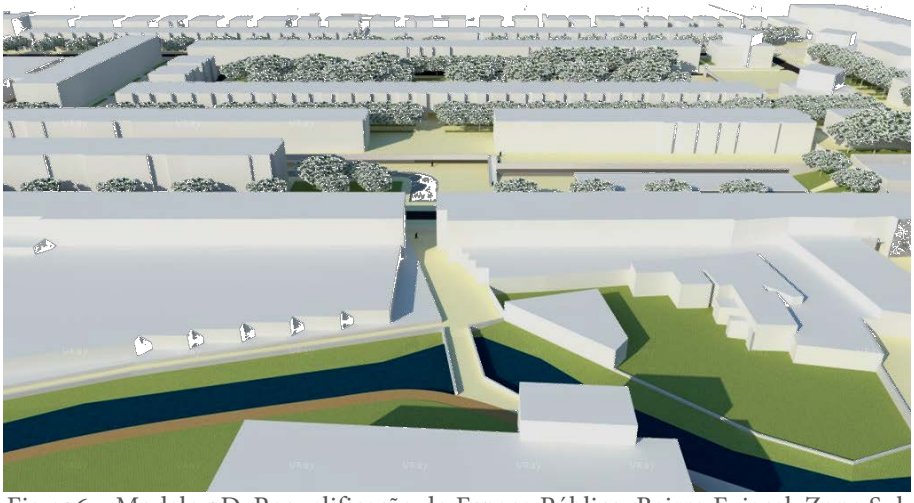


Fig.136 – Modelo 3D, Requalificação do Espaço Público, Bairro Fujacal, Zona Sul



Fig.137 – Referência para a Praceta Conselheiro Lobato, Marseille Vieux Port, Foster



Fig.138 – Referência para as galerias da Travessa Conselheiro lobato, Bairro da Bouça, Porto



Fig.139 – Ambiente proposto para as ruas do bairro do Fujacal, *Barri-de-Gracia*, Barcelona

V.

CONCLUSÃO

O trabalho aqui apresentado partiu da necessidade de encararmos os espaços públicos e as novas formas urbanas como pontos essenciais da vida urbana. É verdade que perceber e caraterizar as novas formas urbanas e como estas se relacionam no território não é tarefa fácil.

A cidade hoje é dispersa pelo território, sem limites e nem formas precisas, instável, multiescalar, e gerada por novas centralidades. Passamos de um modelo de cidade homogéneo, ditado por um sistema fechado, com limites precisos, para dar lugar a uma cidade convencional, claramente complexa, onde o mercado financeiro impõe o ritmo de crescimento.

A complexidade destas novas formas urbanas aliadas aos fatores de fragmentação, dispersão, e descontinuidades no território, tendem a gerar espaços públicos dispersos, desligados, isolados, sem dar identidade ao território.

É nesta realidade urbana que assistimos ao desencadear de novos espaços de comércio, lazer, e de vida quotidiana, onde se instalaram as grandes superfícies comerciais, que substituíram os ditos espaços públicos tradicionais – a rua, a praça, o largo, o parque.

Com isto, o espaço público deixa de ser o lugar de encontro, de trocas, e de relações multiculturais, para se tornarem muitas vezes em lugares de refúgio para os cidadãos mais desfavoráveis e excluídos da sociedade, transformando-se em lugares inseguros.

Hoje a cidade constrói-se por unidades, não tendo por objetivo construir um todo. Estas unidades são normalmente conjuntos de edifícios, que respondem a padrões de qualidade, que pouco ou nada se relacionam com a cidade que lhes é próxima.

A relação da unidade habitacional com o espaço exterior, o espaço de partilha da cidade – a rua – tem vindo a ser menosprezada pelos seus habitantes, pois vivemos numa sociedade cada vez mais individual.

Acreditamos, apesar de hoje o espaço público não afirmar o seu papel estruturante no sistema urbano e enquanto lugar de trocas e encontros, ser fundamental que estes novos espaços urbanos sejam adaptáveis às necessidades, às práticas da sociedade contemporânea, e sejam capazes de reestruturar todo o território atualmente fragmentado.

Neste contexto, e sabendo que se atravessa um momento em que não precisamos de construir muito mais do que aquilo que já existe, é necessário intervir tendo em conta todos os elementos que influenciem o espaço urbano, reformulando o sistema rodoviário e de transportes públicos, reabilitando o edificado. Simultaneamente, promovendo novas políticas que sejam capazes de cumprir a execução de qualquer intervenção.

Consideramos também que áreas urbanas precárias, pela concentração de grupos sociais mais vulneráveis, pelo estigma social que lhes é associado, e pelo bloqueio de oportunidades, devem ser consideradas prioritárias em termos da promoção da cidadania, da coesão social, e ao nível habitacional e urbano.

Perante esta evidência torna-se fundamental pensar e atuar sobre estas problemáticas, encontrar formas inovadoras e iniciativas que sejam duráveis e sustentáveis, apontando novas formas de articular a cidade.

Ao mesmo tempo, para além do compromisso político, da inovação, e da experimentação, é necessário desenvolver a cooperação com os próprios moradores, perceber quais os problemas e quais as necessidades, pois se estes não estiverem envolvidos qualquer intervenção pouco poderá resolver.

Com isto, não é de novas formas urbanas que se precisa, mas de dar valor ao existente, potenciando-o e modificando-o. A par disto, é essencial reconstruir as relações de confiança e autoestima nos moradores, devolvendo-lhes o gosto pelo espaço público e melhorias nas condições de habitabilidade, e criar políticas integradas que potenciem uma intervenção estratégica na gestão das novas formas urbanas.

Simultaneamente, este estudo tem como intuito mobilizar o envolvimento da população, através de uma Associação de Moradores mais ativa, e de uma dinamização do culto da organização condómina, que por contaminação sistémica se possa valorizar o edifício e a casa, de modo a manter ativo o envolvimento entre os moradores, a garantir a comunicação eficaz entre todos os envolvidos, e a responder às necessidades do lugar.

Pretende-se, ainda, com este estudo que este seja um ponto de partida e de referência para a forma como intervir na cidade e um contributo para criar iniciativas e metodologias que melhorem significativamente estes territórios vulneráveis, por forma a que sejam totalmente integrados na cidade e na sociedade, fazendo parte delas.

Foi desta forma que encarámos a urbanização do Fujacal. Procuramos a história do lugar, a identidade do mesmo, e perceber quais os maiores problemas que afetam esta área da cidade.

Tínhamos como objetivo compreender a evolução do espaço público e as suas problematizações para podermos lançar uma linha de intervenção para a requalificação do espaço público do bairro, que permitisse dar uma nova personalidade e identidade à zona sul da cidade.

Acreditámos que com o redesenho do todo o espaço público do conjunto habitacional do Fujacal como gerador de novas dinâmicas, possamos contribuir para a integração deste lugar na cidade e integrar socialmente a população residente.

"Aproveitar o espaço público para criar uma nova imagem da cidade, com um lógica e identidade diferentes, tem vindo a ser um grande êxito. Não porque os projectos são sempre perfeitos, mas porque a impressão de ver a mudança da paisagem urbana é enriquecedora para qualquer um."[130]

[130] SOLÀ-MORALES, Manuel de, De *Cosas Urbanas*, p. 186

VI.

FONTES

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc, *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Editora 90º, 2005

BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo, *O espaço urbano de Braga: obras públicas, urbanismo e planeamento 1790-1974*, Braga, Universidade do Minho - Instituto de Ciências Sociais, 2001

BAPTISTA, Luís V., *Cidade e Habitação Social*, Oeiras, Celta, 1999

CHOAY, Françoise*, L'urbanisme : utopies et réalités une anthologie,* Paris, ed. Du Seuil, 1965

DOMINGUES, Álvaro, PORTAS, Nuno, CABRAL, João, *Políticas Urbanas: tendências, estratégias e oportunidades*, Lisboa, FCG, 2003

FRIEDMAN, John, *Territorio y function: la evolución de la planificación regional,* Madrid, I.E.A.L, 1981 (original: *Territory and Function: The Evolution of Regional Planning,* California, University of California Press, 1ª Ed., 1979)

GEHL, Jan, *Life between buildings: using public space*, Kobenhavn, The Danish Architectural Press, 2010

GEHL, Jan, *Novos espaços urbanos*, trad. Carla Zollinger, Barcelona, Gustavo Gili, 2002

GEHL, Jan, *Public spaces, public life*, Copenhagen, The Danish Press, 1999

GROER, Étienne de, *Plano de Urbanização, alargamento e embelezamento da cidade de Braga*, Braga, Câmara Municipal, 1943

JACOBS, Jane, Morte e Vida das Grandes Cidades, trad. Carlos S. Mendes Rosa, São Paulo, Martins Fontes, 1ª Ed., 2000 (original: The Death and Life of Great American Cities, New York, Random House, Inc., 1961)

JORDI, Borja, *El espacio publico: ciudad y ciudadanía,* Barcelona: Electa, 2003

LAMAS, José, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 5ª Edição, 2010

LEWIS, Mumford, *A Cidade na História: suas origens, desenvolvimentos e perspectivas*, São Paulo, Martin Fontes, 1982

LYNCH, Kevin, *A boa forma da cidade,* trad. Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho, Lisboa, Edições 70, 1999

LYNCH, Kevin, *A Imagem da Cidade*, Lisboa, Edições 70, 2010

MARTÍ, Carlos, *Las Formas de la residência en la ciudad moderna,* Barcelona, UPC, 2000

MORRIS, A.E.J., História de la forma urbana : desde sus orígenes hasta la revolución Industrial, trad. Reinald Bernet, Barcelona, Gustavo Gili, 2007

OLIVEIRA, Eduardo Pires, MOURA, Eduardo Souto, *Braga: Evolução da estrutura urbana*, Braga, Câmara Municipal, Estudos Bracarenses, 1982

PANERAI, Philippe, *Formas Urbanas: de la manzana al bloque,* trad. Santiago Castán, Barcelona, Gustavo Gili, 1986

PORTAS, Nuno, *A Habitação Social: Proposta para a Metodologia da sua Arquitectura*, Porto, FAUP Publicações, 2004

PORTAS, Nuno, Os tempos das Formas, volume 1- A cidade Feita e Refeita, pref. Manuel de Solà-Morales, Guimarães, Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho (DAAUM), 2005

SOLÀ-MORALES, Ignasi de, *Territorios,* Barcelona, Gustavo Gili, 2002

SOLÀ-MORALES, Manuel de, *Les formes de creixment urbá,* Barcelona, UPC, 1ª Edição, 1993

TRACHANA, Angélique, *La evolución de la forma del espacio publico*, Buenos Aires, Nobuko, 2008

CHOAY, Françoise, *Urbanismo: Utopias e realidades, uma antologia*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1998

SECCHI, Bernardo, *Primeira Lição de Urbanismo*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2006

BRANDÃO, Pedro, *Design Urbano Inclusivo*, Lisboa, Centro Português Design, 2003

ALVES, Fernando Brandão, *Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003

PUBLICAÇÕES

BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo, *A Secção das Obras Urbanas da Câmara Municipal de Braga: concepção de uma base de dados orientada para o estudo da geografia urbana*, Arquivo Distrital de Braga, 2000

BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo, *Braga sob o ideal da "cidade-jardim" : de Gröer e o planeamento urbano de Braga na década de 1940*, Bracara Augusta, Vol. 50, n.º 104-105 (2001/2002), p. 63-96

BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo, *O espaço urbano de Braga: obras públicas, urbanismo e planeamento 1790-1974*, Universidade do Minho: Instituto de Ciências Sociais, Braga, 2001

CMB, *Programa Estratégico de Reabilitação Urbana de Braga Sul*, CMB, 2011

DOMINGUES, Álvaro, *A Cidade-Providência*, in Revista da FLUP: Sociologia, Nº13, Porto, 2003

GRAÇA, Miguel Silva, *Espaços privados e usos colectivos: do admirável mundo novo do consumo às novas tipologias comerciais de Lisboa*, in Ciudades: Revista del Instituto Universitario de Urbanística de la Universidad de Valladolid, número 10, 2007, pp. 213- 240

IHRU, *Iniciativa Bairros Críticos e as experiências de intervenção sócio-territorial em Portugal*, Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional, 2009

IHRU, *Prémio IHRU 2012: Construção Reabilitação*, Lisboa, IHRU, 2012

OLIVEIRA, Eduardo Pires de, Estudos Bracarenses: As alterações toponímicas 1380-1980, Braga, 1982

TESES E PROVAS FINAIS

BRITO, Sandra da Mouta, *As Formas do espaço público nos novos territórios urbanos: a estrutura urbana de Braga*, Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, FAUP, 2005

COELHO, João Rodrigo Parreira, *Formas e desígnios do espaço público na cidade contemporânea: o projecto do espaço espaço público na construção da cidade: casos portugueses*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, FAUP, 2011

FIGUEIREDO, Luís Alberto Ramos, *Requalificar o espaço público: revitalizar a cidade*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, FAUP, 2010

MOURA, Maria Luísa Penha Souto de, *Os espaços públicos e urbanos na habitação social*, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, FAUP, 2010

DOCUMENTÁRIOS

IHRU, Iniciativa Bairros Críticos, 2009

RTP2, *A Casa e a Cidade: Bairro*, Episódio 2, 2011

ARQUIVOS

Arquivo Distrital de Braga

Arquivo Histórico da Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano

Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Braga

RECURSOS DIGITAIS

http://www.dgartes.pt/ibc_iniciativa_bairros_criticos

http://www.jornalarquitectos.pt/face-lift-ou-viver-melhor

http://www.menosemais.com/pt_index.html

http://www.monumentos.pt/

http://www.nunoabrantes.eu/index.php?/agoranow/reabilitacao-vila-de-este-gaia/

http://www.nunoabrantes.eu/index.php?/logradouro-de-casa-porto/reabilitacao-bairro-contumil-porto/

http://www.portaldahabitacao.pt/

OUTRAS FONTES

Câmara Municipal de Braga

Departamento de Planeamento e Ordenamento da CMB

FONTES DE FIGURAS

CAPÍTULO 1

FIG.1: http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/socrates/soccidadao. htm

FIG.2: http://www.greeceathensaegeaninfo.com/h-maps/greek-mainland/map-athenian-agora.htm

FIG.3: LAMAS, José, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, p. 142

FIG.4: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Roma#mediaviewer/Ficheiro:Map_of _downtown_Rome_during_the_Roman_Empire_large.png

FIG.5: http://quizlet.com/7622231/aph-313-test-ii-flash-cards/

FIG.6: LAMAS, José, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, p. 149

FIG.7: LAMAS, José, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, p. 155

FIG.8: http://bastidess.free.fr/

FIG.9: http://www.abelard.org/france/bastides.php

FIG.10: http://clientes.netvisao.pt/carlhenr/Palma_Nuova.jpg

FIG.11: http://5ko.fr/A/Evreux

FIG.12: http://www.cristinamello.com.br/wp-content/uploads/2012/12/La-place-des-vosges-paris.jpg

FIG.13: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/54/Piranesi_Piazza_San_Pietro.gif

FIG.14: http://alexandrelou.tripod.com/

FIG.15: http://www.bufetetecnico.es/arquitectura/proyectos4/imagenes/plaza-capitolio-2.jpg

FIG.16: http://www.discusmedia.com/pictures/maps/000/00/m/0031204m.jpg

FIG.17: http://yorkshire.u08.eu/?i=41553-116-YTM0098.png

FIG.18: LAMAS, José, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, p. 213

FIG.19: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6d/Avenue_des_Champs-%C3%89lys%C3%A9es_July_24,_2009_N1.jpg

FIG.20: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ildefons_Cerd%C3%A0#mediaviewer/Ficheiro:Barcelona_plano.jpg

FIG.21: http://www.3viajes.com/wpcontent/uploads/2009/11/eixample_barcelona.jpg?fo 5639

FIG.22: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637

FIG.23: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/637

FIG.24: http://classconnection.s3.amazonaws.com/238/flashcards/1219238/jpg/lecture_7-1011334857583490.jpg

FIG.25: http://www.bifurcaciones.cl/bifurcaciones/wpcontent/uploads/2012/11/radburn.jpeg

FIG.26: http://www.williemiller.co.uk/wp-content/uploads/2007/08/unwin-hampstead-gerden-suburb.jpg

FIG.27: http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2013/08/52001cc3e8e44e6db0000007_ad-classics-ville-radieuse-le-corbusier_corbusierville3millionsg-528x356.jpg

FIG.28: http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2013/08/51fadfbbe8e44ea2b0000010_ad-classics-ville-radieuse-le-corbusier_ville_radieuse_-1-.jpg

FIG.29: http://strates.revues.org/docannexe/image/5573/img-8.jpg

FIG.30: http://agingmodernism.files.wordpress.com/2010/08/1-sarcelles.jpg

FIG.31: http://microrayon.wikispaces.com/file/view/Sarcelles-Plan.jpg/297046804/257x273/Sarcelles-Plan.jpg

FIG.32: http://i245.photobucket.com/albums/gg64/karlussantus/braga2.jpg

FIG. 33: DOMINGUES, Álvaro, PORTAS, Nuno, CABRAL, João, *Políticas Urbanas: tendências, estratégias e oportunidade*, p.42

FIG.34: http://www.bing.com/maps/, Ortomapa de Lisboa

FIG:35: http://boacamaboamesa.expresso.sapo.pt/sites/escape_files/imagecache/530_353/images/story/b_braga_parque_0.jpg

FIG.36: http://shoppingspirit.pt/wp-content/uploads/2013/05/sessoes-de-cinema-gratuitas-para-movie-lovers-no-braga-parque.jpg

FIG.37: https://maps.google.pt/maps?hl=pt-PT&tab=wl, Ortomapa Maia, Porto

FIG.38: DOMINGUES, Álvaro, PORTAS, Nuno, CABRAL, João, *Políticas Urbanas: tendências, estratégias e oportunidade*,p 221

CAPÍTULO 2

FIG.39: http://www.basquecountry-tourism.com/blog/wp-content/uploads/2014/02/Imagen-008.jpg

FIG.40: http://srahull.pbworks.com/f/1392251188/Las%20Ramblas.jpg

FIG.41: http://cdn3.vtourist.com/4/6366515-Cafe_on_Avenida_da_Liberdade_Lisbon.jpg?version= 2

FIG.42: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/44/Plaza_Mayor_de_Madrid_06.jpg/1024px-Plaza_Mayor_de_Madrid_06.jpg

FIG.43: http://puertadelsol.net/wp-content/uploads/2013/04/2013-April-17-Puerta-del-Sol-Madrid-2104.jpg

FIG:44: http://inmadrid.org/wp-content/uploads/2012/10/mercado-de-san-miguel1.jpg

FIG.45: http://www.joaoalvarorocha.pt/maismaia/maismaiapt.html

FIG.46: http://www.panoramio.com/photo/35315317

FIG.47: http://www.lauraroldaocosta.com/projetos/infraestruturas/2149b/projeto.html

Quadro1 e Quadro2: ALVES, Fernando Brandão, *Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano*

FIG.48: http://c10.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/mfa042865/6501536_ndvNF.jpeg

FIG.49: http://3.bp.blogspot.com/-GtBUfaIPNps/UF7OavZLoJI/AAAAAAAACoU/pNZ2wHAsdVw/s1600/201208+Terreiro+do+Pa%C3%A7o.JPG

FIG.50: http://blog.neoarq.pt/wp-content/uploads/2014/01/managing-public-urban-space.jpg

FIG.51: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Images/SIPAImage.aspx?pid=236898

FIG:52: http://1.bp.blogspot.com/-IlKQBz5lzFQ/Tf-t5FnjJKI/AAAAAAAAJZw/T17LgEvBvPk/ s1600/IMG_4607.JPG

FIG.53: https://lh3.googleusercontent.com/-c62OC2sWTgs/TuuwoH_bahI/AAAAAAAAJzU/IUXg7xUVNCo/s800/20100711-aleixo.jpg

FIG.54: http://i237.photobucket.com/albums/ff312/abcinfohabitar/arthabfelo302.jpg

FIG.55: http://1.bp.blogspot.com/-whdGf8KWjUE/ToSVrXt6jFI/AAAAAAAAMcY/RXA2qF_DZDo/s1600/Bairro+Zambujal+Buraca+Amadora+01.jpg

FIG.56: http://i237.photobucket.com/albums/ff312/abcinfohabitar/mhco103.jpg?t=1205694970

FIG.57: http://i6.photobucket.com/albums/y247/antoniobaptistacoelho/03-1.jpg

FIG.58: http://3.bp.blogspot.com/-437F2DoGg7w/UClVSB86yCI/AAAAAAAAN3U/bJXlQKBLrQg/s1600/12.jpg bairro keifhock

FIG.59: http://metrhispanic.files.wordpress.com/2013/03/kiefhoek-1.jpg?w=620 planta keifh

FIG.60: http://ernst-may-gesellschaft.de/uploads/tx_wsflexslider/Siedlung_Praunheim_1929_650x400.png

FIG.61: http://www.tu-cottbus.de/theoriederarchitektur/Lehrstuhl/deu/lehre/SS03/siedlungen/siedl_orig/4%20Siedlung%20Internet/09%20Frankfurt%20Praunheim%201926-29_p.gif

FIG.62: http://www.luftbild-sandbiller.de/Karlsruhe/Karlsruhe/images/dammerstock.jpg

FIG.63: http://www.laboratorio1.unict.it/lezioni4/lez2/pagine/06.jpg

FIG.64: http://lh5.ggpht.com/_FkKgTDI7ngU/TRJ1YNDaShI/AAAAAAAAAL4k/CeNbCE-0JqE/bar10_thumb%5B4%5D.jpg?imgmax=800

FIG.65: http://www.bing.com/maps/, Ortomapa Bairro Contumil, Porto

FIG.66: http://hoffice.files.wordpress.com/2010/02/12439660431l5ctq5lvova14qz1.jpg?w=470

FIG.67: http://i237.photobucket.com/albums/ff312/abcinfohabitar/infoh42602_zps55d162bf.jpg

FIG.68: http://i237.photobucket.com/albums/ff312/abcinfohabitar/infoh42606_zps325cd022.jpg

FIG.69: http://i237.photobucket.com/albums/ff312/abcinfohabitar/infoh42601_zps4e6c700b.jpg

CAPÍTULO 3

FIG.70: http://4.bp.blogspot.com/-Bg0Dq7uuIM8/UQPgBRgBlpI/AAAAAAAAHz8/dlVMgnroEX0/s400/528688_3490450625807_421995865_n.jpg

FIG.71: TEIXEIRA, Manuel, *O urbanismo português seculos XIII-XVIII*, p. 117

Fig.72: OLIVEIRA, Eduardo, *Braga Evolução da Estrutura Urbana*, p.29

FIG.73: OLIVEIRA, Eduardo, *Braga Evolução da Estrutura Urbana*, p.39

FIG.74: http://c1.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/N3a073a4b/9293612_a99Sy.jpeg

FIG.75: http://images-02.delcampe-static.net/img_large/auction/000/076/574/074_001.jpg

FIG.76: OLIVEIRA, Eduardo, *Braga Evolução da Estrutura Urbana*, p.61

FIG.77: Câmara Municipal de Braga, Reestruturação do Território – Zonas de Expansão 1982

FIG.78: Câmara Municipal de Braga, Reestruturação do Território – Estruturação da cidade proposta 1982

FIG.79: Departamento de Planeamento e Gestão do Território, CMB

FIG.80: http://i245.photobucket.com/albums/gg64/karlussantus/BragaVistaAerea.jpg

FIG.81: Arquivo Distrital de Braga, Planta Topográfica de Braga, 1954

FIG.82: Arquivo Municipal da CMB, Plano de Urbanização e Embelezamento da Zona Sul de Braga, Etienne Groer, 1942

FIG.83: Arquivo Municipal da CMB, Plano Pormenor do Fujacal, 1980

FIG.84: Arquivo Municipal da CMB, Plano de Loteamento, Álvaro Pimentel

FIG.85: Arquivo Municipal da CMB, Plano de Pormenor Zona Sul da Cidade, 1981

FIG.86: Arquivo Municipal da CMB, Plano de Pormenor da Zona Nascente do Fujacal, 1986

FIG.87: Fotos de autora

FIG.88 Esquema produzido pela autora

FIG.89: Esquema produzido pela autora

FIG.90 à 93: Cortes produzidos pela autora

FIG.94 à 99: Esquemas e Análises produzidas pela autora

FIG.100: Fotos de autora

FIG.101 à 106 – Fotos de autora

FIG.107, 108, 109 – Plantas produzidas pela autora

FIG.110: Fotos de autora

FIG.111, 112, 113: Fotos de autora

FIG.114: Planta produzida pela autora

FIG.115 à 118: Fotos de autora

CAPÍTULO 4

FIG.119: http://www.nunoabrantes.eu/index.php?/agoranow/reabilitacao-vila-de-este-gaia/ fotografias de Ines d'OREY

FIG.120: http://www.menosemais.com/pt_index.html fotografias fernando guerra

FIG.121: http://www.nunoabrantes.eu/index.php?/logradouro-de-casa-porto/reabilitacao-bairro-contumil-porto/

FIG.122: http://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/reabilitacao/ARUs/ARUs_Sines.html

FIG.123: http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ihru/pt/ihru/premios/docs_premios/Catalogo_Premio_IHRU2012.pdf

FIG.124, 125, 126: Esquemas produzidos pela autora

Quadro 3: Síntese de ações para a intervenção no espaço público produzida pela autora

FIG.127, 128 – Plantas produzidas pela autora

FIG.129, 130 – Esquemas produzidos pela autora

FIG.131: http://www.nunoabrantes.eu/index.php?/agoranow/reabilitacao-vila-de-este-gaia/ fotografias de Ines d'OREY

FIG.132: http://www.menosemais.com/pt_index.html fotografias fernando guerra

FIG.133: http://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/ihru/pt/ihru/premios/docs_premios/Catalogo_Premio_IHRU2012.pdf

FIG.134 à 136: Modelo 3D, produzido pela autora

FIG.137: http://www.fosterandpartners.com/projects/marseille-vieux-port/

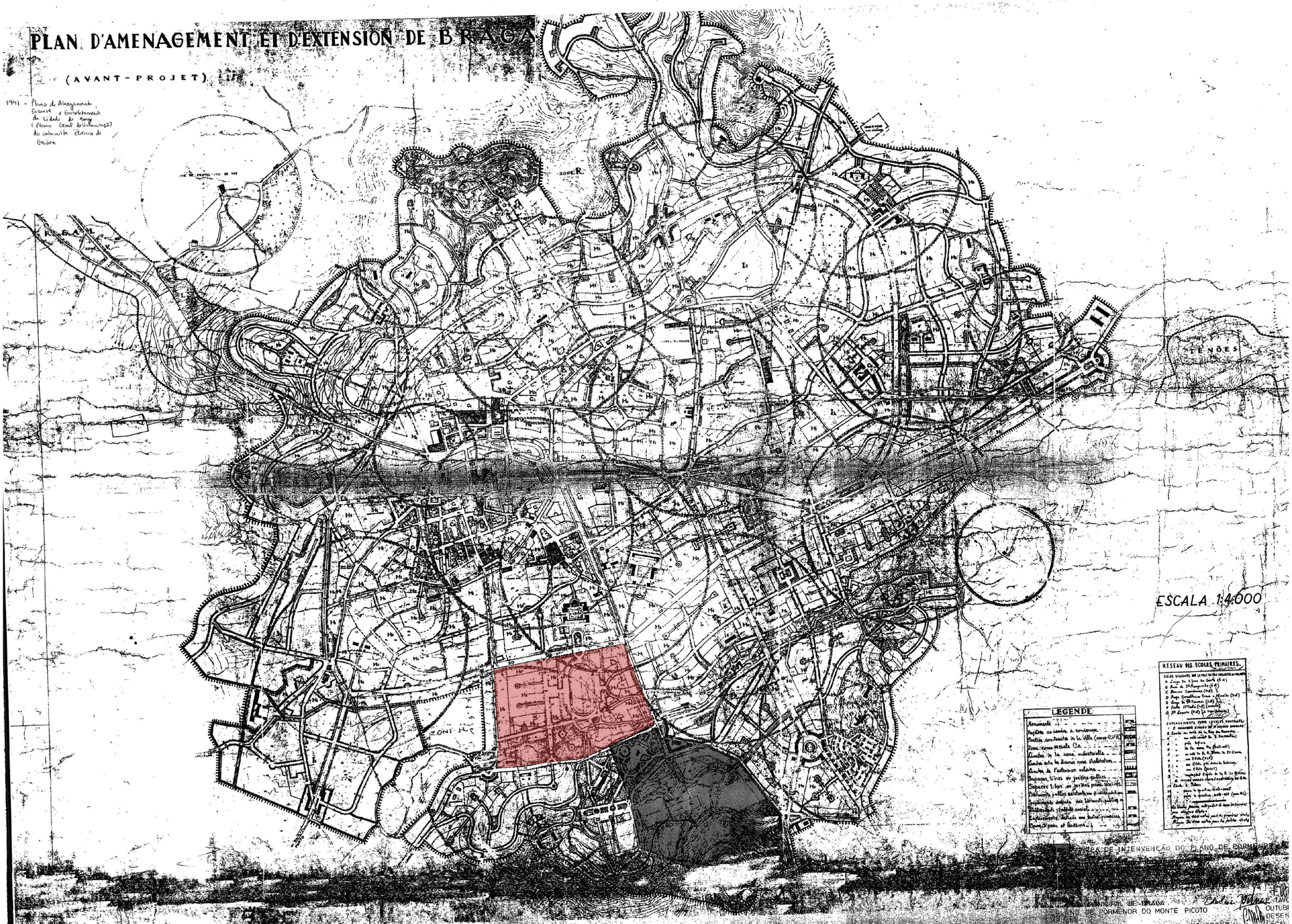
FIG.138: http://daydreamtrip.blogspot.pt/2014/10/bairro-da-bouca-siza-vieira.html

Fig.139: http://www.mundofotos.net/foto/catalonia/718874/carrer-torrent-de-lolla-barri-de-gracia-barcelona

VI.

ANEXOS

ANEXOS I - Plano de Alargamento, Extensão e Embelezamento, Étienne De Groer, 1941


PLAN D'AMENAGEMENT ET D'EXTENSION DE BRAGA
(AVANT-PROJET)
1941 - Plano de Alargamento, Extensão e Embelezamento da Cidade de Braga (Plano Geral de Urbanização) do urbanista Etienne de Gréer
ZONE R
ZONE R
TENÕES
ESCALA 1:4.000
LEGENDE
RESEAU DES ECOLES PRIMAIRES
AREA DE INTERVENÇÃO DO PLANO DE PORMENOR
MUNICIPAL DE BRAGA
PLANO DE PORMENOR DO MONTE PICOTO
PLANO

ANEXOS II – Planos de Pormenor de Iniciativa Camarária, Câmara, Municipal de Braga, 1981

PLANOS DE PORMENOR

1	SETE FONTES - 106 FOGOS
2	BOAVISTA - 48 FOGOS
3	PINHEIRO DO BICHO - 200 FOGOS
4	CELEIRÓS - 184 FOGOS
5	PADIM DA GRAÇA - 13 FOGOS
6	AVELEDA - 17 FOGOS
7	SOBREPOSTA - 20 FOGOS
8	S. PEDRO DE ESTE - 57 FOGOS
9	PARADA DE TIBÃES - 9 FOGOS
10	ESPORÕES - 7 FOGOS
11	PEDRALVA - 6 FOGOS

CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA

BRAGA Reestruturação do Território Municipal

PLANOS DE PORMENOR DE INICIATIVA CAMARÁRIA - CONCELHO

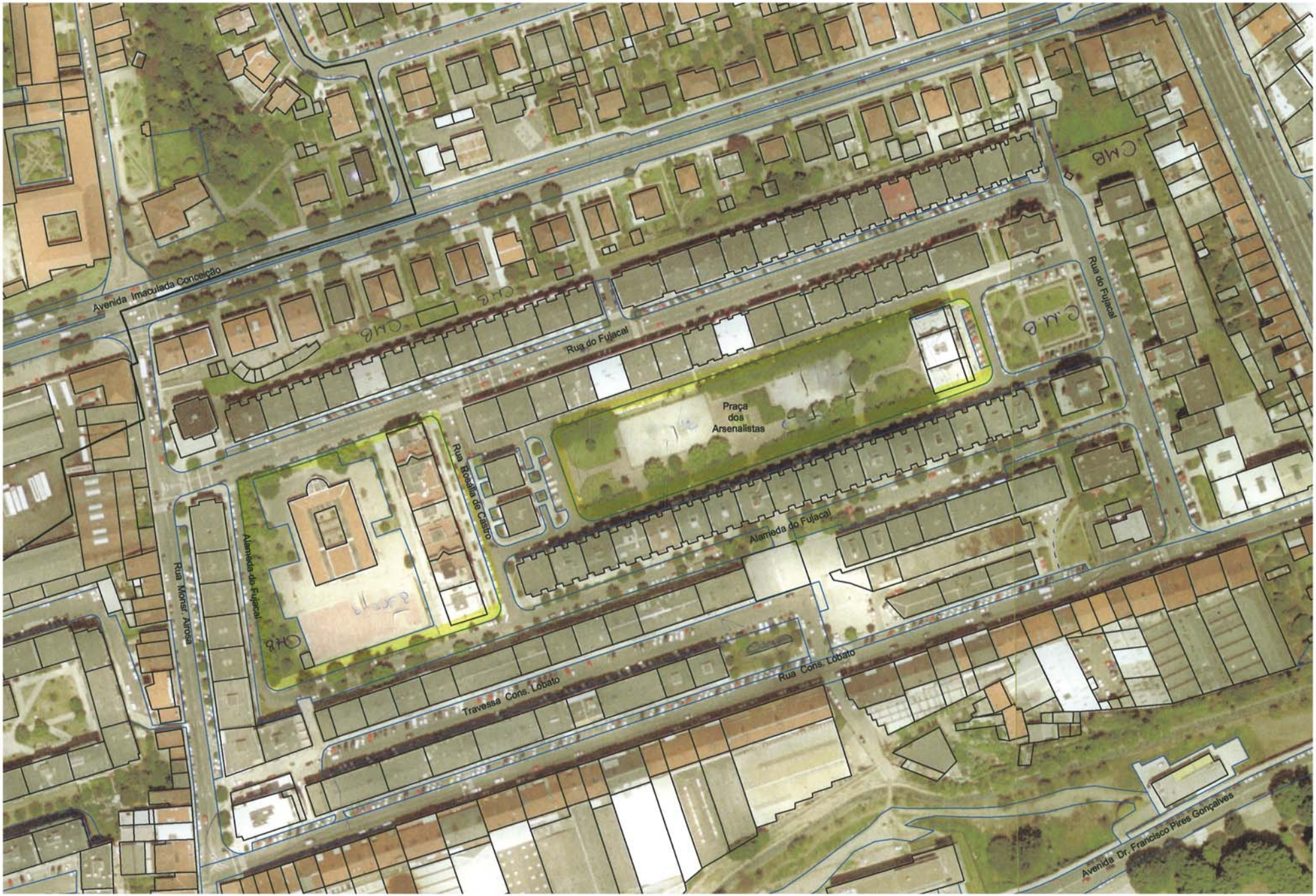
M

G.P.G.U. / CEAPE ARQ.

AGOSTO 1982

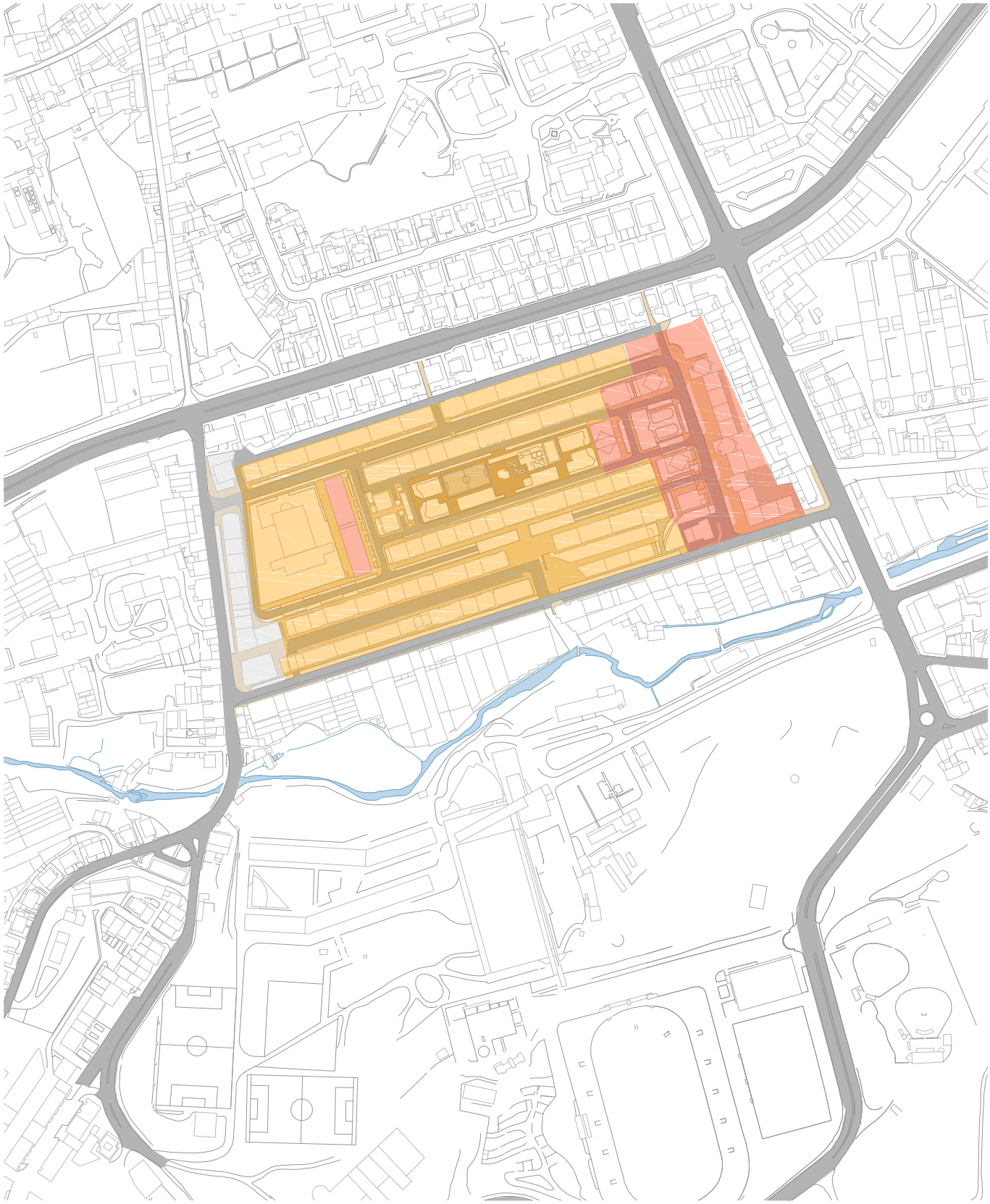
ESCALA 1 / 25000

ANEXOS III – Planta de Espaço Público de Propriedade Camarária

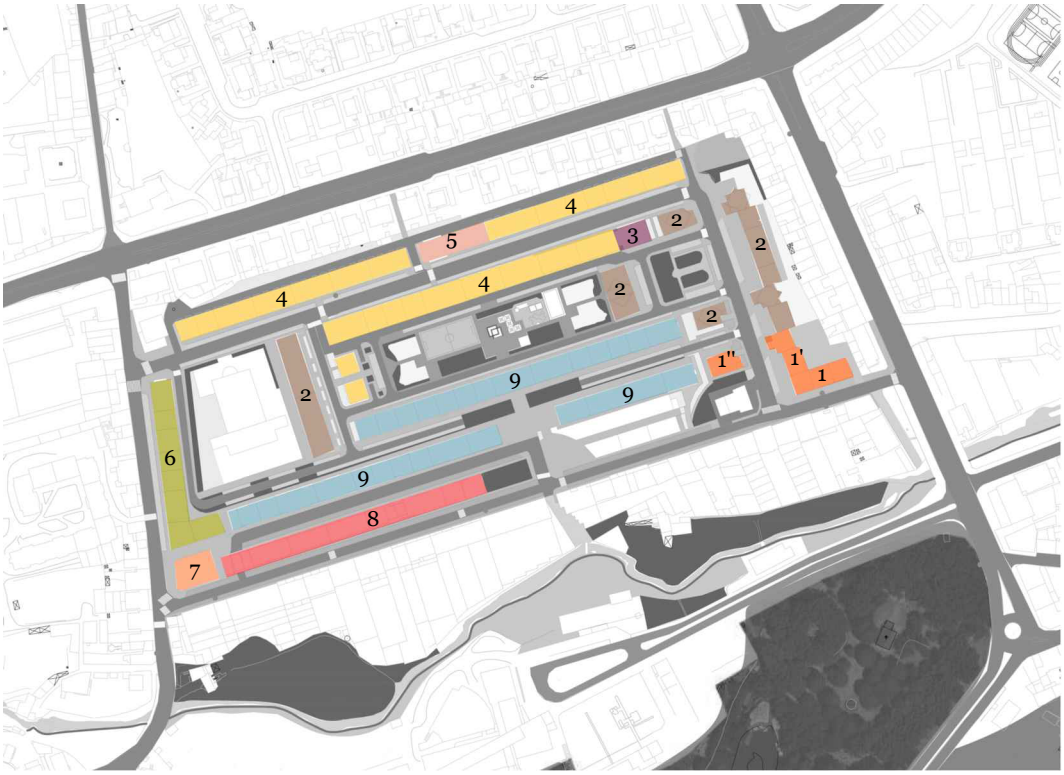


Limite de Propriedade da Câmara Municipal Limite de Propriedade

ANEXO IV – Fases de Construção da Urbanização do Fujacal


1ª Fase de Construção, 1981
2ª Fase de Construção, 1986
3ª Fase de Construção, Posterior a 1987

ANEXO V – Descrição do Edificado e do Espaço Público



FICHA DESCRITIVA DO EDIFICADO

Edificado 1 - Habitação tipo Esquerdo/Direito
Com varandas
Com garagens
Nº de Pisos: 6
Cota de soleira: 160

Edificado 1' - Habitação tipo Esquerdo/Direito
Com varandas
Com garagens
Nº de Pisos: 5
Cota de soleira: 162

Edificado 1'' - Habitação tipo Esquerdo/Direito
Com varandas
Com garagens
Nº de Pisos: 4
Cota de soleira: 162

Edificado 2 - Habitação tipo Esquerdo/Direito
Com varandas
Com garagens
Nº de Pisos: 5 a 7
Cota de soleira: 162

Edificado 3 - Habitação tipo Esquerdo/Direito
Com marquises
Com garagens voltadas para a Praça dos Arsenalistas
Nº de Pisos: 4
Cota de soleira: 161

Edificado 4 - Habitação tipo Esquerdo/Direito
Com marquises
Com garagens
Nº de Pisos: 4
Cota de soleira: 161

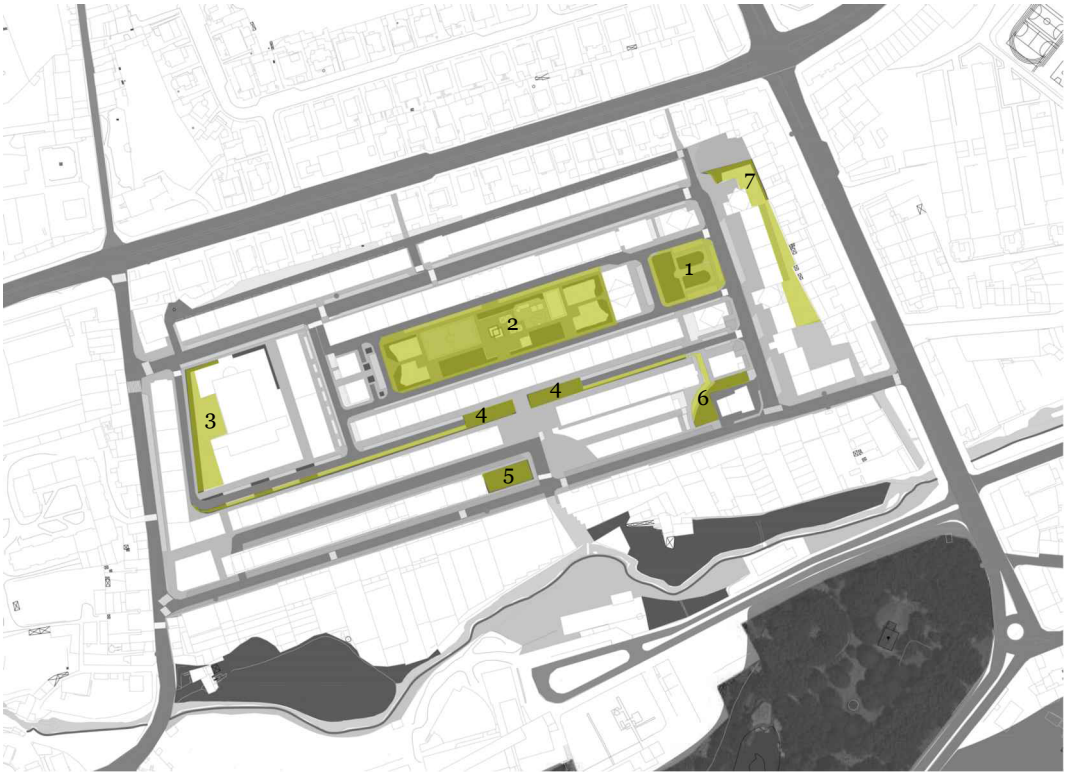
Edificado 5 - Habitação tipo Esquerdo/Direito
Com marquises
Com garagens
Nº de Pisos: 4
Cota de soleira: 161

Edificado 6 - Habitação tipo Esquerdo/Direito
Com varandas
Com garagens
Nº de Pisos: 4 a 6
Cota de soleira: 160 a 156

Edificado 7 - Habitação tipo Esquerdo/Direito
Com varandas
Com garagens
Nº de Pisos: 6
Cota de soleira: 156

Edificado 8 - Habitação tipo Esquerdo/Direito
Com varandas
Com garagens
Nº de Pisos: 5
Cota de soleira: 155

Edificado 9 - Habitação tipo Esquerdo/Direito
Com varandas
Com garagens comum subterránea
Nº de Pisos: 4
Cota de soleira: 159



FICHA DESCRITIVA DO ESPAÇO PÚBLICO

Espaço 1 - Jardim Rua do Fujacal
Espaço arborizado e relvado, com árvores de sombra e arbustos rasteiros
Com local de estacionamento
Cota: 162 à 159

Espaço 2 - Praça dos Arsenalistas, localizada na zona central do quarteirão
Espaço arborizado e relvado, com árvores de sombra e arbustos rasteiros
Espaço com parque infantil, campo de jogos e parque radical
Com local de estacionamento
Cota: 158

Espaço 3 - Zona arborizada e relvada da EB1 do Fujacal
Cota: 160

Espaço 4 - Alameda do Fujacal
Espaço arborizado e relvado
Espaço de transição entre o passeio e o estacionamento
Com local de estacionamento
Cota: 158

Espaço 5 - Rua Conselheiro Lobato e Travessa Conselheiro Lobato
Espaço relvado
Com mobiliário urbano degradado
Com local de estacionamento
Cota: 156

Espaço 6 - Rua Conselheiro Lobato e Alameda do Fujacal
Espaço arborizado e relvado
Atravessamento pedonal
Cota: 159 à 161

Espaço 7 - Rua do Fujacal (traseiras)
Espaço relvado inutilizado
Com local de estacionamento nas proximidades
Cota: 165

ANEXO VI – Opiniões de cidadãos

Numa primeira fase de entrevista e opinião, achamos importante ouvir a Associação de Moradores do Fujacal, uma vez que poder-nos-iam dar, num âmbito geral, as problemáticas do bairro.

A associação referiu que hoje é pouco ativa quer em atividades, quer em reuniões, mas considera que a sua ação foi crucial no início da habitacionalidade do bairro.

No entanto, considera que hoje os problemas são bem diferentes do que no início da sua atuação.

A diversidade de etnias fizeram com que aumentassem os flagelos: problemas de sociabilidade, educacionais, e ambientais. Isso demonstrasse no interior do quarteirão pela sua degradação e abandono do espaço público.

É já um bairro com cerca de 33 anos, durante o qual não existiu qualquer intervenção de reabilitação do espaço público e do edificado, excecionando uma ou outra situação no qual os condóminos tomaram parte ativa na renovação das fachadas.

Assim sendo, consideram que a prioridade de intervenção será a requalificação do espaço público, e a par desta, a reabilitação das fachadas, para que se torne num lugar aprazível para todos. Pois a intervenção de uma ação pressupõe a outra.

Numa segunda fase, fomos ouvir a opinião de moradores, partindo do princípio que estes devem ter oportunidade de serem ativos na requalificação do bairro, pois se estes não estiverem envolvidos qualquer intervenção acaba por não ter efeito, e de pessoas anónimas residentes na cidade.

Como síntese, podemos referir que a maioria dos moradores não pertende que a "a sua casa venha abaixo". Uma intervenção a nível habitacional e de espaço público seria um bom começo, pois as fachadas e espaços públicos encontram-se bastante degradados.

A estrutura do bairro faz com que existam muitos lugares escondidos, o que não abona pela segurança dos residentes. Os moradores confirmam que isto faz com que o bairro seja um local "aprazível" para vendedores e consumidores de substâncias ilícitas, pondo em causa o bem-estar dos moradores e provocando uma certa inquietude nos restantes habitantes da cidade.

Esta situação foi criando uma imagem negativa do bairro, aumentando a desconfiança da população em geral e provocando cada vez mais exclusão social.

Consideram também que as garagens têm sérios problemas de humidade, são escuras, que os espaços são pouco aproveitados e subvalorizados, e que a urbanização é muito encerrada e sem diálogo com a envolvente próxima. Assim, pensam que a intervenção deve passar por uma Associação de Moradores mais ativa, espaços mais dinâmicos e abrir-se para a cidade.

A par disto, a população em geral da cidade considera que a insegurança, a instabilidade social, os espaços públicos pouco apelativos, a degradação, os poucos acessos, a falta de relação com a envolvente, e os poucos incentivos, são os principais problemas que tem vindo a provocar ao longo dos anos a relutância da população face a esta urbanização.

Estes acham que a mudança passa pela uniformidade de toda a urbanização, espaço público e edificado, mais acessos pedonais de forma a ligarem-se com os espaços envolventes, espaços públicos revitalizados e com atratividade, estabelecimentos comerciais e equipamentos que dinamizem o bairro, e a relação mais direta com o rio Este tirando proveito das margens do rio.

ANEXO VII – Notícias

CEM promete intervenção na urbanização do Fujacal

«A Câmara Municipal e a Junta de Freguesia não podem continuar a ignorar a situação de degradação em que se encontra a urbanização do Fujacal», afirmou José Alfredo Ribeiro, candidato da Cidadania em Movimento (CEM), após visita efetuada àquele importante bairro da freguesia de S. José de S. Lázaro, a convite de um grupo de moradores. A candidatura Cidadania em Movimento, conhecedora da situação em que, desde há duas décadas, se encontra o bairro do Fujacal, foi verificar como evoluiu aquela urbanização que comporta milhares de habitantes.

DR



CEM acusa Câmara e Junta de "assobiarem para o lado" face aos problemas do Fujacal

Os candidatos constataram que a urbanização do Fujacal «mantém os problemas que antes tinha, agora agravados pela acelerada degradação em que se encontram a maioria dos edifícios e pela quantidade de situações de abandono de habitantes e comerciantes». «Ao facto não é alheia a degradação das condições socioeconómicas da população ali residente, condições que estão a gerar situações de conflito e exclusão social», refere a CEM.

«Este bairro carece de uma intervenção séria quase desde o início da sua existência, com efeito, não foi bem concebido e a promotora, a Câmara Municipal, tem vindo a ignorar a responsabilidade que lhe assiste, denotando uma atitude autista perante a gravidade dos problemas com que a população residente se debate», expressaram os presentes.

«A par da degradação do espaço público e do estado de total abandono de largas dezenas de estabelecimentos comerciais, as garagens de muitos do edifícios constituem um cenário dantesco, próprio de filmes de terror, não sendo utilizáveis», numa situação que «tem vindo a arrastar a urbanização para a sua acelerada "guetização", perspetivando-se um problema social cada vez mais grave e de resolução cada vez mais difícil».

Perante a gravidade dos factos e a atitude do Município e da Junta, que «nada fazem para contrariar o processo e continuam a "assobiar para o lado"», a candidatura da Cidadania em Movimento ao União de S. José de S. Lázaro e S. João do Souto, propõe-se «assumir a liderança do processo de recuperação sociocultural e urbanística da urbanização do Fujacal», através da aplicação de um plano de intervenção multidisciplinar, contando, para tal, envolver técnicos e entidades públicas competentes, nomeadamente a Segurança Social, assim como os condomínios dos edifícios e representantes da população.

De acordo com o candidato da CEM, José Alfredo Ribeiro, a aplicação deste Plano de Intervenção deverá servir de modelo e estender-se a outras urbanizações vizinhas, como a do Carandá e da Rua Dr. José Vilaça.

Polidesportivo do Fujacal requalificado



DR

Polidesportivo do Fujacal apresenta agora um relvado sintético

A Praça dos Arsenalistas, no Fujacal, freguesia de São Lázaro, tem um novo motivo de atração para os mais jovens e para os amantes de desporto. O polidesportivo, localizado no interior da Praça, foi alvo de uma requalificação, estando agora equipado com piso sintético e dispondo de todas as condições de segurança para a prática desportiva. Sameiro Araújo, vereadora do Desporto e João Pires, presidente da União de Freguesia de S. Lázaro e S. João de Souto, estiveram presentes na cerimónia de reabertura.

Segundo Sameiro Araújo, este é um local que se encontrava muito danificado e cuja requalificação era premente.

«É importante que as crianças da zona pratiquem desporto e tenham um espaço onde possam conviver, fazer amigos e passar o tempo de forma saudável», considerou, salientando que o Polidesportivo irá servir a Escola do Fujacal e a Escola de Andebol do Arsenal da Devesa, mas, salientou, «outras associações poderão utilizar o espaço se assim o entenderam, que está ainda equipado para a prática do basquetebol».

Nesse sentido, João Pires destacou que, finalmente, os jovens poderão usufruir com segurança deste espaço. «A freguesia estava preocupada com este espaço, que é fundamental até em termos de coesão social. Agora, com a requalificação, temos um motivo de enorme satisfação», afirmou.

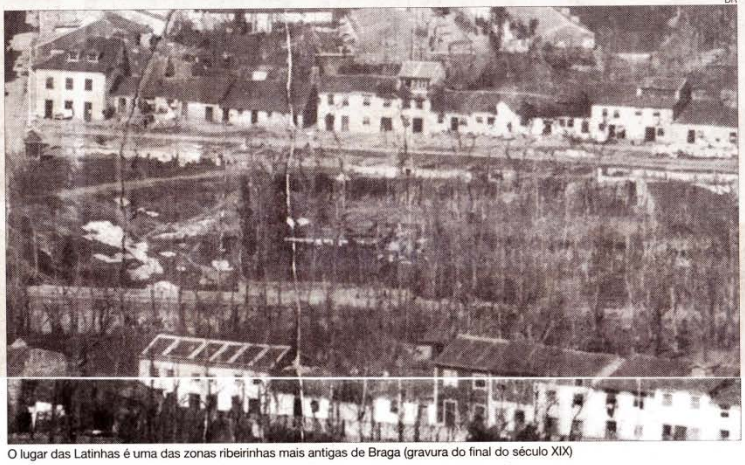
TRILHOS BRAGUESES

→ Num jornal do início do século vem uma referência à falta de segurança na zona de S. João da Ponte: "*rara é a noite que a rua da Ponte, largo das Latinhas e imediações não sejam percorridos por uma horda de 15 a 20 indivíduos da pior espécie*".



Rui Ferreira

A zona ribeirinha de Braga
Das Latinhas aos Pelames



DR

O lugar das Latinhas é uma das zonas ribeirinhas mais antigas de Braga (gravura do final do século XIX)

Costuma dizer-se que as maiores comunidades humanas se fundam junto de grandes cursos de água. Esta natural generalização lógica, apoiada nas condições geográficas das grandes capitais europeias, não se aplica universalmente. Braga é um caso paradigmático, mas não único, de uma cidade de considerável dimensão no panorama português que surgiu sem o auxílio de um grande rio.

O vale fértil onde os romanos fundaram Bracara Augusta é apenas banhado por um curso de água de reduzido caudal, cuja nascente se localiza escassas léguas a levante. O rio Este apenas no último quarto de século foi plenamente integrado na área urbana de Braga, porém a ocupação humana nas suas margens é quase tão antiga como a própria cidade. É verdade que quer o centro da urbe romana, quer o centro da cidadela medieval, se localizavam a cerca de um quilómetro do rio Este, todavia nunca deixou de ter importância no quotidiano dos bracarenses.

O mapa de Braunio, que retrata Braga em 1594, é disso exemplificativo, já que nos dá a imagem de duas vias continuadamente urbanizadas até ao curso do rio. Falamos da atual avenida da Liberdade, outrora constituída pelas ruas da Ponte e das Águas, e da rua dos Pelames, hoje subdividida em São Geraldo e Monsenhor Airosa. É precisamente nesta área, a que chamamos zona ribeirinha, que vão surgir dois interessantes motivos de abordagem: as Latinhas e os Pelames.

Sabemos que em 1758, nas margens do rio Este localizadas na freguesia de São Lázaro, os terrenos aráveis apresentavam frequentes cultivos de vinho e pão, para além de "bastantes moinhos". É este, pelo menos, o testemunho do primeiro pároco de São José de São Lázaro, o reverendo João do Couto Ribeiro, nas afamadas Memórias Paroquiais. No mesmo documento se faz particular referência aos lugares da freguesia, nomeadamente "Gordeita, Escoura, Deveza, Gallos, Latas, Ribeira, Sardoal, Lages, Santo Adrião, Quingosta da Palha, Nossa Senhora a Branca, Portas e Fujacal". Um destes lugares é as Latinhas, hoje Largo do Senhor dos Aflitos, designação derivada de um pequeno oratório ali colocado no final do século XIX.

O topónimo "Latinhas", que subsistiu até ao século XX como designação oficial, já era comum no século XVIII. Nas Memórias Paroquiais de 1758 vemos já mencionada a existência da aldeia das Latas, que pensamos corresponder ao atual largo do Senhor dos Aflitos (ex-Latinhas).

Entretanto, uma outra designação aparece associada a este lugar. Anualmente realizava-se, integrado nas Festas de São João, o concurso dos bois gordos (ver caixa) cuja implantação era precisamente no largo das Latinhas, junto ao "lugar dos Curadouros". Esta designação pretendia aludir a um terreno de forte declive, localizado entre o largo das Latinhas e o rio Este, onde a população colocava a roupa a "corar" após ter sido lavada no rio. Este termo "corar"(ou quarar) é ainda hoje muito utilizado pelos bracarenses de gerações mais adiantadas e pretende aludir à primeira fase de secagem das roupas. Entretanto, a construção do edifício da Ford nos finais da década de 1940 fez desaparecer este espaço e o topónimo que lhe estava associado.

Tal como é possível observar nas gravuras mais antigas em que se vislumbra a zona ribeirinha de Braga, as Latinhas correspondiam a uma fila de habitações, a maioria com apenas um piso, com as fachadas voltadas a sul. Faziam a ligação entre a rua da Ponte e o lugar dos Galos, localizado a montante do rio. Junto ao lugar das Latinhas surgiu, em 1876, o chamado Bairro Democrático, um conjunto de habitações para operários. Este bairro foi depois batizado de Araújo Carandá, bracarense regressado do Brasil que comprou este loteamento, tendo ficado para a história por ser avô de Francisco Araújo Malheiro, presidente da Câmara de Braga por duas vezes (1938-45; 1961-64).

Outro dos lugares da zona ribeirinha de Braga era os Pelames. Prolongando-se desde o campo de Santiago até uma das mais antigas travessias sobre o rio Este, a rua dos Pelames adotou esta designação devido à atividade do tratamento dos couros, que decorria em tanques localizados perto do rio Este. Os pelames eram os oficiais a quem competia tratar os couros que depois eram utilizados pelos sapateiros da cidade. Na planta topográfica de Braga de Goullard, datada de 1883, é possível percecionar estes tanques que serviam para lavar e curtir as peles. Tratava-se da zona de couros de Braga, da qual há referências desde o século XV (Maria do Carmo Ribeiro, 2012).

Documentalmente o topónimo Pelames recua, pelo menos, ao século XVIII, mas é provável que seja anterior. No Mapa de Braga Primaz (1756) já aparece mencionada. A antiga rua dos Pelames, hoje composta pela rua de S. Geraldo e rua Monsenhor Airosa, fazia a ligação entre a porta de Santiago e a ponte sobre o rio Este. Esta artéria, densamente povoada desde pelo menos o século XVI, resulta de um antigo caminho medieval que conduzia até ao Porto.

Imediatamente antes da ponte, e atestando a existência de uma densidade populacional ancestral, existe uma ermida dedicada a Santa Justa, cuja fundação remonta a 1618.

Entre os Pelames e as Latinhas está a rua Conselheiro Lobato, cujo traçado apenas ficou definido na segunda metade do século. Esta artéria, mandada abrir nos finais do século XIX e que leva o nome de um antigo edil, sublinhou o traçado da antiga rua Pai Manta, como era popularmente conhecida.

O concurso dos bois gordos

O concurso anual dos bois gordos, que perdurou durante quase quatro décadas, era uma iniciativa de cariz rural que se integrava nas dinâmicas do arraial sanjoanino que se realizava em S. João da Ponte. Criado pelo decreto de 27 de maio de 1865, este concurso tinha como finalidade "promover a industria da engorda e animar os que se empregam na producção e creação dos gados por meio de premios pecuniarios". Esta competição decorria na manhã do dia 24 de junho, junto ao lugar dos Curadouros, sensivelmente no local do largo das Latinhas. Os produtores que pretendessem submeter os seus exemplares bovinos a concurso deveriam trazer um atestado passado pela respetiva junta de paróquia. Em 1874 foram premiados os primeiros seis classificados. O primeiro classificado levaria para casa 80 mil reis, sendo que ao segundo era atribuído um prémio pecuniário de 40 mil reis. aos restantes quatro premiados eram atribuídos 20 mil reis. Segundo o "Commercio do Minho" de 16 de junho de 1874, seriam premiadas as "seis juntas de bois de maior peso", sendo que em caso de contestação "se verificará pela balança" a referida classificação.

VII.

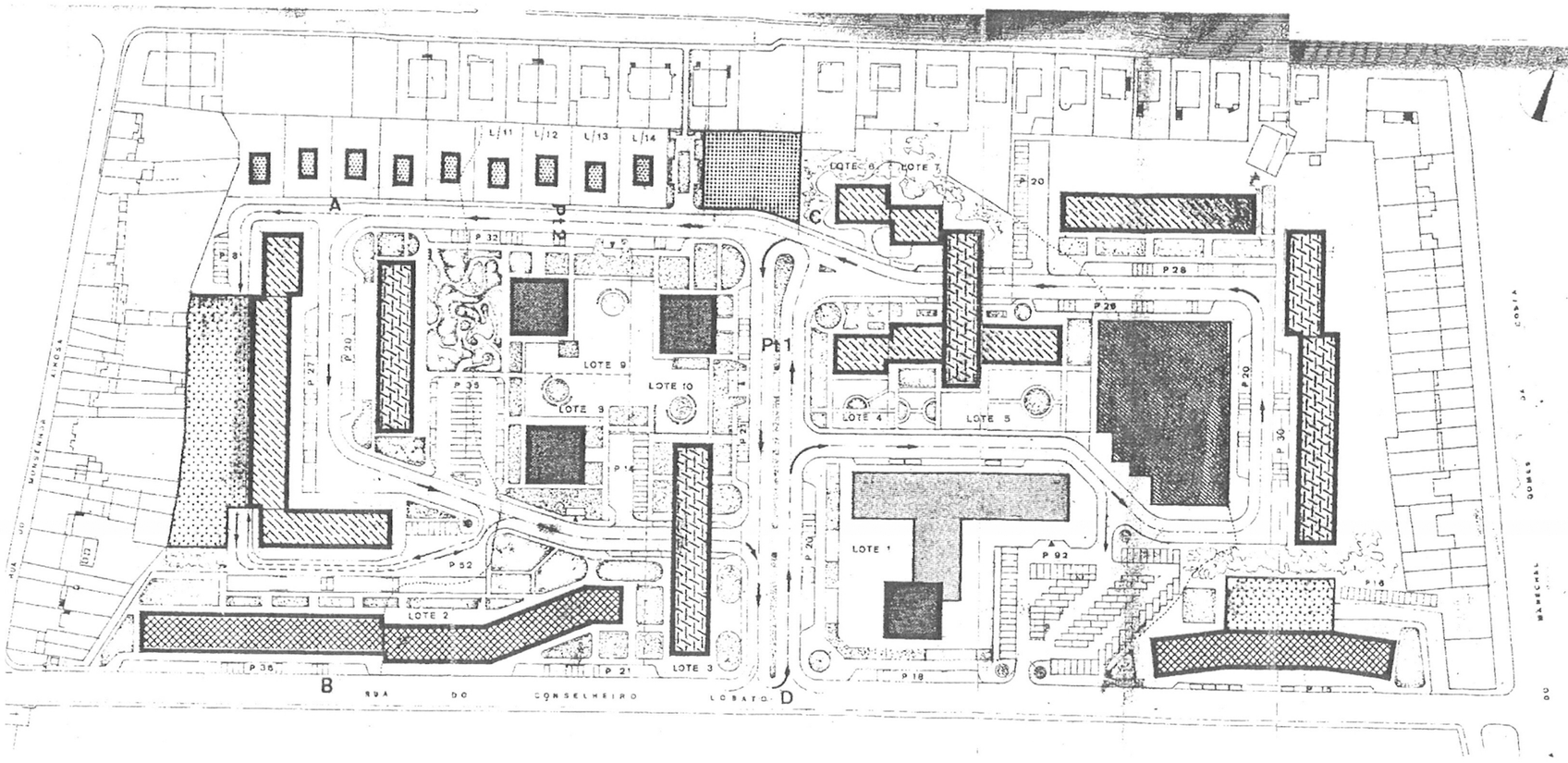
APÊNDICES

APÊNDICE A – Intervenções de Expansão ao abrigo de Planos de Pormenor, 1982

SITUAÇÃO ACTUAL

- Planos de pormenor aprovados
- Planos de pormenor em estudo
- Planos de pormenor em aprovação
- Equipamento

APÊNDICE B
Plano de Loteamento do Fujacal, Álvaro Pimentel, 1980



LEGENDA

- 2 PISOS - R/C - COMÉRCIO
- 8 " "
- 8 " "
- 8 " "
- 10 " "
- 10 " "
- 2 " COMÉRCIO — CENTRO CÍVICO
- 1 " GARAGENS
- ACESSO CAVE GARAGENS
- ÁREA DESTINADA A ESCOLA
- ÁREA DESTINADA A UM POSTO ELÉCTRICO DE SECCIONAMENTO
- TERRENO DO REQUERENTE

1.1

CONJUNTO RESIDÊNCIAL E COMERCIAL
DA QUINTA DO FUJACAL * · BRAGA

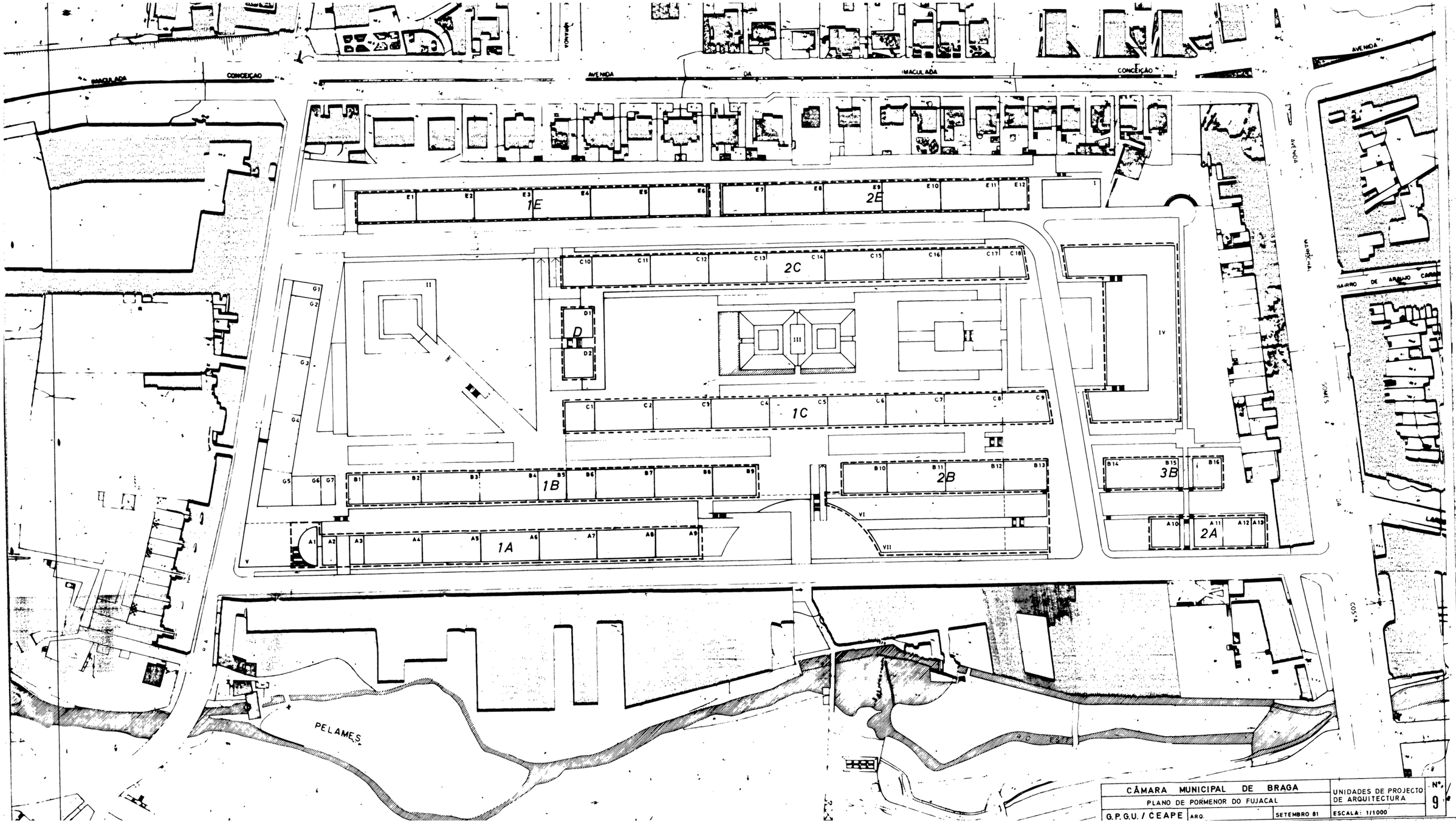
requerente:

LÉO GROS

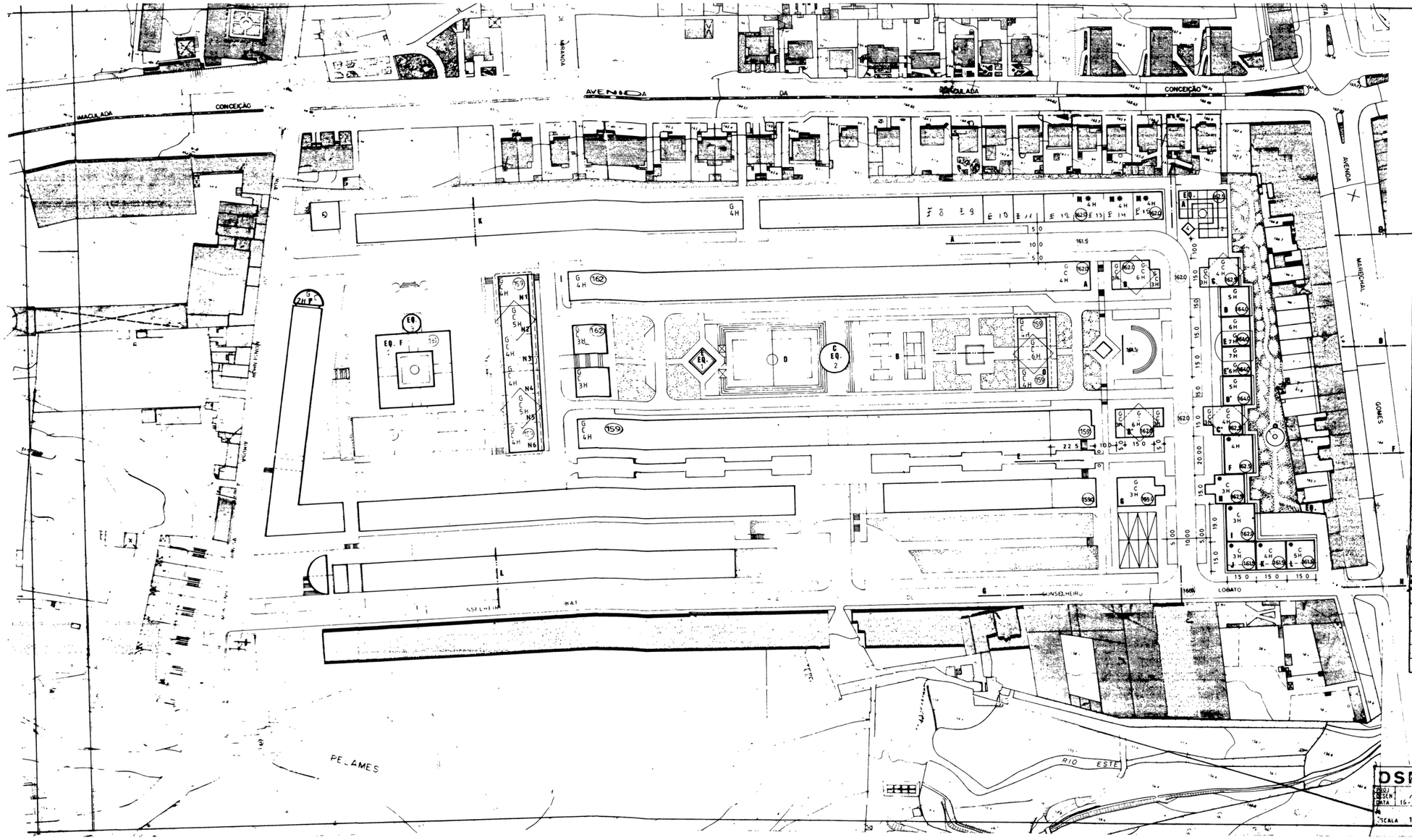
planta de loteamento e. 1:1000

arquitecto

APÊNDICE C
Plano de Pormenor do Fujacal, Arq. Arturu Gaspar, 1981


AVENIDA DA IMACULADA CONCEIÇÃO
AVENIDA DA IMACULADA CONCEIÇÃO
AVENIDA
1E
2E
2C
1C
1B
2B
3B
1A
2A
PELAMES
CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA
PLANO DE PORMENOR DO FUJACAL
G.P.G.U. / CEAPE
ARQ.
SETEMBRO 81
UNIDADES DE PROJECTO DE ARQUITECTURA
ESCALA: 1/1000
Nº 9

APÊNDICE D
Plano de Pormenor da zona nascente do Fujacal, Arq. Mário Louro, 1986



* FRACCIONAMENTO DO LOTE N

LOTES	AREA IMPL. (m²)	Nº PISOS/UTILIZ./COTA			AREA G (m²)	AREA C (m²)	AREA H (m²)	AREA TOT. CONST. (m²)
N 1	20x15=300	1	G	156,50	300,00	300,00	225x4=900	1500,00
		4	C	159,00				
		4	H	162,00				
N 2	20x15=300	1	G	156,50	300,00	300,00	225x5=1125	1725,00
		4	C	159,00				
		5	H	162,00				
N 3	20x15=300	1	G	156,50	300,00	230,00	225x4=900	1430,00
		4	C	159,00				
		4	H	162,00				
N 4	20x15=300	1	G	156,50	300,00	230,00	225x4=900	1430,00
		4	C	159,00				
		4	H	162,00				
N 5	20x15=300	1	G	156,50	300,00	300,00	225x5=1125	1725,00
		5	C	159,00				
		5	H	162,00				
N 6	20x15=300	1	G	156,50	300,00	300,00	225x4=900	1500,00
		4	C	159,00				
		4	H	162,00				

QUADRO SINÓPTICO

LOTES	Nº DE PISOS	UTILIZAÇÃO	AREA DE IMPLANTAÇÃO	AREA DE GARAGENS	AREA DE COMÉRCIO	AREA DE HABITAÇÃO	VOLUME DE CONSTRUÇÃO	COTA DE IMPLANTAÇÃO
A	6	G+C+6H	337,50 m²	337,50 m²	587,50 m²	1.388 m²		162,00
B	5/6	G+C+5H	350,00 m²	350,00 m²		1725,00 m²		162,00
B*	5/6	G+C+5H	350,00 m²	350,00 m²		1725,00 m²		162,00
		G+C+6H						
C	5/6	G+C+6H	275,00 m²	275,00 m²	275,00 m²	1050,00 m²		162,50
C*	5/6	G+C+6H	275,00 m²	275,00 m²	275,00 m²	1050,00 m²		162,50
		G+C+5H						
D	6	G+5H	225,00 m²	225,00 m²	-	1125,00 m²		164,00
D*	6	G+5H	225,00 m²	225,00 m²	-	1125,00 m²		164,00
E	7/8	G+6H	225,00 m²	225,00 m²	-	1462,50 m²		164,00
		G+7H						
E*	7/8	G+6H	225,00 m²	225,00 m²	-	1462,50 m²		164,00
		G+7H						
F	5	4H	300,00 m²	300,00 m²	-	1200,00 m²		162,50
G	5	G+C+3H	325,00 m²	325,00 m²	326,00 m²	975,00 m²		159,00
H	5	C+3H	250,00 m²	250,00 m²	250,00 m²	750,00 m²		162,50
I	5	G+C+3H	300,00 m²	300,00 m²	300,00 m²	900,00 m²		168,00
J	5	C+4H	225,00 m²	226,00 m²	226,00 m²	678,00 m²		161,50
K	6	C+4H	225,00 m²	225,00 m²	225,00 m²	900,00 m²		161,50
L	7	C+5H	225,00 m²	225,00 m²	225,00 m²	1125,00 m²		161,50
M	5	4H	675,00 m²	675,00 m²	—	2.700 m²		162,00
* N	6/7	G+C+4H	1800,00 m²	1.800,00 m²	1.660,00 m²	5.914,00 m²		159,00
O	6/8	G+C+4H	740,00	740,00 m²	600,00 m²	2.136,00 m²		159,00
		G+C+5H						
P	4	G+C+2H	58,75	88,00 m²	0,50 m²	176,00 m²		162,00
			1.640,50 m²	1.640,50 m²	5.148,00 m²	30.126,00 m²		
EQ. A	2/4	Infantário	350,00	-	-	-		162,50
" B	-	Ténis		-	-	-		159,00
" C	2	Balneário	176,00 m²	-	-	-		159,00
" D	-	Futebol		-	-	-		158,50
" E	1	Café	100,00 m²	-	-	-		159,50
" F	2/3	Escola	1.185,00 m²	-	-	-		161,00

* - Facultativo a construção de garagens em cave

DSPP DIVISÃO DOS SERVIÇOS DE PLANEAMENTO E PROJECTOS · C.M.B.

PROJ. CSEN. DATA 16-12-94

PLANO DE PORMENOR DO FUJACAL - PROJECTO DE REMODELAÇÃO DA ZONA NASCENTE

ESCALA 1:1000 PLANTA DE SÍNTESE 5



UNIVERSIDADE DO PORTO